

# **COLLIGAÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA**

## **Esboço historico e constituição**

**TRISTÃO DE ATHAYDE**

Vamos tentar, em poucas paginas, fornecer ao publico um conhecimento summario do que somos e do que pretendemos fazer, nesta hora em que o Brasil precisa do esforço de todos os seus filhos para reconstituir a sua vida nacional, tão profundamente abalada pelos acontecimentos politicos dos ultimos annos e que coincide com um dos momentos mais memoraveis da historia do christianismo sobre a terra. Não é só como "brasileiros", que cada um de nós precisa neste momento sair do circulo individual de suas actividades, profissionais ou domesticas, para trazer a sua collaboração á tarefa commum a todos os filhos desta terra. E' tambem como "christãos" que cada um de nós deve trabalhar em conjunto com todos os homens de boa vontade, em defesa dos principios mais sagrados da civilização, que são ameaçados modernamente por um duplo perigo: um "interno" á nossa propria civilização, que é a decadencia da noção de dever, o desinteresse pelo bem publico, o abuso das posições officiaes, a ganancia dos interesses materiaes, a decadencia dos costumes, o esquecimento das virtudes tradicionaes da ordem, da economia, da simplicidade, o relaxamento da autoridade, ou sejam manifestações diversas do mesmo "espirito de facilidade" que leva as civilizações á ruina;— o outro, "externo", que se concretisa nas ameaças do imperialismo sovietico, que a despeito de todas as promessas interesseiras da Russia, para ganhar as boas graças dos governos capitalistas e obter delles creditos para suas compras e freguezes para suas vendas internacionaes, continua a cozinhar a fogo lento no fundo da fogueira russa, prompto a incendiar de novo o mundo ao primeiro signal de uma Guerra ou de uma Revolução victoriosa.

Contra esse duplo perigo que ameaça a nossa civilização, e com ella tambem, o Brasil, — devemos estar todos de pé, não apenas com

as nossas queixas intimas, as nossas nostalgias de melhores tempos, as nossas recriminações contra os erros dos outros, mas com as “nossas proprias pessoas”, pois nas horas decisivas como esta, a ninguem é dado se afastar do posto de luta.

( Ora, a luta não se faz apenas nos campos de batalha ou nas barricadas revolucionarias. É justamente

para evitar a Guerra

para “poupar” mais Revoluções

para ajudar a sociedade a vencer a Crise

que a Colligação Catholica Brasileira convida todos os brasileiros sadios e conscientes a trazer-lhe o seu amparo, moral e material, independente de partidos politicos ou de preferencias pessoases, de condição social ou mesmo de Fé, afim de habilital-a a proseguir na sua obra, em favor da paz e da tranquillidade social do Brasil pela defesa dos principios sagrados da civilização christã que nos formou.

Cada um dos sectores em que se divide a actividade da Colligação Catholica Brasileira (C. C. B.) visa emprenhender a mesma obra, em meios differentes ou por differentes processos.

### SECRETARIADO

E no meio de todas ellas, está o “Secretariado”, que é o traço administrativo permanente, profissional e remunerado, que liga a todas. Ao passo que as directorias das varias associações exercem seus cargos, em caracter puramente gracioso, organizamos o Secretariado, com caracter remunerado, justamente para poder permittir um trabalho continuo e uma direcção technica.

Todos os trabalhos de secretaria das varias associações são centralizadas nesse secretariado, de modo a tornal-os mais economicos. E com isso podemos intensificar a nossa actuação que já é consideravel, pois estamos em contacto constante com todo o Brasil. Se esses trabalhos de secretaria é que exigem uma movimentação maior de nossos recursos — cujo vulto já assumiu, no anno findo, á cifra respeitavel de 300:000\$000 (trezentos contos de réis) — graças a elles é que podemos manter correspondencias com todos os Estados, expedir mensalmente 2.500 exemplares da ORDEM, 500 e tantos da “Vida”; aceitar encommendas de livros e transmittil-as para a Europa; fazer a cobrança de 500 socios do Centro D. Vital, dos 300 da A. U. C., dos alumnos do Instituto e de todos aquelles que nos permittem viver, graças ás suas contribuições mensaes de “Cooperadores” das nossas obras sociaes.

Sobre essa organização administrativa centralizada é que repousa então a variedade de nossas associações, como passamos a ver.

### CENTRO D. VITAL

É a mais antiga de nossas instituições. Fundado, em 1922, por Jackson de Figueiredo, afim de congregar sob o patrocínio do famoso Bispo de Olinda, prisioneiro do Governo Imperial por dois annos, apenas por defender a independência da Igreja, — em um grupo unico, os intellectuaes que almejavam reagir contra o materialismo crescente da literatura e da intelligencia brasileira — teve o Centro D. Vital vida precaria por varios annos. Lutando com as maiores difficuldades materiaes, pauperrimo como era, numa época das mais exacerbadas lutas politicas que precederam a Revolução de 1930, conseguiu entretanto Jackson de Figueiredo, nos 6 annos que durou o Centro até sua morte, em 1928, firmar em todo o Brasil o conceito moral e intellectual do Centro que fundou. Quando, nesse tragico domingo, de 4 de Novembro de 1928, apagava o mar da Tijuca em poucos minutos a luz dessa vida insubstituivel — ficava o Centro D. Vital sem qualquer base material, sem uma séde, sem uma secretaria, sem nada de proprio, — mas com um nome respeitado até os confins de nossa terra e uma bagagem de mais de 15 volumes publicados e uma revista A ORDEM, modesta, mas já firmada no conceito de todos os homens dignos.

Em 6 annos operara o Centro D. Vital, apesar da precariedade de sua existencia material, uma obra de defesa dos principios capitaes da nossa civilização e da nossa ordem nacional e christã, que para elle attrahiam a attenção de muitos, que julgavam impossivel tal restauração.

Ao passo que, de 1922 a 1929, a revolução politica fazia uma marcha accelerada nos espiritos, nos quartéis, nos governos, em toda a parte, e ia explodir no movimento de 1930, — dentro do Centro D. Vital, um grupo exíguo mas ardente de moços recusava-se a salvar o Brasil pelo remedio da luta fratricida e do appello á revolta das armas, pois era apenas pôr lenha á fogueira e soltar os instinctos açaimados, mas sempre latentes, da desordem e da anarchia. Dentro do Centro o que se estudava e o que se preparava, durante esses annos de preparação revolucionaria — era todo um corpo de doutrinas, capaz de evitar ao Brasil o sacrificio de uma revolução.

Veiu, porém, em 1928, a morte de Jackson. E seus amigos, abatidos por essa perda irreparavel, mas não desanimados, convidaram

para seu successor, uma outra figura da geração do mesmo Jackson, vindo do mais completo agnosticismo e da literatura pura e convertido ao catholicismo e á vida de acção pelo proprio Jackson.

Não houve, então, solução de continuidade na vida e na obra do Centro. Timbrando em dar ao Centro uma attitude cada vez mais superior aos embates politicos de então e intensificando a mesma preparação doutrinar que Jackson iniciara e praticara, entre 1921 e 1928, continuou a nova directoria a fazer do Centro uma officina de preparação contra-revolucionaria. Não pela defesa do conformismo e da acquiescencia aos innegaveis males ambientes, — mas por “não ter fé na medicina revolucionaria” e por visar uma acção menos immediata mas mais profunda, menos politica e mais social, contra a revolução militar ou civil, contra as instituições, mas a favor da revolução espirital contra os erros dos homens e os falsos principios.

Em 1930, veio a Revolução Politica e de então para cá se succedem as chamadas “desillusões revolucionarias”. Ao passo que depois de 1930 movimentos politicos se formaram, cujos principios são em regra os mesmos ideaes de autoridade de ordem e disciplina social, pregados pelo Centro D. Vital, em vida de Jackson e depois de sua morte, de 1921 até hoje.

Não vamos, aqui, traçar a historia dos ultimos annos. Nem mesmo summariamente. Fizemos esta allusão apenas para marcar o “character” e os “objectivos” do Centro D. Vital. Sem tomar parte na politica militante e entretanto sem se desinteressar della; estudando todos os problemas á luz da doutrina social das Encyclicas, da doutrina philosophica thomista e da doutrina religiosa da Igreja Catholica, mãe de toda ordem e paz na sociedade, continua o Centro a orientação tão sabia que ha 13 annos lhe dava o seu fundador e que, á luz dos acontecimentos desses ultimos annos, se tem revelado tão fecunda e indispensavel ao meio.

De 1928 a 1935, nesses outros 7 annos de vida, o que o Centro fez, além de dedicar-se aos estudos já iniciados, particularmente no sentido de rechristianizar a intelligencia brasileira e, ao mesmo tempo, intellectualizar os meios religiosos, — foi consolidar-se e estender-se.

Augmentou e variou o numero de seus cursos, organizou a sua secretaria, installou-se em sédes progressivamente mais amplas, procurou tornar suas actividades mais conhecidas do grande publico e estendeu o numero de seus socios de menos de 50 (cincoenta) em 1928 a mais de 500 (quinhentos) actualmente. Fundaram-se novos centros em varias cidades do Brasil, havendo hoje, além do

Centro D. Vital do Rio de Janeiro, os seguintes: S. Paulo, Recife, Aracaju, Bahia, Bello Horizonte, Porto Alegre, Juiz de F6ra, Itajub6, Campos, Uberaba, achando-se varios em preparaç6o noutras capit6es.

Quanto 6 sua organizaç6o no Rio, foi julgado de bom aviso dividir o Centro em varios sectores, cada um dos quaes tomou um nome proprio, assumindo todos o nome commum, que hoje nos reune, de Coligaç6o Catholica Brasileira.

### ACÇ6O UNIVERSITARIA CATHOLICA

Foi esse o primeiro desdobramento do Centro D. Vital.

Jackson nunca teve tempo de dirigir-se especialmente aos moços. De modo que os meios universitarios, sobretudo, foram sendo conquistados, de modo alarmante, pelo espirito revolucionario extremista.

Em 1929, ante as manifestaç6es cada vez mais inequivocas desse espirito destruidor nos meios de estudantes superiores, um grupo destes, que tambem pertenciam ao Centro D. Vital, deliberaram de accordo com o Centro, fundar uma associaç6o destinada especialmente a congregar os estudantes catholicos, que n6o se resignavam a passar pelas escolas apenas para ganhar o seu diploma, nem se resignavam com o espectaculo de ver os meios universitarios cada vez mais penetrados de communismo, theorico e pratico. E dahi nasceu a Acç6o Universitaria Catholica, que congrega estudantes de todas as escolas superiores e publica, ha um anno com toda a regularidade, uma revista universitaria "Vida", que 6 a unica a reagir nesses meios, contra o espirito revolucionario e materialista das outras revistas congeneres em sua maioria.

Reunindo-se todas as semanas, em sess6es publicas, com uma frequencia m6dia de 40 a 50 rapazes, de todas as faculdades, com seus varios circulos especializados de estudos de Liturgia, de Philo-sophia, de Biologia, de Sociologia e Direito, vae a A. U. C., dentro da escassez dos seus recursos, mantidos pode-se dizer quasi que exclusivamente pela munificencia de uma s6o m6o generosa, que compreendeu, por ser Mãe e Brasileira, o alcance dessa obra para a formaç6o dos moços, — vae a A. U. C. realizando com muita f6 e muito ideal o seu grandioso programma.

### CONFEDERAÇ6O DE OPERARIOS CATHOLICOS

Se os estudantes precisam de uma obra s6o para elles, que diremos ent6o dos operarios?

Nada de systematicos já se fez no Brasil, pela aggremação dos operarios catholicos. E, no entanto, são elles, sem duvida alguma, a parte mais selecta do nosso corpo, pois são em geral, esses mesmos "Pobres" que Jesus Christo recommendou particularmente á sua Igreja e aos seus fieis.)

Devemos confessar, desde logo, que a nossa organização dos operarios catholicos ainda existe apenas "no papel". A unica obra, aliás benemerita, que existe nesse sentido, no Rio, é a Corporação dos Trabalhadores Catholicos de Villa Isabel. Ha mais de vinte annos que esses corajosos operarios, auxiliados pelos P. P. Redemptoristas, vêm realizando a unica obra que até hoje existe, aqui, para o operario catholico. E' preciso que aqui se renda justiça a esses homens devotados. E se diga que a nossa organização existe para offerecer-lhes uma oportunidade de irradiarem cada vez mais a sua acção até hoje limitada e prejudicada, pela luta contra a mais terrivel falta de recursos materiaes.

De nossas obras, é esta a que mais precisa do amparo e da sympathia de todos os homens de boa vontade que sabem da infiltração communista nos meios proletarios e da necessidade inadiavel de preservar, nos que ainda não se deixaram contaminar, o espirito christão de reforma social pacifica.

A Confederação de Operarios Catholicos visa formar syndicatos catholicos, circulos operarios sem indicação confessional, onde fôr necessario, centros de assistencia material, procuradorias de trabalho, imprensa operaria e, sobretudo, a "Casa do Operario" em cada bairro, onde possam ter, em boas installações, salas de leitura, piscina, play-ground para os filhos, bibliotheca, salão de conferencias, etc.

Esse o programma da nossa C. N. O. C., que está hoje sob a direcção dos moços, hontem egressos da A. U. C., cheios de animo e de fé e já preparados no traquejo das "Equipés Sociaes".

### EQUIPES SOCIAES

Essa é uma obra autonoma, mas brotada tambem do nosso meio e executada por nossos elementos.

Fundadas por Robert Garric, com os nossos aucistas, a exemplo da obra de igual natureza nascida em França, depois da guerra, já conta no Rio doze nucleos, cincoenta estudantes e cerca de trezentos operarios filiados. Circulo de estudo, de amizade, de vida em commun entre estudantes e operarios, estabelecem o contacto entre classes sociaes e permitem aos moços levar a esses meios, on-

de já se abandonou a escola pelo trabalho, a cultura, a amizade, o conselho, a convivência amigável. É uma das nossas obras sociais que mais repercussão têm encontrado nesta nova geração de estudantes, avida de servir socialmente e de colaborar, effectivamente, na obra de aproximação entre classes sociais, burguezia e proletariado, para que se exerça, pacificamente, a reforma social christã, dentro da paz e da harmonia social.

### INSTITUTO CATHOLICO DE ESTUDOS SUPERIORES

Esse é outro dos desdobramentos de nossa actividade social.

Se as revoltas nas ruas se processam, se as crises provocam misérias em todos os lares, se as nações vivem em luta e continu'a a preparação para a Guerra, é que a desordem se introduziu nos espiritos.

A função primordial de nossas associações é colaborar na cura dessa desordem mental contemporanea. E o remedio que offerecemos é a volta aos principios inmutaveis da sabedoria christã, assentes na recta razão e na autoridade immemorial da Igreja.

Para isso, era essencial concentrar nossa tarefa doutrinaria em um instituto que viesse offerecer aos leigos, desta capital, o que as escolas superiores não offerecem: estudo de theologia, de philosophia, de liturgia, de sociologia, que lhes permittam aprofundar e systematisar os conhecimentos esparsos e summarios que dessas materias possuem. Fundado em 1932, com o comparecimento de S. E. o Cardeal D. Sebastião Leme, do então Ministro da Educação, sr. Francisco de Campos, do então Reitor da Universidade, Dr. Fernando de Magalhães, alcançou o Instituto grande exito, tendo até hoje mantido suas aulas, com matricula total de 180 a 220 alumnos e uma frequencia média de 40 a 50 por cento desse numero.

Sem fundos para pagar os seus professores, numa installação material mais que insufficiente e sem offerecer nenhuma vantagem official em materia de diplomas, vem o Instituto proseguindo, sem desfallecimento, em sua tarefa de espalhar o estudo da religião e da philosophia, nesses meios de leigos, chamados, cada vez mais insistentemente, a colaborar com a hierarchia da Igreja, na obra da acção catholica.

O Instituto quer ser apenas uma preparação para a futura Universidade Catholica Brasileira, que venha a ser para o Brasil o que Lovain é para a Belgica. A obra a realizar, porém excede ás possibilidades de uma geração. E só póde ser feita lentamente. Mas

Nada de systematicos já se fez no Brasil, pela aggremação dos operarios catholicos. E, no entanto, são elles, sem duvida alguma, a parte mais selecta do nosso corpo, pois são em geral, esses mesmos "Pobres" que Jesus Christo recommendou particularmente á sua Igreja e aos seus fieis.)

Devemos confessar, desde logo, que a nossa organização dos operarios catholicos ainda existe apenas "no papel". A unica obra, aliás benemerita, que existe nesse sentido, no Rio, é a Corporação dos Trabalhadores Catholicos de Villa Isabel. Ha mais de vinte annos que esses corajosos operarios, auxiliados pelos P. P. Redemptoristas, vêm realizando a unica obra que até hoje existe, aqui, para o operario catholico.) E' preciso que aqui se renda justiça a esses homens devotados. E se diga que a nossa organização existe para offerecer-lhes uma oportunidade de irradiarem cada vez mais a sua acção até hoje limitada e prejudicada, pela luta contra a mais terrivel falta de recursos materiaes.

De nossas obras, é esta a que mais precisa do amparo e da sympathia de todos os homens de boa vontade que sabem da infiltração communista nos meios proletarios e da necessidade inadiavel de preservar, nos que ainda não se deixaram contaminar, o espirito christão de reforma social pacifica.

A Confederação de Operarios Catholicos visa formar syndicatos catholicos, circulos operarios sem indicação confessional, onde fôr necessario, centros de assistência material, procuradorias de trabalho, imprensa operaria e, sobretudo, a "Casa do Operario" em cada bairro, onde possam ter, em boas installações, salas de leitura, piscina, play-ground para os filhos, bibliotheca, salão de conferencias, etc.

Esse o programma da nossa C. N. O. C., que está hoje sob a direcção dos moços, hontem egressos da A. U. C., cheios de animo e de fé e já preparados no traquejo das "Equipes Sociaes".

### EQUIPES SOCIAES

Essa é uma obra autonoma, mas brotada tambem do nosso meio e executada por nossos elementos.

Fundadas por Robert Garric, com os nossos aucistas, a exemplo da obra de igual natureza nascida em França, depois da guerra, já conta no Rio doze nucleos, cinquenta estudantes e cerca de trezentos operarios filiados. Circulo de estudo, de amizade, de vida em commum entre estudantes e operarios, estabelecem o contacto entre classes sociaes e permitem aos moços levar a esses meios, on-



de já se abandonou a escola pelo trabalho, a cultura, a amizade, o conselho, a convivência amiga. E' uma das nossas obras sociaes que mais repercussão têm encontrado nesta nova geração de estudantes, avida de servir socialmente e de collaborar, effectivamente, na obra de approximação entre classes sociaes, burguezia e proletariado, para que se exerça, pacificamente, a reforma social christã, dentro da paz e da harmonia social.

### INSTITUTO CATHOLICO DE ESTUDOS SUPERIORES

Esse é outro dos desdobramentos de nossa actividade social.

Se as revoltas nas ruas se processam, se as crises provocam misérias em todos os lares, se as nações vivem em luta e continu'a a preparação para a Guerra, é que a desordem se introduziu nos espiritos.

A funcção primordial de nossas associações é collaborarem na cura dessa desordem mental contemporanea. E o remedio que offerecemos é a volta aos principios inmutaveis da sabedoria christã, assentes na recta razão e na autoridade immemorial da Igreja.

Para isso, era essencial concentrar nossa tarefa doutrinaria em um instituto (que viesse offerecer aos leigos, desta capital, o que as escolas superiores não offerecem: estudo de theologia, de philosophia, de liturgia, de sociologia, que lhes permittam aprofundar e systematisar os conhecimentos esparsos e summarios que dessas materias possuem. Fundado em 1932, com o comparecimento de S. E. o Cardeal D. Sebastião Leme, do então Ministro da Educação, sr. Francisco de Campos, do então Reitor da Universidade, Dr. Fernando de Magalhães, alcançou o Instituto grande exito, tendo até hoje mantido suas aulas, com matricula total de 180 a 220 alumnos e uma frequencia média de 40 a 50 por cento desse numero.

Sem fundos para pagar os seus professores, numa installação material mais que insufficiente e sem offerecer nenhuma vantagem official em materia de diplomas, vem o Instituto proseguindo, sem desfallecimento, em sua tarefa de espalhar o estudo da religião e da philosophia, nesses meios de leigos, chamados, cada vez mais insistentemente, a collaborar com a hierarchia da Igreja, na obra da acção catholica.

O Instituto quer ser apenas uma preparação para a futura Universidade Catholica Brasileira, que venha a ser para o Brasil o que Lovain é para a Belgica. A obra a realizar, porém excede ás possibilidades de uma geração. E só póde ser feita lentamente. Mas

como as necessidades de uma cultura superior, baseada em princípios sadios e não viciada pela desordem moderna nas orientações individuais, não podem esperar, precisa a obra do Instituto Catholico de Estudos Superiores ser levada avante, com paciencia e coragem. E ser ampliada, com outras materias e cursos especializados.

### ASSOCIAÇÃO DE BIBLIOTHECAS CATHOLICAS

Esta se occupa com a obra do "livro".

E' o instrumento indispensavel de toda a nossa actuação. O mundo moderno lê enormemente. Mas lê mal e lê, em regra, máos livros. Dahi, podermos dizer que o livro é, hoje, o grande vehiculo da desordem nos espiritos e na sociedade. Pois planta em cada cabeça uma sentença e dá aos homens a illusão de saberem muito, apenas porque leram muito ou o que "julgam" ser muito.

Se o livro traz o veneno, é pelo livros e seus similares que devemos levar o antidoto. De modo que a obra de diffusão da boa leitura é uma sequencia necessaria de todos os nossos propositos.

E é o que visa a A. B. C.. E, para isso, já montou um pequeno balcão de venda de livros, em nossa propria séde, que tem tido um relativo movimento, mostrando a necessidade de estender e consolidar a obra.

Jackson bem viu o problema, quando tomou a si a Livraria Catholica, que outros haviam fundado. Morreu, deixando-a em stiuacão delicada, que só fez peorar, nesses sete annos, por direcções incapazes que a levaram agora a dissolver-se.

Com o desaparecimento da Livraria Catholica, torna-se ainda mais premente a obra da A. B. C.. Por que não augmentar a Livraria Anchieta? Tiral-a das installações minimas que possui para leval-a ao grande publico, numa installação condigna e com um stock de obras, não de fancaria devocional, mas de alto valor literario e intellectual, se bem que seleccionada na base dos nossos criterios de verdade e de moralidade?

Esse é o problema que tem, perante si, a A. B. C. e que será um daquelles que dependem de maior vitalidade e dos recursos mais abundantes da C. C. B..

### CONFEDERAÇÃO DE IMPRENSA CATHOLICA

Formámos tambem essa obra, dentro da nossa associação de associações, para centralizar o trabalho de publicidade, informações,

publicações, etc., estabelecendo o contacto entre todos os jornaes que, no Brasil, se inspiram dos mesmos principios em que assentam a paz e a prosperidade nacional.)

A obra despertou logo o maior nteresse e teve a adhesão immediata de todos a que nos dirigimos. (Até hoje, porém, não foi possivel pôr em pratica a idéa, que se acha igualmente á espera dos elementos, sobretudo materiaes, que até agora nos têm faltado.)

Eis ahi, em rapido esboço, algumas notas sobre cada uma de nossas actividades que, reunidas, constituem a Colligação Catholica Brasileira.

(Algumas em pleno funcionamento e francamente prosperas como o Centro D. Vital, com seus quinhentos socios e seu orçamento em saldo; como a nossa revista A ORDEM, com suas oitenta e cem paginas mensaes de texto, e seus mil e quinhentos assignantes, quando, ha sete annos, apresentava quinze a vinte paginas de texto, sahia tres ou quatro vezes por anno e não tinha mais de cem assignantes, — e é hoje a “unica” revista de cultura, em todo o Brasil, que têm quatorze annos de vida ininterrupta;) como a A. U. C., que já conta com um nucleo consideravel de estudantes bem doutrinados e prômptos para a acção destemerosa e ardente. (Outras, mantendo-se corajosamente, apesar dos obstaculos com que lutam, como o Instituto de Estudos Superiores ou a Associação de Bibliothecas Catholicas. Outra, em actividade minima, mas prompta a acelerar o seu esforço, como a Confederação dos Operarios. E outra, emfim, no papel, mas, á espera de sua oportunidade, como a Confederação de Imprensa.)

Só quem conhece as difficuldades de uma “acção social” não politica e sem qualquer apoio dos poderes publicos, em nossos meios, é que pôde avaliar que esse balanço é de uma victoria e não de um fracasso.

Devemo-l'a ás graças especiaes da Providencia sobre os nossos trabalhos e, particularmente, ao inestimavel apoio moral com que sempre nos tem acompanhado o Chefe da Igreja Catholica Brasileira, nosso guia, o nosso amigo, o eminente Cardeal D. Sebastião Leme.

Muito, porém, nos resta a fazer. E, para isso, é que vimos apellar, neste mez de Maio, para a generosidade e para a intelligencia do povo desta capital e, especialmente, daquelles que têm a consciencia bem nitida das inadiaveis necessidades de defesa social que temos deprehender, sob pena de vermos por terra todo o patrimonio moral e espiritual que nos foi legado pelos nossos maiores, além das innumeradas miserias materiaes que se espalhariam por toda a parte.

Quando pudermos, por meio de serviços em larga escala, orga-

uizar, por exemplo, os operarios catholicos em poderosas organizações syndicaes e em centros de assistencia social e material á sua classe, teremos opposto uma barreira invencivel aos communistas, teremos dado ás classes operarias uma elevação social exigida pela justiça e poderemos influir decisivamente nos proprios destinos da civilização brasileira.

E o mesmo succederá com as demais organizações nossas, nenhuma das quaes é superflua e, antes, pelo contrario, attende a um ponto capital de defesa do nosso patrimonio espirital, base de tudo o que ha de mais precioso e indispensavel para que o Brasil se conserve unido, independente e christão.

# O LEGIONARIO

Quinzenario catholico com approvação ecclesiastica

DIRECTOR: PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL, 12\$000

Redacção e administração: Rua Immaculada Conceição, 5  
Caixa Postal, 3471 — São Paulo — Capital

# **O MYSTERIO DE CHRISTO NA LITURGIA**

**D. LOURENÇO LUMINI, O. S. B.**

**Prof. de Theologia no Seminário Benedictino do Alto da Boa Vista**

“Sem contradicção possível, grande é o mysterio da piedade. Aquelle que se manifestou na carne, foi julgado pelo Espirito, visto pelos anjos, annunciado aos gentios, crido no mundo, assumido na gloria”. Assim escreve São Paulo e Timoteo (I Tim. III, 16), e não é esta a primeira vez que a contemplação do mysterio de Christo arranque do coração abraçado do apóstolo exclamações ardorosas. O grande homem era totalmente dominado pela sublime idéa de Christo, e de o contemplar com affecto, cada dia mais intenso, adquiria claridades sempre mais fulgidas.

“O ministerio de morte (ou a economia do Velho Testamento), exprimido em letras sobre pedras, foi glorioso, a ponto de os filhos de Israel não poderem fixar o olhar no vulto de Moysés, devido ao esplendor que, embora transitorio, emanava de seu vulto. Muito mais glorioso o ministerio do espirito (o do Novo Testamento). Pois, se gloriosa foi a economica de condemnação, muito mais gloriosa será a de santidade... Se o transitorio teve luz de gloria, tanto maior será a gloria d'aquillo que é permanente. Fortalecidos por tal certeza, nós usamos de muita franqueza, e não fazemos como Moysés que velava o vulto, para que os Israelitas não lhe contemplassem a gloria passageira... De face descoberta, espelhando em nós a gloria do Senhor, isto é, reproduzindo-o no nosso intimo, transformamo-nos na sua imagem, de claridade em claridade, impellidos pelo Espirito de Deus” (II Cor. II, 7-18).

Mysterio profundo, disse-nos o primeiro texto do Apóstolo, e, no segundo, nos diz que é mysterio transformante. O coração humano, ou o homem todo, na sua vida affectiva, pela contemplação do mysterio, sobe até ás alturas de Christo e se transforma nelle, a ponto de, uma vez chegado ao Thabor da contemplação, poder exclam-

mar com São Paulo: "Sou eu que vivo? Não! Em mim vive Christo!" (Gal. II, 20).

A' transformação progressiva apontada pelo Apostolo chega-se por varios caminhos: "O Espirito inspira como quer (Jo. III, 8)". Mas o caminho providencial, a todos accessivel, e de todos com-preensivel, é aquelle indicado pela liturgia. O fim da liturgia é exactamente fixar o grande mysterio do coração, e procura obter tal fim usando da arte sacra: pintura, esculptura e, principalmente, instrucção e canto, que é oração. (O texto acima referido de I Tim. III, 16, é um dos mais antigos canticos christãos que possuímos).

E' conclusão essa que não provei ainda: é these da qual vos devo convencer, se é que d'ella já não estejais convencidos. Em todo o caso, aos doutos e aos não doutos devo pedir que me acompanhem o tempo necessario pelas altas veredas da theologia dogmatica, sem a qual não se póde pretender chegar á comprehensão verdadeira da liturgia.

"A graça de Deus se manifestou, trazendo a salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando á impiedade e ás paixões mundanas, vivamos justa, sobria e piamente no presente seculo, aguardando a bemaventurada esperanza e a manifestação da gloria do grande Deus e nosso Salvador Christo Jesus, que deu a si mesmo por nós, afim de nos remir de toda a iniquidade e purificar para si um povo todo seu, zeloso das boas obras" (ad Tit. II, 11-14). Novamente São Paulo, ao qual deveremos recorrer com frequencia, como mestre que é do dogma da Redempção ou do mysterio de Christo.

A philosophia antiga e moderna deu-se com grande afan á solução do magno e magico problema da dôr, ou, para dizer a mesma cousa, do soffrimento humano. Faria, esta dor, parte constituinte da natureza humana? Os modernos, Schopenhauer á testa, pensaram affirmativamente, e pensaram tambem que, reintegrando-a na natureza humana, lograriam diminuir-lhe ou eliminar-lhe o caracter de espinhosa, de penosa e insupportavel. Os antigos, porém, bem viam que a dôr não pode pertencer á essencia do homem, pois, se assim fosse, por que o homem a repelle? por que continuaria a consideral-a como um "hors d'oeuvre,, como uma intrusa no enredo da vida? Nem tem elle a coragem de attribuil-a a Deus, e nos nossos projectos de futuro, quando se trata de dar systematização á vida, ella não entra em conta, nem sob o aspecto de morte inevitavel. A origem da dôr escapa á philosophia, e á mesma philosophia foge tambem a solução do problema que faz surgir e o modo de valorizar-a. Só o mysterio de Christo nos diz a historia ou o modo como

a dôr penetrou entre os mortaes, e nos diz tambem dos meios que estão a nosso dispor para fazer della um meio de progresso.

O desejo de felicidade que anima o homem tem plena confirmação no sobrenatural. Longe de contrariar o amor pela vida e a aspiração pela immortalidade (que o pobre Cicero, na impossibilidade de conceber outra, julgava ser preenchida pela memoria que de nós guardariam os posteros), o fim da criação sobrenatural supera infinitamente quanto a natureza pôde dar.

O homem foi originariamente destinado á vida sem limites. Sobre a terra o tempô teria succedido ao tempo: passada a prova, teria tido a immortalidade definitiva. O seu intimo ser desenvolvia-se pelo exercicio continuo de duas faculdades em redor de um objecto ineffavel: Deus, conhecido como Padre, como Filho, como Espirito Santo, em sua vida intima: Deus, amado como é amavel em si, de amor de amizade. Se, no estado presente, são admiraveis os surtos da intelligencia humana, pensamos que, no exercicio desta nobre faculdade, nos primeiros dias da criação, os homens não tinham que contar com a luta e os obstaculos que hoje até os gentios teem que enfrentar para a conquista da verdade: nem erro, nem fraqueza, nem ignorancias. A vontade ia como que espontaneamente para o bem, deleitando-se exclusivamente na virtude. O pessimismo que invadiu o mundo, e que se fez sentir tambem na literatura antiga e moderna, é a constatação dum estado de alma humana contrario ao que acabamos de descrever.

Mas o pessimismo literario não se manifestaria tanto, se no mundo houvesse só maldade: "quod Deus avertat!" A dôr profunda da humanidade vem da consciencia que ella tem do contraste produzido em nós, dentro de nós, no mais intimo do proprio eu pela luta continua de que somos testemunhas, e que causa a dôr. Ha, dentro de nós, continuo combate entre tendencias boas e más inclinações, entre tendencias primitivas, as da criação, pois Deus, como diz a Biblia, creou o homem recto, e inclinações que surgiram posteriormente. "Bem sei, diz São Paulo, antes de Schopenhauer, que não habita em mim o bem" e, explicando melhor o seu pensamento, ajunta: "ha em mim a boa vontade, mas não a execução, pois não opero o bem que quero, mas o mal que não quero. E se faço o mal que não quero, não sou eu que o pratico, mas o peccado que habita em mim. Constato, portanto, esta lei que, quando quero fazer o bem, está-me proximo o mal: interiormente deleito-me da lei de Deus, mas vejo em meus membros outra lei que faz a guerra á minha lei interior e me escravisa á lei do peccado. Desgraçado que sou! (Rom. VII, 18-24).

[Sobre esta pagina de estupenda e penetrante psychologia, pagina que denuncia em toda a sua realidade o facto do soffrimento humano, Lutero baseou a sua aleijada theologia, e julgou que o homem fosse máo por essencia, máo sem possibilidade de reforma. Errou brutalmente. Constatou um facto e o interpretou mal, e, por conseguinte, não lhe deu solução satisfactoria. O apostolo, porém, no lugar a que alludimos, dá tambem a solução: perguntando a si mesmo: "Quem me libertará deste corpo de morte?, isso é: "quem acabará com o intimo e cruel contraste de que tenho consciencia? Se o homem, como pretendeu Lutero, fosse essencialmente máo não haveria luta intima, porque não haveria contraste: o proprio São Páulo condemna a theoria do antigo protestantismo.

Mas vamos á resposta de São Paulo. A' mencionada interrogação elle responde: A graça de Nosso Senhor Jesus Christo (ibidem)". Porque é certo para o apostolo, que o mal, symbolizado na morte, que e para os homens a summa de todos os males, penetrou no mundo pelo peccado, entrou com a perda da justiça original que acima descrevemos: peccado que não sómente escravizou ao homem, mas a creação inteira (Rom. VIII, 22), peccado que, por mystica solidariedade de Adão passou aos posteros, peccado pessoal e social, porque, assim como a justiça original era dada a Adão não só pessoalmente mas tambem como ao representante do genero humano, assim toda a posteridade de Adão foi envolvida (Rom. V, 12ss.) no castigo que lhe succedeu.

Pelo exposto se vê a origem da dôr, junto com o facto, e se o problema não encontra solução alguma na philosophia, é porque sómente se encontra no sobrenatural. Razão porque disse eu, a principio, que, com a dôr, o sobrenatural abre brecha para os apresentar e fazer-se conhecer aos mortaes e aos pessimistas, rejeitando a explicação do facto, que não podem negar, são guiados, em sua negação, por preconceitos anti-religiosos, que não vêm ao caso examinar. Nem dão á nossa solução agazalho a titulo de hypothese.

Facto e explicação. Agora a valorização. São Paulo já o notámos, recorre á graça de Jesus Christo. A Incarnação, isto é, o mysterio de Deus feito homem, tem por fim dar-nos os meios de vencer no combate intimo, de nos libertar das paixões que Lutero dizia serem insuperaveis. Não acaba com a luta, mas a transforma em victoria. A Incarnação nos restitue a liberdade perdida. Ella é obra social. A Adão, chefe prevaricador do genero humano, oppõe-se outro Adão, chefe do genero humano remido. Pela offensa praticada contra Elle, Deus quiz uma reparação. Teria podido



perdoar a culpa e destruí-la sem mais nem menos. Mas, na sua alta, profunda sabedoria, preferiu exigir reparação de rigorosa justiça. Offensa infinita, na economia nova, exige reparação de valor infinito. Juntem-se agora a reparação de Adão e de todos os seus descendentes, ficarão mais patentes o limite e a insuficiência da reparação. Jámais o finito, o limitado assurgirão até o infinito, por impossibilidade intrínseca e essencial. A única solução possível para reparar infinitamente a culpa, e, por conseguinte, para termos a suspirada liberdade e a victoria, na luta travada dentro de nós mesmos, é a união hypostatica: a natureza divina e a natureza humana reunidas numa só personalidade: Deus verdadeiro e homem verdadeiro numa única personalidade.

Como homem, o Filho de Deus satisfaz pelos homens: como pessoa divina que esse homem é, a sua satisfação tem valor infinito. Se o homem, como queria Nestorio e como querem os liberaes de hoje, tivesse personalidade propria, independente e distincta da personalidade divina, sendo os actos sempre attribuiveis á pessoa, a satisfação de Jesus seria limitada.

Não basta. Se de algum modo nós não formos solidarios com o Filho de Deus feito homem, se nos não incorporarmos a Elle transformando nossa vida, justificando-nos "inteiramente", não teremos o principio que nos auxilie em superar o dissidio que, a principio, constatámos em nós. Ora, ha protestantes que admittem a satisfação infinita de Jesus, mas não admittem a nossa solidariedade moral com Elle. Quero dizer com isso, que, conforme o protestantismo, a natureza humana, inteiramente má, em consequencia do peccado original, não póde ser reformada interiormente. A solidariedade com Jesus, se tal se pode chamar, será meramente extrínseca: o christão cobre-se com o manto do merito de Jesus, e fica intrinsecamente má, mas extrinsecamente bom, e como bom o aceita Deus. Boas obras serão necessarias para o convívio social, por outros motivos não menos honestos, mas não para a justificação, não para que nos sirvam de merito para a vida eterna.

Para nós catholicos, os homens beneficiam da Redempção pela justificação interior, que é a justificação "tout court", não existindo, não sendo possível outra. Justificamo-nos pela união intima da intelligencia e da vontade com Jesus. E' doutrina manifesta de São Paulo, como logo veremos e é necessario a admittamos se não quizermos affirmar que Deus possa amar cousa intrinsecamente má, e, portanto, indigna de amor. Lutero e os seus asseclas fizeram da justificação um manto que, deixando-nos immutados, inalterados, cobre as nossas miserias. Absurdo e Blasphemia.

Este preliminar theologico era absolutamente necessario, e ve-  
reis logo porque. A liturgia toda tem um unico objectivo: a appli-  
cação da Redempção do genero humano ás nossas almas. Ella quer  
commemorar mysticamente todas as phases da vida de Jesus : a ex-  
pectativa de Jesus, o Natal, a sua primeira manifestação aos gen-  
tios, os dias que precederam a Paixão, a propria Paixão, a Resurrei-  
ção gloriosa, a Ascensão, a descida do Espirito Santo. Mesmo as  
festas dos santos são celebradas para louvarmos e agradecermos a  
Deus pelos beneficios da Redempção extendidos a estas almas de es-  
col e nellas patentes. Fundando-se sobre os factos historicos, quer-  
nos fazer participar mysticamente delles para realizar em nós uma  
intima transformação, para nos dar os principios necessarios para  
a victoria que devemos levar na luta, acima descripta, entre as ten-  
dencias más e boas.

As phases do anno liturgico são, sem duvida, bem definidas em  
suas linhas, tendo cada uma sua propria indole claramente indicada  
nos textos. O ideal da vida christã é Christo resuscitado: pela  
Resurreição Christo não sómente patentea a sua divindade, demons-  
tra a sua missão, confirma a sua obra, mas triumpho tambem da  
materia, triumpho da morte, conquista o mundo, é consagrado rei  
de facto, sendo-o de direito, desde toda a eternidade. Pela Resur-  
reição elle é principio de vida sobrenatural, porque, se pela sua mor-  
te fomos nós livrados do peccado, a graça que nos eleva nos vem de  
sua Resurreição. A obra da salvação consiste justamente em fazer o  
homem vencedor do mal, vencedor do peccado, em lhe restituir a  
"santa letizia" de São Francisco.

O canto liturgico do 'Preconium Paschale", que o diacono faz  
ouvir antes das prophacias no Sabbado de Alleluia, põe a Paschoa  
em relação de causa com a justificação, que é seu effeito. "Esta é  
a noite, canta o diacono, da qual está escripto : A noite será illumi-  
nada como o dia, a noite será illuminada para esclarecer as minhas  
delicias. Esta noite santa afugenta os crimes, lava as culpas, restitue  
a innocencia aos lapsos e a alegria aos tristes".

De ha muito, os nossos fieis perderam o contacto com a litur-  
gia, dando-se a devoções de indole eminentemente particular, e com  
isso perderam a verdadeira noção da Paschoa. Mas na subconscien-  
cia ficou-lhes alguma cousa, e não é pouco. São vestigios aquellas  
felicitações que os fieis e até os infieis costumam trocar entre si  
pelas festas da Resurreição. E que desejamos então uns aos outros  
senão aquella paz e felicidade interiores que são certamente o fruto  
da graça que nos é communicada pela Resurreição? E' que nós tam-  
bem aspiramos a esta vida eterna da alma e do corpo, iniciada pela

posse da graça santificante, e que é actualmente possuída em pleno por Jesus, e da qual participaremos também nós futuramente. É um protesto geral contra este materialismo que limita a felicidade do homem aos poucos annos que deve passar sobre a terra, no meio de delicias perecedoras e fallazes. Se resuscitares com Christo, procuraí as cousas do alto, não as da terra" (Col. III, 1).

Tão importante é a solemnidade paschoal que os primitivos christãos não conheciam outra. Todos os Domingos reuniam-se em logares indicados préviamente para commemorar, pela Eucaristia, o facto real e symbolico da Resurreição. São Paulo os admoestava com as seguintes palavras: "Fomos immolados em Christo: pois bem, neste caso devemos acompanhal-o em tudo. Se, porém, o temos acompanhado na morte, acompanhal-o-emos na Resurreição. Saibamos, portanto, que o velho homem, com os vicios e as concupiscencias, foi crucificado com elle, para que não sirvamos ao peccado. Mas se temos morrido com Christo, uma vez que elle resuscitou, devemos crer que viveremos com Elle. E nós sabemos que Christo, uma vez resuscitado, nada mais tem que ver com o peccado, e que a morte não o dominará mais: morreu, de facto, uma só vez, para expiar o peccado, mas, uma vez também resuscitado, vive só para Deus e em Deus" (Rom. VI, 5-11).

Esta doutrina, que esperamos ter bem interpretado, nos diz claramente o que é a Redempção. Digo a Redempção em Christo. É o triumpho sobre a materia, sobre o peccado. Por ella, a progenie da mulher, alludida no Genesis (III, 15) esmaga a cabeça da serpente venenosa: o homem não sómente readquire o seu antigo privilegio da immortalidade, mas o readquire de modo a não o perder mais: "non posse mori". Eis o fruto da morte e da obediencia de Jesus. Aceitar o sacrificio e transformar a victima, eis o que significa a Resurreição. A isto tendia a Paixão, a saber, a glorificação de Jesus, nem a interminada serie de indiziveis dores teria tido alguma utilidade sem o triumpho. Porque Jesus humilhou-se fazendo-se homem, e foi a primeira humilhação: humilhou-se com a morte, e foi a segunda, mais profunda: humilhou-se até á morte de cruz, e foi a terceira, ainda mais profunda, e por isso, devido a tal obediencia absoluta e incondicionada, teve de Deus a gloriosa Resurreição (ad Philipp II, 5-10).

Havendo um meio que nos faça participar da vida de Christo nas duas phases, se de algum modo o ser de Jesus se communica a nós, também nós poderemos morrer ao peccado e viver de immortalidade.

Em Christo resuscitado o homem tem o exemplar acabado do

triumpho completo da graça : não sómente a morte temporal é definitivamente vencida (tendo que resuscitar todos nós um dia corpo e alma), mas com a morte ficam vencidas todas as consequencias do peccado. Nunca admittiremos que Nosso Senhor tenha conhecido praticamente o peccado, mas é certo que do peccado elle aceitou as consequencia conciliaveis com a innocencia e a santidade, como, p. e. a profunda tristeza da alma perante a ingratição humana, a dor experimentada pela traição de Judas, o acabrunhamento que lhe invadia a alma nas noites profundas e solitarias, quando, sósinho, orava sobre os montes, sob o céu abysmado em mysterioso silencio, extenso como a saudade de monte em monte, de valle em valle, sem que a dor pudesse medir a mesma saudade dos dias pacificos e mysticos de Nazareth, que não iam ainda tão longe.

Mas Christo resuscitado é confirmado solemnemente por Deus como chefe do genero humano, aprisionado que foi este ao seu carro triumphal, e assim communica ao homem a elle unido e que com elle soffre a graça santificante, que eleva nossas almas até á filiação divina. Portanto, a resurreição das almas, a vida nova, a regeneração vêm a nós de Christo resuscitado para os eternos esplendores de sua gloria.

E' necessario accrescentar ainda que o meio de participar da vida de Christo, na sua dupla phase existe. E' o baptismo. Nelle, São Paulo vê reproduzidas a morte e a resurreição. A renuncia ao peccado é a morte symbolica : a imitação da morte de Jesus no sepulchro das aguas, nas quaes o christão era antigamente submergido. A vida nova é indicada pela saida das aguas, que o neophyto abandonava para sempre.

Diz effectivamente São Paulo, referindo-se ao sacramento do baptismo: "Fomos sepultados com Christo, morrendo (ao peccado) por meio do baptismo, para que, assim como Christo resurgiu de entre os mortos, nós tambem marchemos ao renovo da vida" (Rom. VI, 4). Necessario é, portanto, que no baptismo se nos communique o principio de vida sobrenatural que é a graça, e com ella os poderes sobrenaturaes, como são as virtudes e os dons. A vida christã, o marchar no renovo da vida consistirá em actuar estas virtualidades do baptismo, cuja graça deve ser conservada, desenvolvida e applicada pelos outros sacramentos aos diversos estados e condições e circumstancias da vida do christão.

Toda vida do christão se desenvolve em torno do baptismo, não já que esse sacramento tenha a finalidade superior da Eucaristia, mas porque é a porta da vida nova. A confirmação que, nos adultos tambem, era ministrada depois do primeiro sacramento, corrobora a gra-

ça baptismal, a Eucaristia nutre essa mesma graça: a confissão a restitue quando perdida, a extrema unção faz com que esta graça baptismal persevere até os momentos mais decisivos da nossa existência. E na ordem e no matrimônio, a graça particular destes sacramentos faz com que a graça baptismal seja applicada ás tremendas responsabilidades dos dois estados.

Depois disto, não é para admirar se tamanha importancia tem o baptismo na Liturgia.

A Liturgia toda tem como ponto central a Paschoa, e a Liturgia da Paschoa é toda baptismal. Causarei surpresa, talvez, a mais de uma pessoa, dizendo que com o nome de Liturgia Paschoal eu entendo referir-me á Quaresma e á Paixão. Mas a Liturgia é a celebração do mysterio de Christo: este mysterio é o da Redempção, e a Redempção abrange as duas phases da existencia de Jesus: Paixão e Resurreição. Morreu para resuscitar: não podia resurgir Jesus sem ter morrido: morre-se ao peccado ao participar da morte de Jesus para resurgir a nova vida, participando assim da Resurreição do Salvador. Para ir promptos, preparados, dispostos á Ceia do Cordeiro, que era o fim do baptismo, é preciso atravessar "sicco pede" o mar Vermelho da purificação, da Paixão, atrás de Christo Principe e triumphador:

Ad Coenam Agni providi,  
et stolis albis candidi,  
post transitum maris Rubri,  
Christo canamus Principi

diz o hymno das Vesperas, cantado durante oito dias pelos neophytos, depois de terem recebido o baptismo na noite santa. Mais exactamente, a passagem do Mar Vermelho é o baptismo, para o qual se preparavam os fieis, e que lhes era conferido, como acabamos de dizer, na noite da Resurreição. Deante dos olhos se me desdobra lindissimo quadro. Ao cair da tarde, terminadas as occupaões do dia, os numerosos cathecumenos da Igreja de Roma, convenientemente doutrinados com instrucções apropriadas e dadas nas semanas anteriores, junto com os penitentes publicos já reconciliados na V Feira Santa precedente, junto tambem com outros fieis que, por sua vez, desejavam relembrar o dia do proprio Baptismo, todos, emfim, demandavam o logar da reunião, a basilica do Latrão, e propriamente o baptisterio da mesma.

Estamos no IV seculo, bem perto, relativamente, dos tempos apostolicos. A benção do fogo novo tinha acabado com o cair do

sol : as lampadas eram já accesas. Procedia-se á leitura das doze prophecias, amplamente commentadas pelo Papa que, ou pessoalmente, ou substituido por um de seus presbyteros, presidia aos officios, entremeiados de canticos e orações. E' a vigilia nocturna, toda consagrada ao baptismo e á Eucaristia. Sobre estes dois assumptos versam as leituras e todos os textos. Era a ultima e immediata preparação fornecida aos catechumenos, em lagrimas de penitencia, em jejum, orantes. As melodias todas (vejam-se, sobretudo, os graduas e os versos alleluaticos) reflectem um estado de alma conforme a esta preparação. Referindo-nos ás prophecias, a primeira, a que fala da criação, vae dizer aos catechumenos que o baptismo vae-lhes restituir os direitos perdidos pelo peccado de Adão. A segunda, relativa á Arca de Noé., indica que o baptismo faz entrar as almas na Igreja, arca de salvação. A terceira narra o Sacrificio de Isaac, concluindo com a promessa messianica feita ao Patriarcha Abrahão e que se realiza em Christo, ao qual os catechumenos iam ser associados pelo baptismo. A quarta nos refere a libertação do captiveiro do Egypto, symbolo do peccado, do qual nos liberta o baptismo. Segue a esta prophecia um cantico, cujas notas energicas enaltecem a victoria sobre o Pharaó. A quinta narra a alliança concluida entre Deus e os Israelitas sobre o Sinai, alliança inferior áquella que o baptismo estabelece entre Deus e nós em Christo. A sexta allude aos beneficos effeitos do serviço de Deus e á paz que se experimenta na pratica dos mandamentos, e faz pensar nos effeitos salutaes do baptismo. Na setima, Ezequiel expõe a sua admiravel visão dos ossos que se revestem de carne e pelle vivas, visão de Resurreição; o baptismo realizará a resurreição das almas preludio da resurreição final, á qual a graça baptismal tem direito. A oitava nos diz que Christo nos toma sob sua protecção depois de nos ter purificado no baptismo" "E o Senhor estabelecerá sobre toda a extensão do monte de Sion e sobre o logar em que for invocado uma nuvem escura durante o dia e o esplendor da chamma ardente durante a noite. E haverá um tabernaculo para dar sombra contra o calor durante o dia, e para servir de abrigo seguro contra os furacões e chuvas". A nona prophecia menciona o cordeiro paschoal, symbolo da ceia Eucaristica, para a qual dahi a momentos iam ser admittidos os catechumenos, já neophytos. A decima conta-nos a penitencia de Ninive e symboliza o perdão concedido á penitencia sincera : é o primeiro effeito do baptismo. A undecima que inculca aos Israelitas a obrigação de guardar a lei de Moysés, é monito dado aos baptizados em relação á lei de Jesus. A duodecima refere o milagre da preservação dos tres jovens judeus condemnados

ao fogo e delle preservados sem que as chammas de algum modo os prejudicassem, o que significa, como diz dom Lefebvre, de quem tomei estas interpretações (Missel quotidien) “que as almas dos baptizados são protegidas por Deus, no meio de todos os perigos’.

Terminada a longa leitura das prophcias, procedia-se ao baptismo. E primeiramente se consagravam as aguas lustraes; depois realisava-se a cerimonia. Immediatamente os neophytos eram confirmados pelo Papa e organizava-se a procissão para a basilica. Precediam o prestito sete subdiaconos com Cruz e candelabros que, chegados no prebysterio, collocavam sobre o altar, a Cruz no meio e os candelabros aos lados. Seguiam o clero e os cantores, que entoavam as ladainhas. Fechava a procissão o Pontifice com seus ministros officiantes. O Papa, terminada a procissão, mandava parar o canto das ladainhas e entoava o Gloria, após o qual, um subdiacono de logar conveniente chamado ambon, lia as palavras que seguem (de São Paulo aos de Colossos: (III, 1-4):

“Irmãos, se vós resuscitaeis com o Christo (e tal era o caso dos baptizados), procurai as cousas do céu, onde Christo está assentado á direita de Deus, preferi as cousas do alto, não as da terra. Pois vós (pelo baptismo) sois mortos e vossa vida está escondida com Christo em Deus. Ao apparecer de Christo, vossa vida, apparecereis vós tambem com Elle, na gloria”...

Breve a epistola, mas quantos ensinamentos!!! Entre leituras, benção das aguas, cerimonia do baptismo, homelias, canticos e orações, a noite tinha passado: as roseas cores da aurora penetravam suavemente pela janella da Basilica e, nos corações regenerados, aurora mais esplendida ia penetrando, aurora que, mais cara e mais suave que a primeira, ia progredindo para o meio dia do renovo christão, até á Communhão Eucaristica, com que terminava a liturgica. Os neophytos appareciam com Christo na gloria; as trevas do peccado, o luto da penitencia não existiam mais: “A noite passou: o dia se approximou: arremessemos para longe as obras tenebrosas e revistamo-nos das armas que se usam na luz e como de dia marchemos castamente,, (Rom. XIII, 12). Estes neophytos tinham sido antes trevas: agora eram transformados em luz divina: convinha marchassem como filhos desta luz (Eph. V, 8).

E’ esta alegria que o canto liturgico, com sua singeleza, faz resoar hoje ainda em nossos templos: a alegria da Resurreição. Mas presentemente resoaram as notas graves da primeira phase do mysterio desde a Septuagesima. E assim o mysterio da Resurreição vae desde a Septuagesima até Pentecostes.

Pentecostes é a mesma solemnidade pascoal. Enquanto a

Paschoa, se bem que lembra a nossa resurreição, põe em destaque o triumpho de Jesus, a festa de Pentecostes representa o triumpho da Resurreição reproduzido nas almas fieis por obra do Espirito Santo septiforme. Foi dito que ella festeja o nascimento da Igreja. Quando, porém, se reflecte que a Igreja foi fundada por Jesus Christo e que era já constituída antes do milagre das labaredas de fogo, mais exacto será dizer-se que Pentecostes é a "informação" sobrenatural da Igreja, a sua "tomada de posse" do mundo inteiro, a primeira manifestação official de sua autoridade, de sua missão, de seus dons sobrenaturaes. O Espirito Santo invade as almas dos apóstolos para lhes dar as forças sobrenaturaes, irresistiveis, que conquistarão o mundo. São Lucas nos narra o grande milagre com certa insistencia, por ter elle especialmente por fim provar como a obra de Jesus é obra do Espirito.

Doze pobres e ignorados Galileus, mesmo quando beneficiados mais tarde pela adhesão do douto Paulo, não teriam conquistado, em menos de quarenta annos, toda a bacia do Mediterraneo, o que significa todo o mundo então conhecido. Mas Jesus promettera-lhes o Espirito do Alto, e só depois de receberem o Espirito, não antes, elles seriam testemunhas da verdade, cumpririam com rapido successo a obra que lhes ia confiar (Act. I, 8). Eis o que representa historica e mysticamente a festa de Pentecostes. Com ella fecha-se propriamente o cyclo paschoal.

Os cantos de Pentecostes correspondem — inutil é explical-o — a estes sentimentos, e, em abono do que affirmo, baste-me citar o bellissimo hymno: "Veni Creator Spiritus", a mais bella criação gregoriana que eu conheço em materia de hymnos. Simplicidade e magestade, unção e profundeza dogmatica, tudo se encontra no admiravel poema.

Seria agora sufficientemente provado, a nosso modo de ver, que o mysterio de Christo, na liturgia e no canto, é mysterio paschoal. E' tanto assim, que, mesmo as outras phases do anno liturgico, são consequencias logicas da meditação, da contemplação, da celebração do mysterio da Paschoa. São, em relação a esta, ou preparação ou applicação. Alludimos ao cyclo de Natal, que vae desde o Advento até á Septuagesima, e aos XXIV Domingos que seguem á festa de Pentecostes, num periodo de quasi sete mezes do anno civil.

Montes Israel !  
 ramos vestros expandite,  
 et florete et fructus facite !  
 Prope est ut veniat dies Domini !



Assim canta um bellissimo responso do Advento, repleto de reminiscencias de Isaias. A que fim vem, tão desejado, o dia do Senhor? Dilatam-se á sua vinda os ramos do arvoredo que cobre os montes de Israel, vêm vindo as flores, aparecem sazoados os fructos! E num psalmo directamente messianico lemos que "Haverá abundante trigo na terra, ondulará sobre os cumes dos montes : germinará seu fructo como sobre o Libano, e a colheita será farta como a herva do campo" (ps. LXXI, 16). Espera-se nova força do Alto e, como canta o mesmo responso "Deus, luz do mundo, virá com poder" (Fer. III post Dom. I Adv.). Allude-se aqui, evidentemente, a um pleno dominio de Deus : Deus, opportunamente, haverá de manifestar o seu poder, quando nas almas regeneradas se manifestarão as flores e os fructos das virtudes, ascendradas que forem pelo calor...

che fa nascere i fiori e i frutti santi (Paradiso, XXII, 48).

E enquanto o advento, como tal, caracteristicamente, induz á pratica do recolhimento e da humildade, a intensificar o desejo de dominio de Deus em nós, de quando em vez um raio do sol da Resurreição abre o coração á alegria: céos, terras e todas as creaturas, os montes tambem, exultarão á vinda do Senhor, pois com o Senhor virão os dias desejados de santidade e de paz, prophetizados pelo ps. LXXI : "Orietur in diebus eius justitia et abundantia pacis". In diebus eius, isto é, nos esplendores da Resurreição futura, quando reinarmos com Elle na patria eterna, pois sobre a misera terra haverá sempre injustiças e desgostos. Mas a esperanza dos dias futuros sustenta a alma : "Não temos aqui cidade permanente : esperamos a futura" diz São Paulo.

A alegria perfeita está reservada a outra phase liturgica, e propriamente á Paschoa. No Advento é necessario que a alma "a corporis cupiditatibus saepius libera, in aula mentis possit divinae vacare sapientiae : ubi, omni strepitu terrenarum silente curarum, in meditationibus sanctis et in deliciis laetetur aeternis", diz São Leão Papa (lect. II Noct. Dom. I Adv.).

Como estamos vendo, nenhuma phase liturgica deixa de indicar a Paschoa como festa christã por excellencia, por ser a festa que recorda não só uma gloria de Christo, mas a nossa resurreição, que é effeito do nosso baptismo.

A liturgia de Natal prova o mesmo. O de Natal é tempo mystico, em que a alma vive como que estatica, contemplando a immensa bondade e misericordia de Deus. Como as do Advento, as me-

lódias são muito recolhidas e convidam á meditação dos mysterios da infancia e da familia, fazem sentir na alma o contraste entre a nossa profunda miseria e a bondade e misericórdia de Deus, o qual, nas castissimas entranhas da Virgem, reconciliou a summa perfeição e o barathro da miseria : "in se reconcilians ima summis". Este contraste e esta bondade divina mantem-se no texto e na melodia de outro bellissimo hymno, o "Conditor alme siderum".

Qui condolens interitu  
mortis perire saeculum,  
salvastis mundum languidum,  
donans reis remedium.

O mesmo faz outro hymno, o do Natal, de significação dogmatica unica, e que, em sua melodia" embora se eleve em alguns neumas a grandes alturas, expressivas do entusiasmo que nos vae no intimo, nos leva ao recolhimento e á meditação do dogma da Incarnação, tão sublime em si e tão chegado a nós. E' proprio do canto liturgico fazer-nos penetrar nas sublimidades do dogma christão e de nos fazer viver dellas. Este hymno é outra pedra preciosa engastada no Antiphonario gregoriano e que mereceria uma conferencia especial. Demos o coração a esta meditação, piedosa e salutar, pegamos a Deus o dom da simplicidade que nos conserva a belleza da infancia, á qual pertence o reino dos céos. Sem duvida, o maior obstaculo que se ergue contra a perfeição, contra o progresso espiritual, é o orgulho, porque o orgulho resiste á graça. Esta quer invadir todos os angulos do coração, e invade-os effectivamente, se os encontrar ermos de egoismo e de amor proprio. Mas o orgulho é a glorificação do egoismo, e, onde elle domina, a graça nada pode fazer. Se a infancia agrada tanto a Jesus, agrada por predominarem nella a docilidade, a obediencia, a simplicidade e o abandono total na Providencia divina, representada pelos paes : através dos paes os meninos vão até Deus, e Deus parece ter suas delicias em habitar nos corações simples: "Deum videbunt".

No Natal, durante todo o tempo liturgico a elle dedicado, e que include tambem a Epiphania, quizeriamos reproduzida em nós a paz de Nazareth. O' dias santos de recolhimento, de oração, de intimidade entre Elle, o Filho hemdito, a Mãe e São José!! Quem jámais poderá descrever aquellas horas de colloquios entre a Virgem e Jesus? entre José purissimo e o Salvador? Reina naquella casa uma atmospheria de paz, de alegria interior, de ordem, e tambem de santa e devota resignação para os dias futuros. Todos concorda-

vam em submeter suas vontades á vontade de Deus. Era a execução do "fiat," com que a Virgem aceitára um dia não sómente a honra, mas todas as responsabilidades da maternidade divina. Ella, Maria, sabia ser mãe de quem DEVIA morrer pelos homens, mãe de um condemnado pelo amor... E este menino, de olhos profundos e puríssimos, que diziam ineffavel poesia, que contemplavam a mãe com respeito, com gratidão, com abandono, este menino de mãos eburneas e de proporções bellissimas, este menino que era todo seu, porque filho de Virgem, este menino cuja palavra era uma melodia suave e encantadora, plena de affecto, este menino que é Deus e obedece perfeitamente a qualquer acenô ou desejo de Maria e de José, que ajuda uma e outro nos misteres domesticos, este menino é destinado á morte, ao sacrificio, á crucifixão.

Os olhos um dia serão banhados de quentes lagrimas, na hora da dor: as mãos serão perpassadas de duras pregos: o corpo todo será uma chaga. Mas o sacrificio será necessario para alegrias maiores. São Bernardo nos diz que a Virgem, mesmo no meio das dores, tinha por certa a Resurreição. Os anjos annunciam aos pastores um "gaudium magnum". E os pastores e os venerandos anciãos Simeão e Anna, e Zacharias sacerdote, e o Arcanjo Gabriel e a Virgem e São José, todos em unisono alludem aos esplendores futuros resumidos no celebre cantico:

Viderunt oculi mei  
salutare tuum!  
Lumen ad revelationem gentium,  
et gloriam plebis tuae Israel!

A estes esplendores futuros alludem as tocantes lições de Natal, tomadas de Isaias. "Consolamini, consolamini, popule meus, dicit Deus vester. Loquimini ad cor Jerusalem et advocate eam, quoniam 1) completa est malitia eius, 2) dimissa est iniquitas illius, 3) suscepit de manu Domini duplicita pro omnibus peccatis suis... Não ha malicia mais na terra de Deus: a iniquidade fica perdoada, e, em logar de ser castigada, a terra recebe graças redobradas. Eis o messianismo: um porvir esplendido, no qual, como o sol, e mais que o sol, brilham Christo e todos os que reinam com elle. "Consurge, consurge, induere fortitudine tua Sion: induere vestimentis gloriae tuae, Jerusalem civitas sancti".

A' cidade de Deus santo, o propheta annuncia renovo completo, porque o incircumciso e o immundo não lhe profanarão mais as praças e as ruas. Ficarã completamente livre do jugo do inimigo.

Levantar-se-á rainha. "Excute de pulvere, sede, Jerusalem, solve vincula colli tui, captiva filia Sion". E' o effeito da Redempção: "Fostes vendidos sem preço e sem preço sereis remidos "gratis venumdati estis et sine argento redimemini". Futuros esplendores indicados pelas palavras: "Hoje amanheceu para nós o dia de uma nova redempção, de Felicidade eterna!" — Este dia de Natal está apenas na aurora do grande dia. Não tardará o sol esplendido. Podemos erguer as cabeças: "Levate capita vestra: ecce appropinat redemptio vestra". Mais que o sol, é o proprio Deus, no céu, na Páscoa eterna, na qual as almas eleitas cantarão o peana eterno!!

De Pentecostes ao Advento correm, como já dissemos, XXIIV Domingos ou semanas dedicadas 1) ao ensino de verdades moraes, na liturgia dominical; 2) a festejar solemnidades de santos, e particularmente de Nossa Senhora. Não são dias de emoções tão profundas offerecidas pela primeira parte do anno liturgico, mas não deixam de ser summamente uteis porque as applicações moraes que fazemos e a imitação dos santos tendem a fixar em nós o mysterio da Resurreição. A leitura dos evangelhos dominicaes nos representa a Christo manso e humilde de coração, dando lições de caridade fraterna, de fidelidade, de misericordia, de perfeição christã, de justiça, etc., que, sob a forma de parabola ou de preceito impressionam o coração. As epistolas, geralmente lidas pela ordem com que foram escriptas, são admiraveis lições de moral christã. Variam tambem os canticos do gradual e do alleluia. Entre elles ha verdadeiros cimelios de arte gregoriana: veja-se, p. e., os graduaes de Nossa Senhora, em todas as suas festas e o gradual do Domingo XXII depois de Pentecostes.

"Sat prata biberunt" E' tempo de concluir e de não mais abusar de vossa benevolente attenção.

O mysterio de Christo! Vimos agora como em torno d'Elle se desenrola toda a liturgia catholica e tambem em toda a nossa vida espiritual. O nosso desejo é que os fieis se compenetrem deste mysterio e o tenham como devoção especial. Acontecerá assim que, meditando liturgicamente o mysterio, a alma se lhe transformará.

Esta transformação experimentaram os dois discipulos de Emmaus. Iam elles tristes em demanda da aldeia, inseguros ainda na fé, commentando os dolorosos acontecimentos da Paixão e morte de Jesus: eram perplexos deante do que tinham ouvido das mulheres que affirmavam terem visto Jesus. Este foi-lhes ao encontro sem se dar a conhecer. Perguntou-lhes a razão da tristeza. Admirados da ignorancia do interrogante, começaram elles a descrever tudo

quanto se dera na cidade e sobretudo falaram da perplexidade em que se encontravam pelos dizeres das mulheres.

Ninguem era capaz de dizer cousa certa. Jesus os repreendeu.

Não sabiam elles que as coisas deviam ser mesmo assim? O Filho do homem só poderia entrar em sua gloria depois da Paixão, e o asserto prova-se lendo Moysés, os psalmos e os prophetas. Convidado, entrou com elles para ceiar. Mas, durante a refeição, depois de lhes ter partido o pão, desapareceu-lhes da vista, logo que fôra reconhecido. Os dois voltaram contentes: e prova de que tinham estado com Jesus não era só o ter-lhes Elle repartido o pão e desaparecido mysteriosamente era tambem o ardor do coração que tinham experimentado quando o Divino Mestre lhes explicava as escripturas messianicas.

Transformação que experimentarão tambem os que na liturgia acompanham o mysterio de Jesus: "Nonne cor nostrum ardens erat cum aperiret nobis Scripturas?" (Lc. XXIV, 32).

## Assignem

## "VIDA"

DIRECÇÃO DE FRANCISCO DA GAMA LIMA FILHO,  
NELSON DE ALMEIDA PRADO, ALVARO MILANEZ,  
FRANCISCO DE LA ROCQUE E ALBERTO BRITTO  
PEREIRA

REVISTA DE MOCIDADE E DE ACÇÃO,  
— DE COMBATE E DE FE' —

Assignatura simples — anno.....	5\$000
Assignatura de manutenção — anno.....	15\$000
Estrangeiro — anno .....	10\$000

Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro

Redacção — Praça 15 de Novembro 101 — 2.º andar

# A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA NOS ESCRITOS DE S. FRANCISCO DE ASSIS

MESQUITA PIMENTEL

Os escritos de São Francisco de Assis são poucos e curtos. O mais extenso, a sua "regra primeira", não chega a ocupar quarenta paginas de pequeno formato. Mesmo reunido aos seus opusculos de authenticidade averiguada os outros que lhe tem sido, com mais ou menos seguro fundamento, attribuidos e os seus "ditos", recolhidos pelos seus primeiros biographos, ter-se-ia apenas materia para um modesto volume.

Apesar dessa escassez e brevidade, no entanto, os seus escritos nos transmittiram o essencial do seu pensamento. Elle escreveu com tal sinceridade, tanta clareza, e tão perfeito conhecimento do objectivo almejado, que disse com indisputavel exactidão tudo o que pretendeu dizer. Nas suas obras, o que falta em extensão, sobra em profundidade. Ellas constituem uma summula, talvez canhestra, mas completa e muito viva, do espirito que animou o seu autor e continua a animar, através dos tempos, a cohorte innumeravel dos seus discipulos.

O franciscanismo é, de facto, uma das expressões mais interessantes e fecundas da espiritualidade christã. Desde a sua origem até hoje, no succeder dos seculos, elle tem conduzido aos pinnaculos da perfeição uma multidão grandissima de almas: contam-se por milheiros os santos e bemaventurados das suas tres ordens com processo de canonização concluido ou em andamento; — os espiritos mais diversos têm sido atrahidos pelos seus ideaes, de Dante a Gounod, de Christovão Colombo a Garcia Moreno, de Miguel Angelo e Leonardo da Vinci a Silvio Pellico, do pegureiro São Paschoal Baylão ao rei Luiz IX da França, da regenerada Santa Margarida de Cortona á immaculada Santa Clara de Assis, da criada Santa Zita á actriz Eva Lavalieré, do Cardeal Manning ao Historiador Cantu' e ao Santo cura de Ars, do electricista Volta aos Papas Leão

XIII, Pio X, Pio XI. — Sta. Thereza de Jesus, S. Francisco de Salles, S. Felipe Nery, S. Vicente de Paulo, S. João Bosco aprendem na sua escola: — e as mais cultas intelligencias, desde Alexandre de Hales, S. Boaventura, Duns Scott ou Rogerio Bacon, na idade média, até Boehmer, Goetz, Felder, Sabatier, Gilsin, d'Alençon; Joergensen, Facchinetti, Gemmelli, Cuthbert ou Chesterton em nossos dias, tem se applicado a esclarecer os seus refulhos, desenvolver as suas consequencias, ou enriquecer os seus principios.

Conservou, no entanto, atravez de todas as phases da sua evolução, os traços que lhe imprimio, desde o inicio, o seu fundador, S. Francisco de Assis.

Nas linhas que seguem procurarei, valendo-me, sobretudo, dos escriptos do proprio S. Francisco, apontar os aspectos que me parecem caracteristicos da espiritualidade franciscana. São estes, a pobreza, a pobreza, o apostolado e a oração. A pobreza synthetisa e representa os mais perfeitos exercicios da abnegação propria; o apostolado, os da caridade para com o proximo; a oração, os do amor a Deus. Assim, nessas tres virtudes encontra applicação tudo o que é essencial ao christianismo e que se resume no preceito maximo da caridade. Isto mostra bem — como tinha tanto a peito o seraphico patriarcha — que o franciscanismo se enraiza fundamente no christianismo e que ser franciscano não é máis, em summa, do que amar, seguir e imitar, com a maxima perfeição, a nosso Senhor Jesus Christo.

## I

### POBRESA

A pobreza é a base, o fundamento, o alicerce da vida franciscana. E é natural que o seja. Si o escôpo dessa vida é a imitação de Christo, o seu principio ha de ser, por força, a conformidade com a condição em que viveu Christo na terra, “sem uma tóca, sequer, para repousar a cabeça”. Tanto mais que este ajuntou o preceito ao exemplo e, além de viver e morrer como pobre e entre pobres, indicou a pobreza como a porta unica pela qual se penetra no recesso dos céos: “Si queres ser perfeito”, ensinou ao moço rico, “vae, vende o que tens e dá-o aos pobres; depois vem e segue-me”. (Math. XIX, 21). Assim, com razão considerava S. Francisco a pobreza como “o caminho da perfeição, o penhor e a garantia das riquezas eternas”.

Dizia ainda: “a santa pobreza é uma virtude celeste que faz calcar aos pés as cousas terrenas e transitorias e afasta todos os obstáculos que impedem o espirito do homem de se unir livremente ao seu Senhor e Deus na eternidade” (Actus B. Francisci). E' essa, de facto, a dupla serventia da pobreza: — pelo exercicio das mortifi-

cações, que todas nella se resumem, desapega o homem de si mesmo e das falazes seducções do mundo; — pelo exercicio das virtudes, que nella se apoiam e revigoram, como a castidade, a obediencia, a humildade, ensina-o a conhecer a Deus e a amal-o sobre todas as cousas.

Mais que tudo, ella inspira e revela uma perfeita confiança na providencia divina á qual offende, ainda inconscientemente, quem se apega aos seus bens e fazendas, quem se fia no poder dos seus talentos e trabalhos, que conta com a sua habilidosa economia para se estabelecer no mundo e se precaver contra futuras e eventuaes necessidades... Foi por isso, talvez, que S. Francisco tanto amou a pobreza. Renunciando aos seus haveres, induzindo os seus sequazes a imital-o, estabelecendo como regra, para si e para elles, o proposito de jamais adquirir outros bens ou de conservar, accumular e augmentar os que recebessem para o sustento de cada dia, o que o moveu, sobretudo, foi a confiança que assim mostrava na bondade e na omnipotencia de Deus, desse Deus que nos recommendára pela boca do seu divino Filho: — “não andeis inquietos pela vossa vida nem pelo que haveis de comer ou de vestir... Vosso pae celeste sabe que precisaes dessas cousas. Procurae, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por accrescimo,,... (Math. VII, 25|34).

Conta a lenda que, no inicio do celebre “capitulo das palhoças, S. Domingos acoimára S. Francisco de imprudente reunindo em torno da Porciuncula cerca de 5 mil irmãos sem nada determinar sobre o sustento de tão numerosa multidão... Não tardou, porém, a converter-se ao ideal franciscano da pobreza quando viu quão profundamente elle se apoiava na confiança na providencia e quanto esta o prezava, pois, enviadas espontaneamente pelos moradores das cidades proximas, surgiram tantas victualhas que foi preciso aos bons frades demorarem ainda dois dias, depois de terminado o capitulo, afim de consumirem os mantimentos que haviam sobrado, evitando, assim, jogar fóra e desprezar o que fóra um presente inequivoco de Deus.

Fundada na mais completa confiança na providencia, o caracteristico da pobreza franciscana é ser absoluta.

As ordens religiosas estabelecidas antes de S. Francisco haviam instituido a pobreza para os seus membros, individualmente, mas não para a comunidade; parecia-lhes necessario ter em proprio uma habitação, para seu abrigo, e um terreno, de cujo cultivo tirassem a subsistencia. A S. Francisco, porém, afigurou-se que o ideal evangelico exigia mais: não só a pobreza individual de cada religioso, como tambem a pobreza de toda a ordem. Na sua regra estabeleceu de modo cathegorico: — “Nada possuam os irmãos como propriedade,



nem casa, nem logar, nem qualquer outra coisa, mas como peregrinos e estrangeiros vivam neste mundo servindo a Deus na pobreza e na humildade". (Reg. II, cap. VI) — E ao Bispo de Assis, que o exhortava a mitigar essa proibição, respondeu com bom humor e leve ironia, pois o Bispo estava empenhado em litígios de terras com os Conegos de Sto. Agostinho e os Benedictinos do Monte Subasio: — "Senhor, as riquezas não se mantêm sem processos e sem disputas, e estas enfraquecem singularmente o amor de Deus e do proximo; é por isto que nada queremos possuir sobre a terra" (tres socii, n.º 35)

Convem notar que essa concepção da pobreza não tem por consequencia necessaria, como algumas vezes, talvez abusivamente foi entendido, a mendicancia, mas o trabalho. O meio de subsistencia proprio do franciscano é o trabalho, desde que honesto, humilde e executado em espirito de penitencia e de piedade (cr. Ref. I.º, cap. VII); só em falta delle ou da sua justa remuneração é que será permitido recorrer á caridade publica ou, como S. Francisco dizia, "á mesa do Senhor". Os exemplos dos primeiros irmãos e os escriptos do santo patriarcha são explicitos a este respeito. Quero que todos os meus irmãos trabalhem", escreveu este no seu "testamento", "e se occupem de labores honestos. Os que não sabem nenhum officio, aprendam algum"... O mesmo na regra de 1223: "Os irmãos aos quaes o Senhor deu a graça do trabalho, trabalhem fiel e devotadamente, repellindo assim a ociosidade, inimiga da alma; ... e como salario recebam, para si e para seus irmãos, o que fôr necessario ao sustento do corpo (mas não dinheiro), e isso com humildade, como convem a servos de Deus, e a discipulos da santa pobreza".

Sómente quando a paga do trabalho lhes for recusada é que podem os frades "recorrer á mesa do Senhor, mendicando esmolas de porta em porta" (Testamento). Disso nenhum deve se envergonhar, "porque o Senhor se fez pobre neste mundo para nosso exemplo". (Reg. II.º, cap. VI).

Realiza-se assim esse ideal da perfeita pobreza de que nosso Senhor foi modelo e que é dever do franciscano imitar: "por ella, meus carissimos irmãos, é que fostes instituidos herdeiros e reis do reino do céu", advertiu S. Francisco. "Sede pobres de bens, mas ricos de virtudes. Seja a pobreza o vosso privilegio e o vosso caminho para a terra dos vivos. Adoptae-a do modo mais completo, meus irmãos queridos, e, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, jámais desejae possuir nenhuma outra coisa neste mundo. (Reg. II.º, cap. VI).

## II

## APOSTOLADO

O apostolado é o objectivo principal da vida franciscana; a pobreza e a oração, pode-se dizer, não são mais do que preparativos e condições para exercel-o.

Constituiu isso uma grande inovação introduzida por S. Francisco nos costumes do seu tempo. Antes d'elle, os religiosos eram muitas vezes santos mas raramente apóstolos, no sentido tradicional do termo; o que elles buscavam acima de tudo era a propria santificação e, para alcançal-a, fugiam do mundo, escondiam-se na solidão dos eremiterios e no silencio do claustro, abrigavam-se do assalto das tentações atrás das grossas paredes dos mosteiros... S. Francisco entendeu que havia outra coisa a fazer e, imitando a caridade de nosso Senhor, procurou santificar ao mesmo tempo os monges e o mundo, fazendo conviver aquelles com este, levando para o meio dos povos a palavra e o exemplo de homens todos infundidos do espirito evangelico.

A idéa dominante de S. Francisco, ao regular a sua ordem, foi que os seus irmãos nunca se enclausurassem em conventos ou edificios permanentes, cuja propriedade, como já vimos, prohibia-lhes mesmo de adquirir; mas que apenas repousassem, conforme as injuncções do momento, nos casebres toscos, inconfortaveis, precarios que consentia aceitassem de empréstimo; as suas existencias deveriam ser dispendidas percorrendo a terra, sem habitação fixa, afim de espalharem por toda a parte a semente do Evangelho... Uma dessas lendas em que é tão fértil a tradição franciscana, conta que a Senhora Pobreza quiz um dia visitar o convento dos frades menores. Levaram-na estes ao tópe de uma collina e, apontando-lhe o vasto mundo que se expraiava em derredor, por todas as direcções, disseram-lhe: — “Vede, senhora, eis o nosso convento”... (in G. Haselbeck, “os mandanciaes da vida franciscana”).

Foi esse, realmente, o ideal que os primitivos franciscanos realizaram. S. Francisco e os seus primeiros confrades viviam em cabanas miseraveis erguidas por elles nos terrenos que os Benedictinos, seus primeiros bemfeitores, os Bispos, ou caridosos fieis lhes concediam e ahi só se demoravam para o repouso nocturno e o recolhimento na oração e no trabalho; o resto do tempo, passavam-n'o a exercer activamente o seu apostolado, — a cuidar dos leprosos e outros doentes, a pregar ao mundo, com o seu exemplo, o amôr ao trabalho, a humildade, a alegria, a mansidão, a paciencia, a piedade, a tirar esmolas, quando a isso a necessidade os obrigava, e, se possuíam ta-

lento e habilidade oratoria, a instruir com os seus sermões as populações das cidades e aldeias que atravessavam. S. Francisco percorreu grande parte da Italia, chegou á Hespanha, esteve na terra dos sarracenos... Já no seu tempo os frades haviam se irradiado para todos os quadrantes da Europa, para a Allemanha, para a França, para a Hespanha, para Portugal, para a Grecia, e, atravessando o Mediterraneo, haviam attingido a Africa: Terra Santa, Marrocos, Tunisia... O mundo começava a tornar-se, na verdade, o convento dos frades menores e a receber delles a luz do bom exemplo e o sal da boa doutrina.

Essa idéa era tão cara a S. Francisco que elle a reforçou, desenvolveu e applicou na maxima escala instituindo o terceiro ramo da sua arvore seraphica, essa admiravel "ordem da penitencia" — a mais audaciosa e fecunda, talvez, de todas as suas criações, — cujo objectivo, justamente, é implantar no meio do mundo o ideal religioso formando uma entidade que o mundo antigo não conhecera: "o religioso secular", o religioso que, embora sujeito aos seus superiores espirituaes e adstricto a uma severa regra de vida, toda fundada na abnegação e na caridade, não fica, no entanto, recluso no seu convento, nem sequer se recolhe a elle cada noite, nem tampouco adopta uma existencia de communitate, mas vive no mundo, na sua casa, com a sua familia, exercendo a sua profissão, conservando as suas relações sociaes e, desta sorte, pela suggestão continua do seu procedimento, sempre exemplar no cumprimento dos deveres de estado e de profissão assim como no exercicio das obras de piedade e de misericordia, vae aos poucos infundindo nas pessoas que o rodeiam o respeito e o interesse pela vida christã...

Que essa idéa era viavel, mostra-o a historia do rapido desenvolvimento e da actividade da ordem da penitencia desde os seus primordios: como pacificou provincias inteiras, como extinguiu cizanias entre classes, como soccorreu a milhões de pobres, como fundou e sustentou hospitaes para o tratamento das mais repugnantes molestias, como lembrou ao mundo a existencia do Evangelho e o acostumou a respeitar os seus preceitos...

Que ella era, tambem, justa e orthodoxa, mostra-o a quantidade de benções e privilegios com que continuamente a Santa Sé favoreceu a terceira filha de S. Francisco, — o zêlo com que successivamente a imitaram as demais ordens religiosas, — e, por ultimo, a applicação que da sua idéa tem feito a todo o orbe catholico os mais recentes Papas, desde Leão XIII, em especial o que actualmente reina com gloria sobre a Egreja, Pio XI, o grande propugnador da "acção catholica, cujo fito tanto se apparenta ao da ordem da penitencia,

emora sem lhe attingir a perfeição, e para cujo patrocínio não encontrou sua Santidade em toda a cõrte celeste mais adequado padroeiro do que S. Francisco de Assis, o "homem catholico e apostolico" por excellencia, o fundador da primeira "ordem secular" que o catholicismo approvou.

Deste modo, — e sem embargo da pregação oral, a qual poderão fazer os irmãos (com piedade, simplicidade e brevidade, conforme lhes recommendou S. Francisco), sempre que houver conveniencia e que tiverem capacidade e vocação para isso. — é a pregação pelo exemplo, pela acção, pela pratica silenciosa e modesta das boas obras a forma propria do apostolado franciscano. Foi essa a que o patriarcha de Assis impoz a todos os seus irmãos e filhos, sem excepção. "E' scbretudo pelas suas acções que todos os irmãos devem pregar", escreveu elle na primeira regra (cap. XVII). Disse tambem: — "O servo de Deus deve se distinguir pela santidade da sua vida; a luz do seu exemplo e a eloquencia das suas boas obras é que hão de exprobar aos peccadores a impiedade em que vivem". (Celano, II, 103). E ainda: — "Não foi apenas para a nossa Salvação que Deus misericordiosamente nos chamou, mas tambem para a salvação dos povos, para que exhortemos todos os peccadores, mais com os nossos exemplos do que com as nossas palavras, a fazerem penitencia e a observarem os divinos preceitos". (Tres socii, n.º 36).

Assim, o primeiro dever dos franciscanos é frequentarem o mundo. não para se affeioarem ao mundo, mas para santificarem o mundo. E para que o pudessem fazer com efficacia, exigia S. Francisco que elles estivessem compenetrados do profundo espirito de piedade que caracteriza os verdadeiros apóstolos.

Não acreditava, é certo, que a reclusão em um mosteiro fosse indispensavel para a santificação de um religioso, todavia pensava que o recolhimento do espirito devesse supprir a solidão do claustro e que a mortificação dos olhos e da lingua fizesse o officio que incumbe, de ordinario, ás muralhas do convento e ao silencio imposto pela Regra. Por outra, confiava o aperfeiçoamento dos seus confrades antes aos meios interiores do que aos exteriores. Para elle a verdadeira cella do irmão menor não é de pedra ou de tijolo mas de carne e osso e não se acha encrustada em um convento mas acompanha o seu occupante aonde quer que elle vá. "E' o nosso corpo a nossa cella", dizia, "e a nossa alma se encerra nelle como um eremita em seu cubiculo para quietamente meditar e orar a Deus". (Speculum perfectionis).

Apesar desse habito de recolhimento que inculcava aos seus irmãos, prudentemente aconselhava-lhes ainda S. Francisco que renovassem a sua capacidade de concentração e de contemplação retiran-

do-se de tempos a tempos para um verdadeiro eremiterio afim de ahí se entregarem, sem nenhuma perturbação, a demoradas e fervorosas orações. Esse pensamento está claramente exposto no seu opusculo, tão piedoso e de tão deliciosa ingenuidade, sobre “a habitação dos religiosos no ermo”, pois bem sabia o clarividente patriarcha que a efficacia da acção apostolica depende, essencialmente, da virtude, da perfeição moral, da santidade, em summa, de quem a exerce, o que só se obtem pela oração.

### III

#### ORAÇÃO

A oração é como a seiva que alimenta todas as modalidades da vida franciscana e lhe avigora todas as manifestações. Si a ordem segunda, a “das damas pobres” ou clarissas, dedica-se especialmente ao seu exercicio, a primeira, a dos “frades menores” combina escrupulosamente a sua pratica com a do apostolado; e mesmo a terceira, a “da penitencia”, embóra mais francamente activa e exterior do que as outras, é no seu exercicio diario e fervoroso que se inspira para agir... A pobreza facilita a sua pratica, porque é facil encontrar a Deus quando nenhuma affeição, nenhum prazer, nenhum objecto nos prende ao mundo; e é nella que haure o apostolado as suas forças, porque só a graça de Deus permite ao homem servir ao seu semelhante até ao heroismo, até ao martyrio, como tem feito em varias partes do mundo, tantas centenas de franciscanos dedicados ao tratamento dos leprosos ou á catechese dos mais barbaros infieis.

O primeiro character da oração franciscana é a constancia. “Não cesseis de adorar e contemplar, com um coração e um espirito puros, ao Senhor Deus vivo e verdadeiro”, exhortou S. Francisco a seus discipulos. (Exhortações, Cap. VI). E recommendou na segunda regra: — “Cuidae de nunca extinguir em vós o espirito da santa oração e da piedade, ao qual devem se subordinar todas as cousas temporaes. (Cap. V). Na primeira regra já advertira: — Fazei todo o possível para servir, amar, adorar e honrar o Senhor... Esse é o supremo desejo do proprio Deus. Façamos de cada uma de nossas almas um templo e uma habitação para o Senhor Deus omnipotente, Pae, Filho e Espirito Santo... Que nada affaste o nosso coração e o nosso espirito de Deus”. (Cap. XXII).

Elle proprio deu o exemplo dessa constancia na oração, não só entretendo-se a miudo com Deus, passando a maior parte das suas noites em contemplação e retirando-se frequentemente para isso a logares socegados, como, sobretudo, infundindo o espirito de oração

a todas as suas occupações, aos seus trabalhos, ás suas tribulações, e aproveitando todas as occasiões que deparava para elevar a Deus seu coração, como quando admirava uma paisagem magnifica, por exemplo, ou quando olhava essas aladas criaturas que elle tanto amou — porque tão ligeiras e promptas em se alçarem para o céu, — as andorinhas e as cotovias...

Dois principios orientam a oração franciscana. O primeiro é a perfeita adhesão á vontade de Deus. As preces que compoz S. Francisco revelam quasi sempre esse proposito. A que, segundo Wadding, elle recitava habitualmente no inicio da sua conversão, termina com este pedido: "fazei, Senhor, que eu vos conheça muito para que sempre e em tudo cumpra a vossa verdadeira e santa vontade". E na que fecha a "Epistola a todos os irmãos", uma das mais bellas que escreveu, a mesma supplica se encontra: — "concedei-nos, Senhor, a graça de fazer o que soubermos ser a vossa vontade e de sempre querer o que vos agrada". O outro principio é a filial submissão á Igreja Catholica. Na regra primeira prescreveu: — "Que todos os irmãos sejam catholicos, vivam e falem como catholicos; e si algum, por palavras ou por acções, se afastar da fé e da vida catholica e, admoestado, não se quizer emendar, seja expulso definitivamente da nossa fraternidade" (Cap. XVIII). Preceito que repetiu na segunda regra exhortando todos os irmãos a "permanecerem na fé da Santa Igreja Catholica como fleis e indefectíveis subditos" (Cap. XII).

S. Francisco não prescreveu aos seus discipulos formas e methodos de oração. Deixou-lhes, nisto, a mais ampla liberdade, afim de que cada um exercendo as suas pessoas faculdades melhor obedecesse ás inspirações do Divino Espirito. Por si, praticou de preferencia as seguintes:

I — O "Louvor a Deus", arrancado á alma pelo espectáculo da belleza, da bondade, da graça ou da magnitude das cousas que formam o Universo ou dos seres que o povoam e que revelam, uma e outros, o poder e a sabedoria de Deus, seu creador. O "Cantico do sol" é o mais perfeito exemplar deste genero de preces.

II — A "paraphrase" de outras orações, (o que constitue, approximadamente, o que Santo Ignacio de Loyola veio a denominar a "segunda maneira" de rezar). S. Francisco praticou-a assiduamente. E' celebre, na ordem, a sua paraphrase do Padre Nosso. De resto, quasi sempre se percebe nos seus escriptos como que echo do texto sagrado que lhe despertou a reflexão ou a imaginação e sobre cujo thema bordou, com a sua original phantasia, uma interpretação pessoal. No "Cantico do sol" ha como a reminiscencia do cantico "Benedicite"; na "benção" a frei Leão resoam as palavras biblicas dos "Numeros", (VI, 24-26); nos "laudes Dei" ha como um prolonga-

mento do final do "Te-Deum"; nas "exhortações" continua-se a série da: "bemaventuranças" enumeradas no "Sermão da Montanha"; e nas regras que escreveu, principalmente na primeira, póde se dizer que, a rigor, não se encontra outra coisa, sinão uma paraphrase do Evangelho... Aliás, a sua vida mesma não foi, em certo sentido, uma paraphrase da de Nosso Senhor, como o tradicional "livro das confomidades" tão minuciosamente apontou?...

III — Mais profunda e intima forma de oração, a miudo usada por S. Francisco e geralmente preferida pelos franciscanos é a "meditação affectiva", em particular a que se inspira na consideração de todas as dôres e humilhações que, fazendo-se homem, soffreu Nosso Senhor para nos salvar. Desde o inicio da sua conversão era o que mais commovia e inflammava S. Francisco. Uma vez, quando ainda não abandonara a residencia paterna, foi encontrado por um conhecido, num bosque das cercanias de Assis, todo debulhado em lagrimas; e, exprobadado por essa fraqueza, replicou: — "Chôro por causa dos soffrimentos do meu Senhor Jesus Christo e não teria vergonha de mostrar ao mundo inteiro estas lagrimas". (Tres socii, n.º 15). Mais tarde compôz um "officio da paixão do Senhor" que, com grande piedade, rezava todos os dias, nas horas canonicas, em seguimento do brevario, como signal de especial reverencia e compaixão pelos soffrimentos de Jesus. Literariamente, a mais ataviada expressão desse modo de sentir está na sua conhecida prece "Absorbeat": — "Pela força do vosso amor ardente e insuperavel, abstrahi a minha alma, Senhor, eu vos supplico, de todas as cousas que existem neste mundo, afim de que eu possa morrer por amôr do vosso amôr, o' Deus, que por amôr do meu amôr vos dignastes morrer". Nas suas pregações não se cansava de recommendar a meditação da paixão de Christo como o meio mais efficaz para estimular a penitencia e para consolar dos males e injustiças que temos de supportar nesta vida. E naquella commovida allocução que dirigiu aos seus irmãos que partiam em missão para a terra dos sarracenos, insistiu nesse pensamento: — "Conjuro-vos, meus irmãos, a que tenhaes sempre diante dos olhos os soffrimentos de Nosso Senhor Jesus Christo, para que esse spectaculo vos fortifique e vos anime a soffrer por elle".

IV — A forma de oração, porém, que com frequencia cada vez maior S. Francisco praticou foi a "Contemplanção" propriamente dita, a contemplanção infusa, dos theologos, mais presente divino do que conquista humana, essa "simples intuição da verdade", como a definiu Santo Thomaz de Aquino, ou antes, conforme a doutrina franciscana, esse acto de intenso amôr a Deus que, embora consciente e ecrsentido, tem sua origem em uma inspiração sobrenatural, puramente graciosa. S. Francisco de Assis experimentou diversas modali-

dades dessa forma de oração, a mais alta a que póde attingir um espirito, ao mesmo tempo que a mais simples. A's vezes falava ininteruptamente por longo tempo, com murmurio inintelligivel, como se estivesse desdobrando perante o Altissimo todos os refolhos do seu generoso coração. De outras, quedava-se em silencio, como arrebatado pela inenarravel doçura da presença de Deus. De outras, ainda, repetia indefinidamente, como se ellas lhe perpassassem de continuo pelo espirito e sempre adornadas das mais opulentas significações, aquellas palavrias que todo piedoso franciscano rememora com singular emoção: — "Deus meus et omnia"...

Tanto meditou S. Francisco a paixão de Jesus, tão ardentemente lhe sentiu as dôres, tanto, por seu amôr, renunciou ás menores e mais licitas satisfações pessoas e tanto se consumiu no serviço dos seus semelhantes, com tão profunda e inteira fé se entregou a Deus, que recebeu, um dia, o premio que não esperava: no alto solitario do Alverne appareceu-lhe, descido do céu, um seraphim de seis asas, esquartejado em cruz... As palavras ineffaveis que ouviu nesse colloquio divino, jamais o santo as revelou, fiel á regra que ensinára aos seus discipulos de "esconderem no fundo do coração os segredos de Deus" (Exhortações, cap. XXVIII). A realidade da apparição, porém, não poude ser contestada: testemunhára-a, de longe, o atonito frei Leão; e, ao partir, deixára ella gravadas nos pés, nas mãos, no peito de Francisco — tal já estavam desde muito no seu coração — as marcas dolorosas e sangrentas da paixão do Senhor...

Mais perto de Deus ninguem subiu, porque ninguem o amou com maior intensidade nem provou melhor esse amôr imitando com fidelidade mais perfeita a abnegação e a caridade do seu divino filho, nosso Senhor Jesus Christo.

---

Uma palavria, ainda, sobre os fructos dessa oração. São dois, e bem característicos da vida franciscana: — a paz e a alegria. A paz conquistada, com a graça de Deus, pelo dominio de si e pela generosidade para com os homens, e que tanto nos faz viver tranquillos com a nessa consciencia como nos impelle a diffundir entre os que nos cercam a doçura e o encanto da caridade christã. A alegria inspirada pela satisfação no mais completo e no mais puro dos amôres, o amôr por excellencia, eterno como o seu objecto, mais forte do que a morte, o amôr de Deus, cujas vontades, por mais que nos custe, por mais que nos dôa sempre cumprimos com agrado porque as sabemos ditadas pela sua Providencia e orientadas para a nossa salvação.

S Francisco que foi, em toda a sua vida, um extraordinario mensageiro e fautor de paz, aconselhou com insistencia os seus sequazes



a serem pacíficos e pacificadores, lembrando aquellas palavras divinas — “Bemaventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”. (Math. V. 9). — “Tais são aquelles que, no meio dos padecimentos e das tribulações do mundo, conservam, por amor de Christo, a paz externa e internamente” (Exhortações, cap. XV). E recommendava: “E’ preciso, meus filhos, que guardeis a paz em vossos corações, vós que deveis levar a paz aos outros. Não sede para ninguém motivo de colera ou de escandalo, mas que a vossa brandura convide todos os homens á paz, á benevolencia e á misericordia”. (Tres socii, n.º 58).

Foi, tambem, um subtil ministrador de alegria. Intitulando-se, com bom humôr e humildade, um méro jogral de Deus, conservou até o fim, a despeito de todas as contrariedades e doenças que o affligiam, o dom de sorrir e de sentir a paternal bondade da Providencia. Na sua primeira regra escreveu. “esforcem-se os irmãos por nunca se mostrarem tristes e sombrios... mas alegres no Senhor, ostentando um semblante affavel e aprazivel”. (Cap. VII). “Vivei na alegria”, recommendou ainda, “na alegria que brota da pureza do coração e da constancia na oração”. (Spec. perf. n.º 105). E no mais delicioso e vivo episodio das “Fioretti”, eis como definiu a natureza, a causa, o alcance, o valor da “perfeita alegria”: — “Acima de todas as graças e de todos os dons do Espirito Santo que Deus concede aos seus amigos, está o de vencermos a nós mesmos e, pelo amor de Christo, aceitarmos de toda vontade os soffrimentos, as injurias, os opprobrios, os incommodos: é nisto que consiste a verdadeira, a perfeita alegria”.

---

Eis os traços que me parecem mais característicos dessa vida franciscana, transcorrida em constante e fervorosa oração, fundada na mais completa abnegação propria e no mais entranhado amor a Deus, manifestada pelo serviço apostolico do proximo, e cujos fructos são a paz e a alegria... Eis o que entrevi lendo o brevissimo volume das obras de S. Francisco de Assis.

Occorre-me uma imagem para terminar estas notas. Conta-se nas “Mil e Uma Noites”, — licitas, por ventura, de citar em um escripto inspirado pelo autor do “Cantico do sol” e do “Sermão ás aves” — que um pobre pescador colheu uma vez na sua rêde um pequeno vaso hermeticamente fechado... Curioso, abriu-o: e eis que lentamente começou a surgir pela estreita abertura o corpo inteiro de um genio que alli fôra magicamente aprisionado e que, á medida que se libertava, ia crescendo no espaço até encher o horizonte e alcançar as nuvens com a cabeça, erguendo-se como uma formidavel torre diante

do mesquinho e estupefacto pescador... Assim, dentro desse livrinho, aprisionou a arte humana o genio de S. Francisco de Assis. Saiba, porém, libertalo o arguto leitor e verá que se expande e cresce deante da sua mente, com uma grandeza que não deixa adivinhar a exiguidade das suas dimensões...]

Nestas linhas apontei alguns dos aspectos que se pódem admirar nesse gigante. Não todos; apenas os que, a meu vêr, melhor o caracterizam. Outros ficaram por assignalar. Disse o bastante, comtudo. si despertei em alguém o desejo de lêr os opusculos de S. Francisco e si mostrei — como de vôo sobre um uberrimo paiz, — a vastidão, a opulencia, a perennidade e a profundeza da espiritualidade franciscana.

O meu desejo é que se divulgue amplamente. Porque hoje em dia, do mesmo modo que no tempo do seu fundador, o franciscanismo é uma doutrina de actualidade. Cheia de vida, adaptavel a todas as circumstancias, ella ressuma tranquillidade, bom humôr, coragem, idealismo, disciplina, e suscita com extraordinario vigôr abnegação e caridade, — as virtudes, exactamente, que mais necessarias são á pobre humanidade moderna, tão irrequieta e insatisfeita, porque tão egoista, tão mercenaria, tão cupida, tão incontinente, tão esquecida da terrível longanimidade e da justiça ineluctavel de Deus.

(Petropolis — 1935 — Festa de S. José).

---

# O liberalismo

de PERILLO GOMES

Prefacio de Tristão de Athayde

UM LIVRO QUE INTERESSA A TODOS

Preço ..... 5\$000

Pedidos á  
**BIBLIOTHECA ANCHIETA**  
 CAIXA POSTAL 249  
 Rio de Janeiro

# **DOSTOIEWSKI E O MYSTERIO DA INIQUIDADE**

## **(Fragmento de um Ensaio)**

**Hamilton NOGUEIRA**

“Quero falar-te agora dos “insectos”, daquelles a quem Deus gratificou com a sensualidade. Eu mesmo sou um delles, e isto se applica a mim. Nós outros, os Karamasov, somos todos assim; este insecto vive em ti, que és um anjo, e levanta tempestades. A sensualidade é uma tempestade, e mesmo alguma coisa mais. A belleza é uma coisa terrivel. Terrivel porque indefinivel, e não se póde definir porque Deus só creou enigmas. Os extremos se tocam, as contradicções vivem emparelhadas. Sou muito pouco instruido, irmão, mas tenho pensado muito. Quantos mysterios acabrunham o homem !”

A tragedia interior de Dmitri Karamasov é a tragedia de todos os homens. Ella não representa um caso particular, mas sim o espectáculo universal desse drama que todos nós sentimos, com maior ou menor iutensidade, desenrolar-se no intimo do nosso ser.

Dmitri, o illetrado, o sensual, é o personagem escolhido por Dostciewski para transmittir os seus pensamentos mais profundos sobre o mysterio da iniquidade.

Sua vida é a expressão angustiante dessa lucta eterna que se trava no coração humano entre as forças antagonicas que solicitam a adhesão do nosso ser. Elle é arrastado por todas as tentações, commette todos os peccados, mas no fundo do abysmo em que cahiu reconhece a existencia da Verdade Suprema.

— “Saiba, meu amigo, que eu nunca amei a desordem”.

E a uma irreverencia de Piotr Illich elle responde:

— “Não é disso que eu quero fallar, mas da ordem superior. Esta ordem não existe em mim... De resto, está tudo acabado, é inutil affligir-se. E’ tarde demais. Toda minha vida foi desordenada...”

Gloria ao Altissimo na terra,  
Gloria ao Altissimo em mim !

— “Este verso sahiu um dia da minha alma, não é um verso, é uma lagrima...”

Ivan, Dmitri e Aliocha Karamasov podem ser considerados como symbolos das mais fortes tendencias do ser humano. Elles representariam mesmo, segundo alguns criticos, tres phases differentes da vida de Dostoiewski.

Ivan é a revolta, o orgulho, a duvida. E' o ser que se dissocia voluntariamente do plano da creação, porque não pôde comprehender o sentido do soffrimento. Dmitri é o symbolo da concupiscencia. Aliocha é a expressão da renuncia, é a alma quē aspira á plenitude e que, pela força da sua espiritualidade, seduz e domina as creaturas que o rodeam.

Si Aliocha e Ivan seguem duas tendencias, dois roteiros definitivos, Dmitri, na sua profunda humilhação, nos seus instantes de remorso e de arrependimento, nos seus brados de fé, está mais perto do commum dos homens.

Dostoiewski sentiu intensamente a evidencia dessa dualidade de aspirações e de desejos que nos dominam e que constituem, ao mesmo tempo, os motivos da nossa grandeza e da nossa miseria. Viveu essa dualidade, procurou o seu sentido occulto, e numa das creaturas mais amadas por elle (Maritain insiste com razão no amor de Dostoiewski pelos seus personagens) collocou o germen da sua inquietação, das suas angustias.

— “Não posso supportar — diz Dmitri a Aliocha — que um homem de grande coração e de alta intelligencia comece pelo ideal da Madona, para acabar pelo de Sodoma. Mas o que é mais terrivel é levar no seu coração o ideal de Sodoma e não repudiar o ideal da Madona, e abraçar-se por elle como nos verdes annos de innocencia. Não, o espirito humano é muito vasto, eu desejaria restringil-o. Diabo, como nos reconhecermos nelle? O coração encontra a belleza até na vergonha, no ideal de Sodoma, que é o da immensa maioria. Conhece este mysterio? E' o duello do diabo e de Deus, sendo o coração humano o campo de batalha”.

A consciencia dessa dualidade psychologica foi, ao mesmo tempo, para Dostoiewski, motivo de gloria e de desespero.

Elle não teria creado typos immortaes como Verkhovenski, Svidrigailov, Versilov, Stavroguine, se os não sentisse viver intensamente no lado sombrio do seu mundo interior. A sua obra não teria essa força tragica que a torna inconfundivel, se não fosse o contraste vivo entre o ideal da Madona e o ideal de Sodoma, jogados um contra o outro nessa lucta interminavel que se prolonga do intimo da consciencia, para o terreno social.

Mas Dostoiewski soffre, soffre terrivelmente ao contemplar as

miserias que procuram macular, a todo instante, os seus mais nobres ideaes.

E na "Vóz Subterranea", uma das obras reveladoras dos seus sentimentos mais intimos, elle faz esta pergunta: "poderá respeitar-se aquelle que descobriu uma certa voluptuosidade na consciencia da sua propria humilhação?"

Nessa pergunta Dostoiewski assignala ao mesmo tempo um dos itinerarios habitualmente seguidos por aquelles que não aprofundaram o sentido dessa humilhação, e vivem ao sabor das tendencias que ella crea e anima.

Quanto mais o homem do subterraneo se apura na analyse da sua vida psychologica, tanto mais nitidamente se vae delineando o lado miseravel da sua natureza, e essa verificação o decepciona amargamente: "A consciencia requintada nos diz, por exemplo — sim, tens razão, és um canalha; mas o facto de poder verificar a minha propria canalhice não me consola de modo algum em ser um canalha".

Mais tarde, um sentimento de revolta, contra tudo, contra todos, contra si mesmo, contra o seu proprio bem estar, desencadea-se do amago dessa creatura atormentada pelo demonio da introspecção.

Ella experimenta certa voluptuosidade nessa revanche inutil que pouco depois irá reflectir-se em si mesma, tornando mais aguda a sua revolta, mais intenso o seu desespero.

Uma vez desencadeada essa tempestade interior, o personagem da "Vóz Subterranea", como certas pessoas que perdem o controle das suas palayras, enceta um monologo hallucinante, interminavel, onde jcreram, mescladas de contradicções, grandes verdades de ordem psychologica.

No universo desse homem, abandonado ao jogo das paixões e dos instinctos, não ha um só instante de paz, de tregua, de repouso. A sua vida é uma queixa ininterrupta, um grito de profunda amargura partido do seio das trevas. E' o isolamento completo dos homens e de Deus.

"Vóz Subterranea" é o unico livro de Dostoiewski onde se nota a ausencia de Deus. O seu personagem sente-se aniquilado em face da visão da propria iniquidade, e a consciencia desse aniquilamento desperta-lhe a volupia do cháos:

"E' possivel que o homem não ame senão o bem estar. Não será possivel que ame tambem o soffrimento? Não será possivel que o soffrimento lhe seja tão verdadeiro quanto o bem estar? O homem põe-se ás vezes a amar apaixonadamente o soffrimento; é um facto. Não ha necessidade, para isso, de consultar a historia universal. Perguntae a vós mesmos, si sois um homem e si vivestes um pouco.

Quanto ao meu modo pessoal de vêr, eu vos direi que é mesmo inconveniente não amar senão o bem estar. E' um bem? E' um mal? Não sei, mas ás vezes é agradável quebrar alguma coisa. Não é o soffrimento nem o bem estar que defendo aqui: é o meu capricho, e insisto para que elle me seja garantido, si for preciso. Nos vaudevilles, por vezes, eu o sei, os soffrimentos não são admittidos; não podem tambem ser admittidos num palacio de crystal: ha duvida, ha negação no soffrimento, e que seria um palacio de crystal do qual se poderia duvidar? Ora, estou certo de que o homem não renunciará nunca ao verdadeiro soffrimento, isto é, á destruição e ao chãos".

Não sei qual foi o livro de Dostoiewski que tão profundamente impressionou a Nietzsche, naquella sua "primeira leitura", mas é incontestavel que existe uma extraordinaria semelhança entre a essencia da "Vóz Subterranea" e o espirito da obra e da vida de Nietzsche.

A volupia do chãos, da destruição, do anniquilamento de todos os impulsos affectivos, é um dos aspectos mais impressionantes da personalidade de Nietzsche. A propria força creadora dos destinos humanos lhe apparece inicialmente como força destruidora.

E no "Ecce-Homo", a uma pergunta que elle faz a si mesmo sobre o vir a ser do homem, responde com estas palavras de Zarathustra:

— "E quem quizer ser creador do bem como do mal, deve começar por ser um anniquilador e quebrar valores".

"O Mal supremo, pois, faz parte do Bem supremo: mas é este ultimo que crêa".

"Sou o homem mais terrivel que existiu até agora, o que não quer dizer que me torne o mais bemfazejo. Conheço a alegria de anniquillar em proporções ao meu poder de anniquilamento, — num e noutro obedeco á minha natureza dionysiacca, que não pôde separar o acto negador da Affirmação... eu sou o anniquilador por excellencia".

Vendo a humanidade através da sua propria miseria, o homem do sub-terraneo sorri da ingenuidade daquelles renovadores do mundo que apellam para o interesse como um meio capaz de conter a força destruidora que elle sente vibrar dentro de si mesmo.

El certas paginas da "Vóz Subterranea" são de algum modo, uma resposta ás soluções simplistas apresentadas pela moral scientifica aos innumerados problemas que agitam o espirito. Ellas realçam o descricimento da psychologia humana por parte dos pregadores dos ideais socialistas:

"Oh! Dizei-me, qual foi o primeiro que declarou, quem proclamou primeiro que o homem não commette vilanias senão porque des-

conhece os seus proprios interesses, e que, se o esclarecessem, se lhe abrissem os olhos sobre os seus verdadeiros interesses, sobre os seus interesses normaes, cessaria logo de commetter vilanias e tornar-se-ia immediatamente bom e honesto, porque, illuminado pela sciencia e comprehendendo os seus verdadeiros interesses acharia no bem sua propria vantagem? Como está admittido que ninguem póde agir scientemente contra o seu proprio interesse, o homem seria levado, necessariamente, a fazer o bem. Oh! Creança! Creança pura e ingenua!... Tenho um amigo, vós o conheceis tambem; elle é amigo de todo o mundo. Quando se prepara para agir, esse senhor começa vos explicando muito claramente, com bellas e grandes phrases, como se deve agir para conformar-se com a razão, com a verdade. Digo pouco: elle discutirá com paixão, com enthusiasmo, sobre os interesses reaes e normaes da humanidade; zombará da cegueira dos idiotas que não comprehendem nem os seus verdadeiros interesses, nem o verdadeiro valor da virtude. Mas um quarto de hora mais tarde, muito exactamente e sem a menor razão, sob um impulso interior mais poderoso do que todas as considerações do interesse, elle fará uma coisa ridicula, uma idiotice qualquer, e agirá pois contra todos os preceitos que pregou, contra a razão, contra os seus interesses, contra tudo...

Esta contradicção entre as idéas e os actos humanos, que nos mostra o homem realizando muitas vezes aquillo que a sua razão considera contraria aos seus proprios interesses, e leva-o de gráo em gráo ao scepticismo, á revolta e ao desespero, será para Dostoiewski uma indicação da ordem sobrenatural.

Deus não poderia ter creado o homem nesse estado de miseria, não poderia, gratuitamente, ter-lhe dado o soffrimento. Si elle é constituído por essa complexidade de tendencias e de sentimentos contrarios, si vive simultaneamente o ideal da Madona e o ideal de Scdoma, é porque é um ser degradado, um ser que peccou contra a divindade.

## CE'O E NIRWANA

J. ZAMARIN DA TESTA

O termo final de todo systema religioso confunde-se com o ultimo destino do Homem e assim tambem de todos os Seres. Em ultima analyse, qualquer religião tem o fim de responder á magna questão: Qual o motivo, qual a finalidade de nossa existencia? Occuparam-se, por conseguinte, com esse problema primordial toãas as Religiões, sem excepção alguma. A Philosophia christã resolveu o problema declarando estado ideal de todos os Seres a Felicidade eterna no Céu, enquanto Buddha encontra essa Felicidade suprema no Nirwana.

Curioso é de se notar que, para chegar a estas concepções tão differentes, os dois systemas partem do mesmo ponto inicial: do movimento metaphysico. Todos os Seres tendem á "aquisição" da perfeição, todos desejam por conseguinte a Felicidade absoluta. Ora, sendo o mundo material, os Seres, constituídos tambem de materia, a Felicidade perfeita não póde logicamente ser encontrada neste mundo imperfeito, cheio de dôres, soffrimentos e miserias. Ha quem affirme que a vida é essencialmente dôr e por isso, sem prazer positivo. Este pode ser só a negação parcial ou total, a libertação passageira da dor, estado continuo da nossa natureza. D'onde a conclusão: viver é soffrer.

Mesmo não aceitando esta theoria pessimista da vida, certo é que ha, neste mundo, mais desgosto que prazer, mais dôr que alegria. Já a creança nasce chorando, e como affirma Plinio, não ha pessoa verdadeiramente feliz. Invejavel é quem não precisa ser considerado infeliz.

Sombrios e tristes são tambem a respeito da vida os juizos nalguns livros do Antigo Testamento. Basta considerar a lamentação de Job soffrente e do Ecclesiastes;

Job VII,1:



A vida do homem sobre a terra é uma guerra, e os seus dias são como os dias dum jornaleiro.....

Job XIV, 1 :

1) O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas misérias.....

2) .....que como flor sae e é pisado, e foge como sombra....

Job III, 3:

Pereça o dia em que fui nato e a noite em que se disse : Foi concebido um homem.

Ecclesiastes I, 3: Que tira mais o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?

Ecclesiastes I, 2: Vanitas vanitatum et omnia vanitas!

Ecclesiastes II, 2: Reputei o riso por um erro e disse ao gosto: Porque te enganas tu assim vãmente ?

Ecclesiastes IX, 12: O homem não soube que fim será o seu; mas do modo que os peixes são apanhados de anzol, e assim como as aves caem no laço, assim os homens se acham presos no tempo máo, quando este der sobre elles de improviso.

Ecclesiastes III, 19: Por isso uma é a morte dos homens, e dos brutos, e de uns e outros igual a condição: do mesmo modo que morre o homem morrem tambem os brutos; todos respiram da mesma sorte, e o homem não tem nada de mais do que o bruto; tudo está sujeito á vaidade.

Tambem a Religião christã fala muito das difficuldades da vida. O Evangelho lastima que o mundo é ruim, o Apostolo suspira para ficar livre do corpo caduco e destinado á morte e o Apocalypse anhela a vinda do Senhor para que Elle renove tudo.

Será, pois, de facto, entregue a Humanidade sem esperanza e salvação ás misérias desta vida ? Ou será que ha uma redempção do soffrimento e um caminho que a isso conduz?

O Homem tende ao Infinito com todas as energias de sua alma; por conseguinte, Deus não póde, sem se contradizer, impôr á Humanidade um fim sem lhe dar os meios de attingil-o. Reza o Manual de Philosophia de D. Ludgero Jasper, O. S. B.: Tudo na natureza do homem prova que elle foi creado para uma felicidade perfeita; ora, é evidente que não pode conseguil-a neste mundo; é preciso, portanto, que haja outra vida, onde lhe seja dado gozal-a. E como, por outro lado, não ha felicidade completa sem duração ilimitada, segue-se que esta vida futura deve ser sem limites. Isso quanto ao argumento philosophico sobre a felicidade absoluta.

A Religião christã admite uma vida bemaventurada no Alem como felicidade pura, que satisfaz plenamente o coração e traz a

todos os affligidos a redempção. Christo trouxe á humanidade uma nova primavera, uma nova vida, fazendo brotar na alma um manancial de purissima e inexaurivel alegria, uma fonte que corre até ao mar da eterna beatitude. Por pouco prazer que o homem experimente nesta vida, fica-lhe uma compensação na outra, na qual cessa forçosamente toda a dor, sendo pois a vida do justo purissimo prazer, verdadeira e absoluta felicidade. Na esperança duma existencia livre de toda dôr é a breve noite dolorosa desta terra o caminho para a luz do eterno gaudio. Por terrivel que seja a passagem por esta vida, ella deve ser e será considerada "subspecie eternitatis" sempre positiva.

Ora, como é que representa a Theologia christã o Céu? Como se configura, de que consta na concepção chistã a eterna beatitude?

Certo é que a bemaventurança celestial ultrapassa todas as noções e idéas humanas de felicidade e que constará de uma visão de adoração para com o Creador.

Preciso porém é que não concebamos o Infinito como um ser humano; é ao contrario mister lembrarmo-nos que a Divindade é a summa, o complexo da Verdade, Bondade e Belleza, contendo assim intrinsecamente o mundo das idéas. Para comprehendermos e representarmos agora o Ser necessario, é mister partir dos altissimos encantos que nos proporciona esta visão de adoração, este Cultus Patriae, como os que experimentamos raras vezes e por momentos summamente felizes, em pequena escala, já neste mundo. Recorde-mos os prazeres espirituaes que experimentamos resolvendo uma questão metaphysica ou mathematica após prolongado estudo e noites passadas em profundas meditações ou representemo-nos as impressões que viajando, gozamos ebrios das bellezas da natureza nos pontos mais grandiosos da terra, mirando pela vez primeira as sublimes maravilhas dos Alpes ou ficando extasiados da vista incomparavel que offerece o vetusto Camaldoli, tendo ao pé Napoles, em frente o Vesuvio, Sorrento, as ilhas de Capri e Anacapri, Ischia — o Tibidabo lendario em Barcelona ou o Montserrat do scenario phantastico, tecido de historia gloriosa da Hespanha medieval, o Corcovado com a maravilhosa Bahia da Guanabara, a Penha na entrada de Victoria e outras mil mais... Ou refiguremo-nos a saudade que o desterrado devota á patria longinqua, o marinheiro em noite tempestuosa á familia, aos filhos, ao torrão natal... taes e ainda bem maiores emoções experimentaremos quando a alma, desprendendo-se na morte, do corpo material, descortinar um mundo inconcebivel de maravilhas e bellezas, cujas riquezas nunca hão de ser exgotadas... Teremos, então, nitida a consciencia desta nossa verdadeira

patria, do nosso fim derradeiro e da felicidade tão ardentemente almejada.

Duvida não ha de que este eterno *Cultus Latriae*, esta adoração perpetua não constará duma continua oração arrancada á nossa aridez e tibieza espiritual, como são geralmente as nossas orações actuaes. Constará antes num levantar extasiado da alma a Deus como nos mysticos agraciados que gozam nesse estado uma felicidade indescriptivel e que elles querem experimentar por toda eternidade. Excusado, porém, dizer que, se fossemos para o Céu com as nossas inclinações sensuaes não poderíamos ficar satisfeitos com prazeres de ordem exclusivamente espiritual; e julgando do nosso ponto de vista actual, parecer-nos-á, ás vezes, que sentiremos no Alem falta das coisas terrenas.

Raciocinando a respeito, compreenderemos que, morrendo, perder-se-ão juntamente ao corpo as inclinações puramente humanas e o nosso character, a nossa indole será totalmente mudada. Olharemos então para os nossos emprehendimentos de agora como a velhice olha para os brinquedos da creança. As inclinações desordenadas que talvez possam ainda adherir á alma serão supprimidas antes de entrar no céo.

Aqui é que podemos conhecer a profunda verdade da doutrina catholica do Purgatorio. A maioria das pessoas que morrem não são bastante puras e dignas, não estão ainda no estado necessario (chamado na theologia : de graça) para fruir da felicidade celestial.

Estas almas não têm por conseguinte o forte e indispensavel fervor para o *Cultus Latriae*. Assim ellas devem passar ao Além por um processo de purificação e quanto mais se purificarem tanto mais crescerá o seu ardor, a paixão vehemente para a visão de Deus, para Deus. Ficando pois completamente puras terão um unico desejo, o desejo de se reunir com o Creador, de voltar a Deus. E aqueles que tiverem esta disposição, encontrarão tambem a paz eterna, o descanso perpetuo em Deus.

Assim a humanidade afflicta alcançará, na concepção christã, a salvação e redempção na felicidade eterna e purissima do Além bemaventurado. O motivo da nossa vida e o fim ao qual devemos activamente tender, que devemos ganhar, é positivo : o Céu.

---

Demonstrada assim a concepção christã do Céu, passamos a considerar a doutrina buddhista da felicidade absoluta, e o modo

como o Buddhismo encara o problema da salvação e redempção. Antes porém, precisamos abordar o problema da dôr universal, na concepção buddhista. Vida e dôr são indissolavelmente unidos. A vida é predestinada á dôr, em todo o universo, em todos os tempos, ineffavelmente angustiosa, por necessidade eterna da natureza. Por conseguinte, não se trata de passar desta vida de martyrio para uma vida feliz, o problema é de fugir á vida. A redempção não pôde ter senão um fim negativo: não nos espera uma felicidade positiva, mas unicamente a paz, a tranquillidade do nada, o Nirwana.

O grave e magno assumpto que preoccupou Buddha foi identico ao problema de todos os philosophos: Porque existimos? Por que vivemos? Por que estamos no mundo? E elle o resolveu a seu modo, declarando estado ideal de todos os seres: O NIRWANA.

Eis como elle chegou a esta conclusão: Buddha constatou primeiramente: Somos seres que desejamos a felicidade, a felicidade perfeita, absoluta. Todo ser deve agir, lutar até chegar a este termo. Importa agora saber: que é a felicidade absoluta? Naturalmente só um estado da alma que corresponda completamente á nossa natureza, mas de tal forma que não se faça sentir em toda eternidade o desejo de mudança desse estado, no qual não ha mais desejo nem vontade: sendo que o ser que é intima, completa e incondicionalmente feliz não pôde logicamente mais querer, nem sequer conhecer o phenomeno do appetite. O estado de felicidade perfeita encerra por si mesmo, intrinsecamente a idéa do absoluto não-querer, não-desejar e por conseguinte reina paz absoluta onde ha felicidade completa.

Dahi resulta que são noções equivalentes: felicidade absoluta: satisfação absoluta: paz absoluta.

Por este motivo deseja todo individuo instintivamente para si, appetecendo o maximo e mais sublime, a eterna e magna paz. Esta felicidade suprema, este bem estar absoluto foi tambem o fim derradeiro do principe Siddhatta Gautama que deixou a casa e familia, honras e riquezas, para procurar as mansões incomparaveis da mais profunda paz.

Satisfeitos os nossos desejos, experimentamos geralmente a sensação de ser felizes. Mas, esta senda da satisfação, aliás, comumente procurada por quasi todos os seres, é erronea, falsa, é um desvio. Ella leva certa e continuamente á dôr, a grande antagonica do prazer. Por forte que este seja, no momento que consegue o objecto appetecido, tanto maior é a dôr que causa a perda inevitavel deste objecto. E a perda será inevitavel em conse-

quencia do facto que todos os objectos dos nossos desejos são perituros. Assim seguirá sempre e fatalmente ao prazer a dôr.

---

A instabilidade das coisas terrenas e por conseguinte a dôr está indissolavelmente unida a toda existencia. Existir quer dizer ocupar espaço e aquillo que occupa espaço é materia. Ora, sendo caracterizada a existencia da materia pela continua mudança, segue-se d'ahi que toda materia é instavel. Obedece de modo especial a essa lei o nosso organismo. Assim chegou Buddha a negar a existencia no universo da felicidade absoluta. "Toda existencia é um desacerto, a felicidade foge sempre", diz o Suttanayata.

Mas, apesar dessa constatação negativa de Gautama, temos certeza absoluta da possibilidade de satisfazer á exigencia de todo espirito de possuir a felicidade perfeita. A natureza que segue sempre os caminhos mais simples e directos, não crea necessidades que não possam ser satisfeitas. Portanto, deve ser possível a satisfação do mais forte desejo de todos os seres: alcançar a felicidade absoluta.

A' instabilidade do corpo material oppõe o homem intrepidamente o dogma da immortalidade da alma. Esta, como temos visto, gozará no Céu a felicidade completa. Buddha porém não pôde aceitar esta explicação de felicidade absoluta no Além pelo motivo que elle negava a existencia duma alma livre e independente.

Opinava que as funcções espirituaes da imaginação e percepção fossem meras funcções do nosso ser material, produzidas com os respectivos órgãos, especialmente com o cerebro, e dependendo destes como a luz da vela e os sons dum instrumento. Buddha quiz fixar este seu ponto de vista em muitos dos seus discursos. Foi assim que o dogma fundamental do systema buddhista recebeu a sufficiente motivação que a felicidade absoluta não pôde ser encontrada neste mundo. Dessa forma foi declarada toda a personalidade do homem inclusive toda a espiritualidade e todo o conhecimento transitorio, instavel e assim implicitamente funesto e causador de dores.

Mas, justamente esta constatação — e é agora que tocamos na doutrina especifica e propria de Buddha — induziu-o a resolver o problema da felicidade. Concluiu dahi que da morte resultasse o aniquilamento do homem e por isso a impossibilidade dum estudo inteiramente adequado, mas exactamente o contrario. Os elementos da nossa personalidade, tanto os espirituaes como os da consciencia

justamente por serem instáveis e, por isso, causas de dores não podem ser para nós essenciaes.

Se consistissemos nos elementos da nossa personalidade que são todos instáveis, causar-nos-ia a nossa morte, isto é: a nossa propria ruina na decomposição destes elementos o mesmo prazer que o seu desenvolvimento, sendo que nestes processos se realizaria a nossa natureza, por serem contrarios, mas conforme a ella.

Por isso, deduziu Buddha — deve o nosso verdadeiro ser, a nossa verdadeira natureza e essencia, ficar atrás da nossa personalidade, isto é, atrás, além do corpo e do espirito. Esta é a conhecida idéa de Buddha chamada Anatta, conceito segundo o qual tudo o que vemos em nós não pôde ser o nosso proprio “eu”.

Assim, teve Buddha a possibilidade de se libertar dos laços da materia e do espirito e, implicitamente, tambem de todas as dores, passando para um estado bem differente e até agora completamente desconhecido, independente, que fica além da materia e do espirito e com isso acima do mundo e da vida.

Assim houve Buddha a possibilidade de resolver o problema da felicidade duma forma inedita : nesse mundo, com a união do corpo e espirito, não ha estado que não seja completamente apropriado á nossa natureza. Mas devendo existir fatalmente um tal estado, este ha de realizar-se livre, independentemente da personalidade, “além do corpo e do espirito”.

Parecia a Buddha ser uma consequencia logica da sua theoria e começou logo a realizar este ultimo. Constatou tambem que estamos ligados, presos á nossa personalidade por meio da nossa vontade. Basta então fazer desapparecer-a, eliminá-la, e dar-se-á, por conseguinte, o desprendimento do corpo e do espirito. Assim apparecerá um novo estado e será este, em verdade, o mais apropriado.

Aprofundou-se então Gautama durante semanas, mezes e annos em meditações sobre o complexo da nossa personalidade até que esta appareceu em toda a sua instabilidadee, com isso, com todos os seus soffrimentos.

Reconheceu que esta personalidade é completamente impropria ao homem tão fugaz “como um homem que vê na escuridão da noite, relampejando os objectos em seu redor”. Assim foi que perdeu o ultimo resto de amor e desejo que o prendia a sua personalidade e Gautama viu-se, de repente, separado totalmente della e posto naquelle estado, livre da vida e do mundo, nas paragens sublimas, isentas de cuidados, dores, doenças e morte, exclamando : “Para sempre sou redimido”. Sentiu-se concomitantemente livre de todo appetite, volição e desejo, cheio de paz e tranquillidade. Valeu-lhe

tudo isso como facto de ter encontrado o estado procurado, perfeitamente correspondente a todos os seres e por isso mesmo da felicidade absoluta, o Nirwana.

Tudo parece-lhe agora esclarecido; e se devia viver "Sariputa, só no seio dos deuses puros, não queria voltar a este mundo!," — Esta é a aventura de Gautama que assim veio ser um "Buddha", um homem totalmente esclarecido e resuscitado.

Etymologicamente Nirwana quer dizer, ser apagado, extinto'. Mas, que se apaga para o ser que attinge o Nirwana?

Segundo Buddha são os seres dotados de personalidade, continuamente envolvidos em fogo rutilante, sede ardente, desejo magno de usar os seis sentidos — para Buddha também o pensamento é um sentido e o seu órgão o cerebro — para gozar os respectivos deleites (prazeres).

Conseguindo-se, porém, o Nirwana, apaga-se esta sede. Nirwana indica, pois, um estado de completa, absoluta ausencia de appetites e, ao mesmo tempo, o mais apropriado a todos os seres. Assim é elle descripto no Vedanta. Posto que haja um moço, o mais veloz, robusto e forte, e que seja o dono de todo o mundo com todas as suas riquezas, isso seria uma delicia humana. Com delicias humanas são uma delicia dos Padres. Com delicias dos Padres são uma delicia dos Deus, com delicias dos Deuses são uma delicia do Indra (o rei dos Deuses), com delicias do Indra são uma delicia do Prajapati (o maior dos Deuses), com delicias do Prajapati (o maior dos deuses) são uma delicia do ser que é sciente e sem desejos.

Buddha porém fala assim: Todos os deleites que proporcionam os sentidos no mundo e no céu não são nem a millesima parte do deleite que dá a ausencia do appetite, o aniquilamento da sede, o Nirwana.

Resume-se, pois, toda a moral Buddhista na indicação para a extirpação (extinção) gradativa dos appetites a consecução final da ausencia total dos desejos, da inacção completa, do Nirwana.

---

Considerando-se assim o grande problema da Felicidade segundo as doutrinas de Christo e de Buddha, vemos que Christo salva de facto a Humanidade affirmando a vida com todas as suas misérias, lutas e difficuldades, meios necessarios de purificação, apontando-lhe como finalidade suprema a conquista do Céu. Ensina Christo que o ser creado voltará a seu Creador, unindo se-lhe intimamente e go-

zará, participando da Beatitude Divina, delicias incommensuraveis e eternas.

Assim entendida, a doutrina christã é essencialmente positiva e optimista e leva a Humanidade para uma verdadeira e absoluta Felicidade.

Buddha, porém, prega a completa cessação de toda actividade e se apresenta como a negação integral da vida. Esta theoria passiva e pessimista vê o fim deal da Humaindade i. e. a Felicidade absoluta na progressiva renuncia á vida e afinal o tédio triste e monotono do Nirwana.

E só a isto se reduz o Buddhismo decantado no Occidente, apesar da palpavel inferioridade que elle apresenta em face da metaphysica christã, por um Schopenhauer e Leopardi.

Sómente Christo que de si mesmo póde affirmar : Ego via, vita et veritas sum" resolve de modo satisfactorio o problema philosophico da Felicidade, dando uma resposta bem determinada á Magna Questão : Por que vivemos ? e indicando os meios apropriados para a salvação da Humanidade inteira.



# O CRITERIO DO DIREITO POSITIVO

Fernando Saboia de MEDEIROS

A clivagem da sociedade é o cunho nacional com as tradições históricas, a variedade dos costumes, a riqueza cultural do passado e do presente. Mas os angulos e as faces do corpo social constituem o direito positivo em toda a sua amplitude do direito constitucional ao administrativo, do direito civil ao commercial. Emquanto a nacionalidade, essa vontade do viver colectivo de um grupo mais ou menos numeroso de individuos, surgida de circumstancias historicas ou da fraternidade psychologica individualiza a sociedade e a diversifica em grupos politicos, como as nações, o direito positivo organiza não só os elementos especificos e proprios de toda e qualquer sociedade humana, mas tambem os seus elementos diversos e multiplos, segundo os grupos sociaes, culturaes ou politicos.

Dessa função organizadora se depreheende a definição, o valor e o fim do direito positivo, em uma palavra o seu verdadeiro criterio.

Com effeito, em toda organização se distinguem: o fim e os meios para obtel-o. O fim dirige, congrega e coordena os meios affluentes. Os meios seguem a inclinação do fim, não só pela sua aptidão e idoneidade a o attingir como outrosim pela sua obediencia em o proseguir.

Na organização da sociedade pelo direito positivo, o bem commum se apresenta como vertice ladeado de tres faces: a moral, a cultural e a material. Ao direito positivo incumbe coordenar todos os elementos da sociedade, os individuos, os costumes, as tradições e as instituições para o apice do bem commum moral, cultural e material. Nessa ardua ascensão, o bem individual e o bem institucional se sobreelevam e aperfeçoam, emquanto se integram num todo superior á fragmentação das partes: individuos e instituições.

As leis e os regulamentos são os meios constituintes do direito positivo para a conquista ascencional do bem commum.

Seu aspecto material, o direito positivo é uma regra de conducta. Como toda regra, é a informação dos meios pelo fim. Em-

quanto dirige o direito positivo visa o fim da sociedade; emquanto prescreve, determina os meios aptos para tal fim.

Sob o aspecto formal, o direito positivo é a expressão de uma vontade reguladora, porquanto a universalidade do bem commum abrange em seu vasto ambito toda a diversidade no espaço e no tempo das regras de conducta destinadas á sua prosecução. Ora a variedade das regras positivas devida á diversidade e evolução das circunstancias historicas, moraes, sociaes e economicas de uma sociedade, indicam a multiplicidade das vias e a contingencia das normas para alcançar a méta suprema. A vontade reguladora é pois o órgão de escolha e de fixação das regras de conducta aptas para a obtenção do bem commum.

Em linguagem ethica a autoridade imprime á regra positiva o estigma da obrigação.

O direito positivo, emquanto regra de conducta, encaminha a sociedade para o bem commum de maneira intrinseca, na medida em que as suas prescripções são intimamente e naturalmente idoneas para esse fim; emquanto expressão da vontade reguladora e legisladora, o mesmo direito dirige a sociedade para o bem commum de maneira extrinseca, em assegurando a efficacia das regras de conducta pela obrigação e a sanccção.

Da definição do direito positivo se deduz o seu valor. Da collaboração da vontade legisladora com a eficiencia das regras positivas resulta o bem commum, que, por conseguinte, informa tanto o exercicio da autoridade promulgadora das leis, quanto a idoneidade das regras do direito positivo. O valor do direito positivo se funda na autoridade da vontade que lhe dá expressão, como no valor interno de suas regras. A verdadeira critica desse direito dimana do seu verdadeiro criterio.

Para os voluntaristas e estatistas a autoridade do direito positivo é a autoridade mesma da vontade legisladora.

Para os positivistas, o quilate do direito positivo se mede exclusivamente pelo valor interno de suas regras.

Para aquelles o Estado legislador é a unica fonte do direito. Desconhecem o elemento intellectual do direito que é a sua tendencia ao bem commum.

Para estes, a perfeição das leis independentemente da autoridade legisladora é o unico motivo de sua obrigação. Confundem a idoneidade das leis com o bem commum, transformam um principio geral em codigo de applicações particulares e parciaes.

Para os liberaes e os totalitarios, o valor intrinseco das leis re-

side na traducção mais ou menos fiel de suas idéas e programmas partidários.

A critica liberal, integralista ou communista é vacua na medida em que desgarrá da consideração do bem commum emquanto principio informador e das leis e da autoridade legisladora.

**O LIVRO QUE  
ESCLARECE**



**PSYCHOLOGIA DA FE'**



**do P. Leonel França, S. J.**

2ª ed. — Preço, 1 vol. 8\$000

Pedidos á  
BIBLIOTHECA ANCHIETA  
CAIXA POSTAL 249  
Rio de Janeiro

## O FILHO PRODIGO

CRISTOVAM BREINER

Trago de volta para o teu amor,  
meu Pai, um coração amargurado  
pela ingratidão.

Como é bom afinal reconhecer,  
que no caminho da paixão, transviado,  
só encontrei desillusão.

Para longe de tua amizade,  
afastei-me cegamente seduzido,  
pela vaidade.

Parti em busca de gloria,  
corri atraz da fortuna  
em louca ansiedade.

Dos amigos que julguei seguros,  
nenhum commigo ficou na luta  
em que tombei vencido.

Da derrota nos desvãos escuros,  
soffri a soledade que o coração enluta,  
de um pobre decaído.

Vaguei entre o desanimo e o desespero.  
Conheci o desprezo dos ricos pelos pobres.  
Caminhei sem rumo, desamparado.  
Fui peregrino sem roteiro,  
vilão corrido das casas dos nobres,  
pela miseria quasi amortalhado.

Tu me davas assim, Pai e amigo,  
o signal certo de teu amor,

na dura adversidade.

Ferias em mim o orgulho e o odio,  
as duas negras manchas d'alma,  
que só vence a humildade.

Quem revira em mim a alegria pura,  
que reffloriu meus dias de juventude?  
Quem me chamaria outra vez amigo?  
Só o coração guardara em tanta amargura,  
uma lembrança longinqua de virtude,  
em que afinal encontraria abrigo.

Era um resto de tua misericórdia,  
recolhida em abundancia  
nos dias santos.  
E da amargura na hora merencoria,  
voltava aos ouvidos a resonancia  
dos sagrados cantos.

Do fundo da minha indignidade,  
ingrato, orgulhoso, odiento,  
volvi os olhos para os céos.  
E na doce paz azul da immensidade,  
mergulhei o pobre olhar nevoento,  
ficando limpo dos labéos.

Puz-me então de volta para teu aprisco,  
ovelha que fugira do pastor.  
Pelo teu nome, Jesus, cheguei clamando.  
A teu lado não mais temo o risco  
de não merecer o teu amor.  
E ahí me deixarei ficar feliz, te amando.

# LETRAS CONTEMPORANEAS

JONATHAS SERRANO

GUSTAVE SCHNURER — "L'Eglise et la Civilisation au Moyen Age" — (Tr. fr. de G. Castella) — Payot — Paris — (2 vols. 1933-1935).

A Historia propriamente dita, que não é fantasia, nem eloquencia apenas, nem sociologia pura sómente; a Historia — sciencia, fundada em sólidos alicerces de erudição bibliographica e de critica desapaixorada, — continua a ter, na Europa, eminentes cultores, que alliam á solidez do fundo o encanto indispensavel da forma litteraria. E' este um sector dos mais pobres e mal representados em nosso paiz. Ainda é frequente a confusão, aqui, da rhetorica e da erudição, das fantasias mais ou menos sociologicas e das vigorosas syntheses historicas. Poderiamos repetir, hoje ainda, o que escreveu, faz já alguns annos, Ronald de Carvalho: "Os brasileiros somos geralmente historiadores de curto vôo e criticos de pouca profundidade. Na historia confundimos a eloquencia com a verdade; na critica, o elogio ou a verrina com o senso da exactidão".

Verdade é que nos faltam os multiplos recursos que o meio culto europeu depara aos eruditos e estudiosos de qualquer assumpto. Bibliothecas especializadas, archivos preciosos, museus riquissimos, informações bibliographicas minuciosas, — o pesquisador competente encontra ao seu alcance todo o arsenal da erudição. Além disso o curso de humanidades, com grego e latim estudados de facto, e não de rotulo apenas, permite assentar bem o edificio pesado e de lenta construcção da cultura superior genuina e fecunda.

Basta olhar para a indicação das fontes e do material bibliographico de certos trabalhos, como este de Schnürer, para avaliar-se toda a distancia que vae dos nossos pobres recursos de erudição ás possibilidades surprehendentes do meio universitário no Velho Mundo.

Era todo caso, vamos já progredindo, aqui tambem, e comparando o que se lê e se escreve, de vez em quando, actualmente no

Brasil, com o que se considerava historia e critica ha uns vinte annos passados, a impressão é de notavel subida de nivel cultural.

Já se vé que não nos referimos aos rapazes preocupados em romancear a historia, para fazer barulho e vender edições, nem aos que julgam ser Spengler a ultima palavra em apreciação critica das grandes civilizações historicas...

Gustave Schnürer, sem ter a forma encantadora de um Fustel de Coulanges, de um Gaston Boissier ou de um Godofredo Kurth, escreve todavia com elegancia, que a traducção deixa perceber. A disposição geral da obra, em ambos os volumes, revela o senso da proporção, o equilibrio, a harmonia de conjunctos, indispensaveis qualidades em um genuino historiador.

Prefaciando-lhe a traducção franceza, Ed. Jourdan, o eminente mestre sorbonez, mostra em poucas linhas a alta significação da obra de Schnürer: "O autor ficou perfeitamente dentro do seu intento, que não era escrever uma historia da Igreja — factos e instituições se supõem conhecidos e simplesmente recordados quando se faz myster — nem tampouco uma historia da civilização; mas sim estudar as relações da Igreja com a civilização, tomada esta ultima em sentido muito lato; não apenas a literatura e as artes, mas ainda o direito, os costumes, as instituições publicas e privadas. Surge então um problema que não escapou ao prof. Schnürer: qual foi, qual devia ser a attitude da Igreja deante dessa "civilização".

E Jourdan lembra os dois erros oppostos que ainda agora se commettem ao apreciar essa attitude da Igreja no periodo medieval. Defensores e adversarios exageram em direcções contrarias. Aquelles parece estarem de accordo em attribuir á Igreja o merito de todo o progresso effectuado; os outros, imputam-lhe a responsabilidade de todas as deficiencias e de todas as taras.

"A doutrina — (e Dante, que a exprimiu com força e nitidez singulares, está longe de a ter inventado) — a doutrina distinguida então clarissimamente entre a missão de assegurar o destino sobrenatural do homem, que é o da Igreja, e o cuidado de promover a civilização neste mundo, o que incumbe ao Estado".

Sublinha Jourdan, no fim do seu prefacio, que ha uma virtude que em momento nenhum se poderá contestar á Igreja medieval: ella sempre tolcou, da parte dos seus proprios filhos, a critica mais livre e mais ousada. Inspirou-se a obra de Schnürer nessa tradição de franqueza. Não é um livro de apologetica temida e, por isso mesmo, inefficaz e até prejudicial. Basta ver o modo independente porque são julgados os methodos missionarios de Carlos Magno.

A serena imparcialidade destas paginas, em ambos os volumes, não é perturbada por preconceitos nacionaes. Nem se comprehendera que o fosse, em obra verdadeiramente scientifica, e sobretudo no

tratar da unica igreja universal, catholica, em toda a plenitude do étymo grego do vocabulo.

Infelizmente, em nossa época, uma das deformações mais lamentáveis da historia é resultante da pretensão hypernacionalista, como tão bem assignala Huizinga, a proposito do valor da historia para a cultura actual.

Estão, esses deformadores da verdade, no Seculo XX, bem esquecidos do que, ha 2.000 annos, já recommendava Cicero: "Ne quid falsi audeat, ne quid veri non audeat historia".

O que foi a Idade Media, do ponto de vista da historia da Civilização, já agora vae sendo emfim mais justamente avaliado pelo grande publico. Os especialistas não descem a discutir com os vulgarizadores de erros e banalidades; os leitores de revistas e jornaes são a miudo victimas de certa vulgarização mal feita da historia, ou pseudo-historia. pobre disciplina entregue a todos os ataques da ignorancia vaidosa. Dahi ainda haver, hoje mesmo, quem se preocupe em indagar se existiu ou não a papisa Joanna, se de facto as Cruzadas introduziram a lepra no Occidente, etc., etc.

Mas felizmente o nivel dos conhecimentos historicos da mocidade que frequenta as nossas escolas secundarias vae subindo. E a prova é que o mestre declamador, que tentasse hoje deblaterar sem provas contra a Idade Media, cahiria no ridiculo, pelo menos em certas classes do Pedro II e do Instituto de Educação, aqui no Rio.

Quem poderá, sem erro ou má fé, desconhecer o alto valor dessa Idade Media outróra atacada pela superficial oratoria de anti-clericaes sem erudição solida ?

Foi o periodo medieval aquelle em que a Igreja exerceu uma autoridade quasi incontestada e mais influiu na ordem politica, social e moral. Faltava entretanto um bom estudo de conjunto das relações entre a Igreja e a Civilização, no sentido sobretudo de cultura.

O trabalho de Schnürer preenche magnificamente essa lacuna. O proprio autor precisa o seu objectivo no interloquio do 1.º volume, ao distinguir o que é, em rigor, cultura e o que significa civilização.

Bem sabemos que muitos empregam os dois termos indifferente-mente. Não assim os allemães. Um exemplo, entre muitos: Paul von Sokolowski, no seu volume "Der Staat" — (Max Niemeyer, Halle, 1932) — estende-se por todo um capitulo da sua obra em distinguir "das Wesen der Zivilisation und Kultur". E nos varios outros capitulos, considera sempre civilização e cultura lado a lado, sem as confundir.

Schnürer tambem as distingue, mas de um ponto de vista diverso. "Os Romanos, diz elle, conheciam já o termo "cultura", a que attribuiam quasi o mesmo sentido que a *civitas*, mas applicando-o geralmente á cultura da terra.



Cicero entretanto falá de "cultura animi" (Tusc. 2, 13), e Horacio emprega a expressão no sentido de ennobrecimento moral (Epist. 1, 1, 40). Mas são casos isolados. E' excepcional achar na Idade Media um autor que diga "cultura Christi" quasi no sentido ideal christão. No francez medieval "culture" só tem significação applicado ao sólo. E' do Seculo XVIII em deante, com os Encyclopedistas, que a palavra passa a ter o sentido de actividade intellectual, de cultura das sciencias e das artes.

Tambem civilização é um neologismo dos "philosophos" do Sec. XVIII, embora já em Dante se encontre "civiltà", na accepção de ideas da vida commum a todos os homens.

Hoje os dois vocabulos "cultura" e "civilização" servem-nos de norma para apreciarmos a actividade intellectual e espiritual da humanidade e o estado social resultante dellas. Essa norma implica dois elementos essenciaes: a procura da felicidade do genero humano neste mundo e o progresso realizado pelo homem no uso dos bens materiaes que o cercam.

Surge naturalmente o problema: qual a attitude da Igreja deante do progresso espiritual e material da humanidade?

Schnürer estuda o problema no periodo medieval. Mas que é afinal essa chamada Idade Media? Elle o diz com bastante clareza.

"Após o desaparecimento do mundo romano, que lograra crear uma civilização mediterranea, assistimos á formação, na Europa Ocidental, de uma nova cultura que progride lentamente, mas que acaba por se impôr ao mundo inteiro. O começo desta cultura nós o descobrimos justamente na Idade Media. Esse grande periodo é muito mais a origem da nossa civilização occidental do que a época da decadencia do antigo mundo romano. Só enxergar na Idade Media a decadencia do latim, como precisamente fizeram os que lhe deram o nome de "Idade Media" é demonstrar singular estreiteza de julgamento".

Vê-se, pela simples maneira de commentar o titulo da obra, o que ella representa de superioridade critica de vistas e de riqueza de informação.

Os dois volumes já publicados da traducção franceza offerecem ao leitor um panorama vasto, rico e de real belleza desse millennio admiravel que foi o Medio Evo.

Impossivel, não direi resumir, mas nem sequer enumerar os principaes tópicos de um estudo de tal folego nos limites estreitissimos de uma chronica literaria.

Quando muito poderemos lembrar, aqui e ali, alguns capitulos mais ricos e suggestivos: Santo Ambrosio e o seu grupo, o estudo da evolução psychologica de Agostinho, a obra de Gregorio Magno e dos missionarios benedictinos, o perfil de Carlos Magno, no primeiro vo-

luma. No segundo, por exemplo, a renascença intellectual e artistica do Seculo IX, a obra de Gregorio VII, o papel das grandes ordens do Seculo XIII, as universidades e o apogeu da escolastica, a situação da mulher na sociedade medieval...

E a ultima pagina é um hymno inspirado em louvor da Igreja invencivel, e da obra por ella realizada na Peninsula Iberica. Os descobrimentos maritimos abriam caminhos novos ao Christianismo. "O que dahi resultou vemol-o bem hoje: a Igreja Catholica adora a Deus não sómente nas antigas basilicas, nas igrejas romanicas, nas cathedraes gothicas, mas tambem na gigantesca cathedral de estylo renascença de S. Pedro em Roma, como nas igrejas modernas de Buenos Aires e de Bombaim. A Cruz, por mais combatida que seja, é venerada não só no velho sólo christão da Europa como nos Andes da America do Sul. Pobres missionarios prégam aos pagãos abandonados da Terra do Fogo ou aos negros do centro da Africa, com o mesmo desinteresse que outróra, na Idade Media, os missionarios anglo-saxonios propagavam a fé na Allemanha, um Anschario na Suecia, os Dominicanos na Armenia, os Franciscanos na China. *Stat Crux, dum volvitur orbis!*"

## REGISTRO

PERILLO GOMES

**LIGA DOS DIREITOS DE QUEM ?** Tres prelados francezes, o Arcebispo de Cambrai, o Bispo de Lille e o de Arras, acabam de publicar uma instrução pastoral sobre a Liga dos Direitos do Homem, em que chamam a attenção dos seus diocesanos para o character desta organização. Esse character está impresso na sua maneira de agir. Com effeito, é sabido que ella se mostra de uma insensibilidade de pedra em relação aos direitos de uma numerosa collectividade, a mais numerosa, aliás, a communitate catholica. Dita Liga assiste imperturbavelmente a todos os ultrages de que a Igreja é victima, em França, como em toda parte. E, mais ainda: tem cooperado nessa obra de violencia instigando e alentando a sanha dos que investem contra direitos tão sagrados. É certo, é factó, que a calúnia contra as pessoas e instituições religiosas encontra em seu seio, quando não os proprios artifices, pelo menos um acolhimento dos mais favoraveis. Esta attitude contrasta com a pressurosidade com que ella acode em defesa de homens e instituições que se devotam a destruir os fundamentos christãos da sociedade, quando atingidos por actos da autoridade publica, sem exceptuar mesmo os mais legitimos. Uma tão descarada parcialidade indica o character maçónico da instituição. E evidencia que não se trata de uma Liga dos Direitos do Homem, como a si proprio elle se chama, porém, dos direitos de certos homens, e não dos melhores...

—:—

**UMA ATTITUDE DELICADA** O Boletim Official dos "tradicionalistas" hespanhoes publica uma declaração de certa transcendencia a proposito do proximo pleito eleitoral que se annuncia, destinado a normalizar a vida municipal em Hespanha. Para esse pleito se prepara um movimento de união das forças direitistas, a exemplo do effectuado ao se constituirem as Côrtes actuaes, que se realizou com tanto exito. Precisamente sobre este movimento versa a alludida declaração, assentando como condição para a adhesão dos "tradicionalistas", na hypothese do Partido do Sr. Lerroux participar do mesmo, que faça este confissão de catholicidade. É evidente que uma tal exigencia não se justifica msmo do ponto de vista da Igreja. Não se tem o direito de exigir de ninguem

declaração de catholicidade em materia politica. Porque o mandato que se confere aos politicos não é um mandato religioso. É verdade que não poucas vezes o Poder Publico tem de se defrontar com problemas que interessam de perto á vida religiosa dos cidadãos. Prevendo esta hypothese os catholicos devem proceder com toda cautela na escolha das pessoas a quem darão o seu voto. Com este fim procurarão se certificar antes do suffragio se os que se propõem aos cargos publicos são pessoas razoaveis e probas, despidas de qualquer espirito sectario, de modo que verificada a hypothese figurada tenhamos confiança em que procederá com perfeita isenção de animo servindo á causa da concordia. Sem duvida a condição de catholico (catholico consciente, bem entendido) constitue uma garantia previa desses requisitos. Seria absurdo, no entanto, pretender que temos exclusividade dos mesmos. Em resumo: tratando-se de um pleito politico nossa exigencia deve se limitar ao campo das virtudes civicas do candidato. Sobretudo devemos evitar todo extremismo que possa levar á confusão entre Politica e Religião, ou que possa solidarizar no conceito publico a Religião a attitudes, mesmo bem intencionadas, de organizações de finalidade politica. Graças a Deus, no Brasil, a Liga Eleitoral Catholica resolveu este problema da actuação politica do catholico, problema tão delicado e a que têm sido dadas, em tantas partes, soluções as mais funestas.

—:—

#### O GOLPE ALLEMÃO

As chancellarias europeas tremeram de emoção ante o gesto da Allemanha de reorganizar seus serviços militares com absoluta liberdade, dando por inexistente o Tratado de Versalhes, que estabelece um limite ás suas forças armadas. É factó conhecido que aquelle paiz, desde algum tempo, por meio do rearmamento clandestino, vem infringindo as clausulas do famoso Tratado, neste particular. E é factó igualmente sabido que as nações interessadas em impedir a crescente progressão dos armamentos allemães não encontravam maneira efficaz para agir em tal extremo. Reconhecendo esta importancia e interessada em buscar uma solução airosa para este caso, a Italia, no anno passado, propoz a revisão do Tratado de Versalhes no sentido de conceder á Allemanha a ambicionada igualdade de direitos perante os demais povos. Desgraçadamente esta opportuna iniciativa não encontrou o indispensavel apoio das demais nações da antiga ENTENTE, e teve de fracassar. A Allemanha podia proseguir sua politica de rearmamento, como vinha fazendo, sem se inquietar com os protestos theoreticos dos seus velhos adversarios. Não obstante preferiu mudar de tactica. Resolveu dar estado official á sua real situação militar. O gesto pode ser audaz. Cremos, no entanto, que será beneficioso. Quando uma situação chega a ser tão complicada como a da politica internacional europeia de nossos dias, tudo que lhe possa trazer alguma luz, deve ser bem recebido. A Allemanha se decide agora por um jogo franco.. E' perigoso. Porém, não o eram menos a hypocrisia, a intriga e a confusão que se originavam da sua attitude anterior.

## **FACES DIVERSAS DO LAICISMO**

Divulgou-se entre o publico a concepção de que o politico é um homem de duas caras. de modo a poder, utilizando ora uma, ora outra, estar a caracter em todas as circunstancias. Para algo, pois, o laicismo é uma doutrina politica. E doutrina politica aperfeçoada, isto é, com a capacidade de variar mais de cara, que de côr, o camaleão. Com effeito, ella affirma o principio da neutralidade em materia religiosa. Porém essa neutralidade, em relação ao Catholicismo se resolve em hostilidade. O que não impede que ella se converta em cordialidade, e até em cumplicidade nas audacias de umas tantas seitas. Em Hespanha temos neste particular um exemplo significativo. No tempo do famoso biennio socialisante, em nome do laicismo se impediu todo ensino religioso nas escolas publicas e particulares. Em compensação se instituiu uma cathedra de Talmud no Instituto de Ensino Secundario em Ceuta. E temos assim que num paiz em que foi banido o ensino da sua religião tradicional, porque o novo regimen politico que adoptou foi declarado incompativel com toda noção de sobrenatural, nesse mesmo paiz se crea em um centro de cultura nacional a cathedra de uma disciplina essencialmente confessional, que por coincidencia (só por coincidencia?) é a que alimenta o odio do povo maldito contra a civilização que foi sellada com o sangue de Jesus Chisto...

—:—

## **A PROPAGANDA OBREIRA**

E' fóra de duvida que a unica propaganda que pode dar resultado nos meios obreiros é a de que se possam incumbir os proprios obreiros. Convencida desta verdade a empresa do grande diario catholico de Madrid, "El Debate", fundou ha 2 ou 3 annos uma escola para preparar operarios para o apostolado social, o Instituto Social Obreiro. Da importancia desta obra podemos avaliar pelo facto seguinte: Em dias da semana finda (25|3|35) em Belmonte de Tajo, arredores de Madrid, um grupo de operarios catholicos annunciou uma conferencia publica sobre questões do trabalho, convidando os companheiros socialistas para assistil-a. Estes aceitaram o convite e compareceram, porém, quasi não deixavam falar o orador com os seus constantes apartes. A certa altura o orador pediu que lhe permittissem discorrer sobre o seu thema compromettendo-se a dar depois a palayra ao companheiro socialista que o quizesse contradictar, e a offerecer a repli-ca em seguida. A proposta foi aceita. Assim, apenas o orador desceu da tribuna, um operario filiado á Casa del Pueblo passou a occupal-a e offereceu a contestação socialista á these catholica que acabara de ouvir. O conferencista, como promettera, subiu de novo á tribuna e produziu uma réplica que impressionou de tal modo a assistencia, que o premiou com applausos unanimes. Resta agora pôr em relevo: que a circunstancia de ser obreiro o conferencista animou os obreiros socialistas a assistirem ao acto; que o tom cordial e caridoso da réplica do orador catholico tocou o coração dos seus companheiros marxistas, bem mais perturbado que sua intelligencia, e por fim, que o orador era um antigo alumno do Instituto Social Obreiro fundado e mantido por "El Debate".

**O SOCIALISMO  
MODERNO**

A bibliotheca de Barthou, que acaba de ser vendida em leilão, produziu a bella somma de 14 milhões de francos. E valia o que deram os compradores pois que possuia além de raridades bibliographicas as mais cubicadas, por estudiosos e colleccionadores, muito desta coisa a que se dá modernamente o pomposo titulo de "reliquias historicas". Por exemplo: uma minuta do famoso Tratado de Versalhes com os autographos de Joffre, Foch, Petain, Wilson e Clemenceau. Suppomos ocioso dizer que estas coisas têm um accentuado caracter burguez. E não obstante, Barthou era socialista. E' bem verdade que o periodo incandescente de sua paixão marxista havia passado ha bastante tempo. Não resistiu ao frio das primeiras cans. Ademais o destino lhe reservou a partida ironica de terminar seus dias ao lado de um rei. Mas afinal, se é certo que Barthou havia renunciado aos excessos demagogicos da sua fé socialista não é menos certo que jámais se separara das idéas a que devera o successo de sua carreira politica. Então como explicar que elle houvesse realizado o prodigio de accommodar os rancores de uma doutrina proletaria com o gosto amavel e a placidez de habitos que são o apanagio da "classe espoliadora"? Este paradoxo talvez não seja de comprehensão muito difficil. Nós sabemos que Barthou pertencia á categoria dos intellectuaes do partido socialista. E essa gente, a crer no que dizem os syndicalistas, se considera como formando uma casta superior na humanidade, com a pretensão de submetter aos seus caprichos o mundo antigo, representado pelo capitalismo, e o mundo novo, representado pelo proletariado. "Si non é vero..."

—:—

**FRACASSO DA PEDAGOGIA  
MARXISTA**

Aqui mesmo commentámos as declarações de um procer do sovietismo russo em favor da reconstituição da familia no antigo Imperio dos Tzars. Não se tratava, como fizemos notar, de uma voz isolada destinada a ficar sem echo, porém, de uma real tendencia de rectificação da politica sovietista no que respeita aos direitos paternos. Agora se annuncia uma nova lei contra a criminalidade infantil no "paraizo vermelho" ao tempo em que o procurador geral dos Soviets faz um appello aos paes afim de que se incumbam da educação dos seus filhos e ameaçando com dois annos de cadeia áquelles que se furtarem ao cumprimento deste dever. Reconhece-se, por fim em Russia, que a pura educação do Estado sem o concurso da familia, leva a formar gerações de criminosos. Reconhece-se, portanto, que o papel da familia é fundamental e insubstituivel na sociedade. E isto depois de 15 annos de perseguição á familia, fomentando o divorcio e a prostituição; depois de 15 annos de esforços tendentes a separar os filhos dos paes, e de estimular e promover o desaffecto e mesmo o odio entre um e outro. Aconteceu o que devia acontecer: a mulher russa perdeu o apego ao lar, e os filhos desconhecem os direitos dos seus progenitores. O drama da Russia actual tem neste facto um dos seus aspectos mais culminantes: os paes a quem o Estado havia subtraido os filhos, não os querem mais readmittir sob seu tecto,—

1º, porque desejam conservar a liberdade de continuar a fazer e a desfazer novos lares; 2º, porque os filhos converteram-se em pequenos monstros aos quaes são impotentes para reduzir, seja pelo amor, seja pelo temor. Mirem-se neste espelho nossos impagaveis pedagogos laicisantes.

— :: —

#### **A VERDADE DOS SUFFRAGIOS**

A Academia Franceza acaba de dar mais uma demonstração do que valem os suffragios electoraes. Referimo-nos á eleição em que recentemente foi derrotado Paul Claudel. De Paul Claudel basta citar o nome em qualquer parte do mundo civilizado para que se lhe tribuam todos os respeitoos devidos á intelligencia com i maiusculo. Do seu competidor victorioso, sem lhe desconhecer os merecimentos litterarios, não se pode dizer o mesmo. E' evidentemente um grande nome. Porém, ainda assim, e apesar de toda boa vontade, falta de altura sufficiente para se collocar dignamente ao lado de Claudel. E sem embargo, Claudel foi derrotado. A proposito Jean Giraudoux, no "Figaro", fez o commentario unico que o facto suggere: "Procuro em vão, saber em que a operação electoral levada a effeito pelos membros do corpo mais illustre e mais cuidadosamente recrutado de França, pode se distinguir da peor eleição municipal", dado que ali se vota como "entre delegados das Lojas, dos Syndicatos e das familias electoraes", isto é, movidos pela intriga, pela camaraderia e por inconfessaveis compromissos.

## **O 32º CONGRESSO EUCHARISTICO INTERNACIONAL**

**ARTIGO DO PADRE JOSE' BOUBÊE, S. J., PUBLICADO  
NA REVISTA "ÉTUDES"**

Com os milhões de grãos de areia encerrados nos alicerces de nossas cathedraes, milhões de sacrificios obscuros e generosamente consentidos erguem para o céu a basilica espiritual dos Congressos. Ha, comtudo, alguns desses actos que estão registados e contados: são os dos Cruzadinhos da Eucharistia. Meninos e meninas, nos grupos da Cruzada, são convidados a anotar, sem indicação pessoal alguma, a somma de suas orações, communhões, sacrificios e diversas boas obras. O total de cada aula, collegio, parochia, é enviado ao centro diocesano, depois ao centro nacional, e emfim á direcção geral romana ou ao secretariado do Congresso. Em Dublin, o total geral dos thesouros elevava-se a cerca de 288 milhões, numero até então sem exemplo. Mas Buenos Aires devia bater, e de longe, esse "record". Promettera-se ás crianças que se collocariam sob ou sobre o altar, durante a missa solemne de quinta-feira 11 de outubro, as folhas do Thesouro. A enorme quantidade de papel que isso representava, tornou impossivel a realização da promessa; foi preciso contentar-se com transcrever os totaes em um pergaminho e collocal-o no altar em que celebrava o cardeal Hlond, primaz da Polonia, por antonomasia o cardeal das crianças, o cardeal da Cruzada. E eis alguns dos numeros que se podiam ler: missas ouvidas com piedade: 92.815.217; communhões sacramentaes 84.614.311; victorias de si mesmo: 151.219.834, etc. Emfim, total geral das orações e boas obras: 667.457.897. Não é o caso de repetirmos, com o Papa Pio XI, a respeito justamente da Cruzada Eucharistica e do Apostolado da Oração: "Os proprios numeros têm sua magnifica poesia"?

Numeros? Seria necessario alinhá-los tambem, e em imponentes columnas, a respeito da preparação material do Congresso. Desde alguns annos, essas magnas festas eucharisticas têm tomado tal importancia que dois annos mal dão para se organizar a sua celebração.



sendo necessarias, com a bôa vontade de muitos, competencias diversissimas.

Desde o fim de 1932, a autoridade ecclesiastica de Buenos Aires organizára, para a preparaçào do Congresso, uma dupla commissào, de homens e senhoras, sob o nome de Comité executivo. O piedoso bispo auxiliar Monsenhor Devoto aceitára, impellido por vivas instancias, o titulo e o cargo de presidente do Comité; mas infelizmente a debilidade de sua saude o obrigou a depôr logo esse fardo. Deu-lhe a Providencia por successor um prelado com notaveis dotes para a accção e para a luta, Monsenhor Daniel Figueroa. Devia elle dirigir, em primeira linha, durante dois annos, a organizaçào do magno Congresso Eucharistico e a construcçào de uma importante parochia, em pleno centro de Buenos Aires.

Foram nomeados vice-presidentes do Comité dos homens dois leigos, ambos membros do Comité permanente internacional dos Congressos: o Dr. Thomás Cullen e o Dr. Martinho Jacobe; o primeiro, ex-ministro da Instrucçào Publica; presidente geral da Acçào catholica argentina, o segundo. A' frente do Comité feminino figuravam duas senhoras universalmente conhecidas na Argentina por suas praticas de piedade e de beneficencia, em que prodigalizam a propria fortuna, duas senhoras que o Santo Padre se dignou honrar com o titulo de condessas, em recompensa de tão admiravel generosidade e dedicaçào pessoal: Mme. Harilaos de Holmos e Mme. Unzué de Alvear.

Sob a direcçào geral do Comité executivo, o trabalho foi, como é necessario e habitual, repartido entre diversas commissões especializadas. Algumas dellas deviam, por força das circumstancias locais, achar-se em presença de um trabalho particularmente arduo.

Buenos Aires, capital de um paiz seis vezes maior que a França e cidade cuja superficie é igual pelo menos ao quadruplo da de Paris, conta dois milhões e meio de habitantes. Mas, construida segundo o plano desesperadoramente monotono das cidades colonias hespanholas. Buenos Aires tem ruas interminaveis, por vezes de 13 ou 14 kilometros, e em geral estreitissimas. Todas essas ruas se cortam em angulo recto, formando uma série de xadrezes, em que cada quadrado mede 125 metros de lado. Em um ou outro ponto, tirou-se um ou outro quadrado, isto é, deixou-se livre de construcções e ornado de arvores o espaço comprehendido entre quatro ou seis grupos. São as praças principaes de Buenos Aires. A primeira difficuldade com que toparam os organizadores do Congresso, foi, pois, encontrar, nessa cidade immensa, um logar de concentraçào para a massa dos congressistas. Depois de muita troca de idéas, decidiu-se que o local mais

bem situado era a encruzilhada do Parque Palermo, que se tornaria celebre nos incomparaveis dias de outubro ultimo.

A encruzilhada de Palermo é mais ou menos como o "rond-point" dos Campos Elyseos si transportado para o "bois de Boulogne": duas largas e longas avenidas (Alvear e Sarmiento) que se cortam em angulo sensivelmente recto: nos braços dessa encruzilhada, caminhos, arvores, canteiros, gramados. O logar não era por certo o ideal para uma concentração: repartidos em quatro sectores, separados por verdadeiros arvoredos ou por gramados com arbustos, os fiéis poderiam com facilidade voltar-se todos para o centro, mas cada um dos quatro grupos nada saberia dos outros tres. O Radio obviaria, ao menos parcialmente, o inconveniente desse isolamento relativo. Um outro obstaculo pareceu, a principio, insuperavel. Justamente no centro da encruzilhada ergue-se um soberbo monumento de marmore, o Monumento dos Hespanhóes, offerecido pela mãe patria á filha livre, a Argentina, quando esta celebrou, em 1910, o centenario de sua independencia. Por artistico que fosse, tal monumento não poderia servir como retabulo do altar do Congresso eucharistico. Tratou-se, de removel-o; mas, menos arriscados que seus collegas da America do Norte, os engenheiros argentinos recuaram deante de tal solução. Uma vez que não o queriam tirar dali, nem erá possivel utilizal-o tal qual estava, era mistér escamoteal-o. Foi então que um engenheiro de grande talento, o dr. Jorge Mayol, ex-alumno da escola central de Paris, concebeu a idéa da cruz monumental, de facto realizada com tanto successo, cruz monumental que, reproduzida na photographia e no film, passará á posteridade.

Assim como se encaixa uma reliquia em um relicario, o Dr. Mayol encerrou o monumento em uma cruz gigantesca, que media 28m,75 de altura; essa cruz por sua vez repousava em um sóco de dois andares ou patamares, o qual devia servir de santuario, e fornecer logar para os duzentos bispos ou prelados que tomaram parte no Congresso. Elevava-se, pois, justamente no centro da encruzilhada, uma plataforma quadrada cuja base media 44 metros por lado; o patamar superior, que formava a tribuna dos bispos e prelados, erguia-se a 3m,70 acima do solo e media 31 metros de lado. Em cima, e no centro, erguia-se a cruz monumental, encerrando a estatua hespanhola em um espartelho de madeira, ajustado com toda a exactidão e revestido de gesso branco rugoso, entremeado de particulas de mica. O conjunto era de uma soberana majestade e de uma harmonia perfeita.

Todavia, restava ainda um grande problema. Verdade era que tinham sido dispostos, ao pé da grande cruz, na plataforma destinada aos bispos, quatro altares, cada um dos quaes ficava de frente para

cada uma das quatro grandes avenidas. Poderiam celebrar ahí ao mesmo tempo quatro prelados, quatro cardeaes, como se deu por occasião da missa de communhão geral das crianças; desta fórma, cada um dos quatro grupos de assistentes teria a sua missa e a sua parte na festa. Mas, quanto á missa pontifical do cardeal legado, seria possível contentar-se com que nella só tomasse parte directa um dos quatro grupos de assistentes?

O genio inventivo do engenheiro Mayol achou maravilhosa solução para o problema. Aproveitando uma certa irregularidade geometrica no cruzamento das avenidas, evitou que o eixo da cruz coincidissem inteiramente com o do monumento central; e em um dos angulos da plataforma, pôde fixar um ponto praticamente visível para 80 ou 90 por cento dos espectadores reunidos nas quatro avenidas. Só não gozariam do espectáculo os congressistas comprehendidos em um pequeno triangulo que tinha por vertice esse ponto estrategico e cujos lados seriam tangentes á cruz central. Nesse triangulo desfavorecido pela sorte, e cuja base, aliás, coincidia, muito a proposito, com uma entrada, momentaneamente condemnada, do Jardim Zoologico, ficariam os cantores que formavam um côro de 500 pessoas, e ficaria tambem um importante posto de socorro.

O altar que se denominou pontifical, e que devia servir para o Legado do Papa, ergueu-se, pois, em um angulo do monumento. Para tornal-o mais visível ainda, construíram-no a 2m,40 acima da plataforma, ou seja, a 6m,10 acima do solo. Ficava comprehendido em uma capella de crystal, de fórmas irregulares, na qual só tomariam lugar, com o Legado do Papa e os outros cardeaes presentes, o Nuncio apostolico, o arcebispo de Buenos Aires e o presidente geral dos Congressos eucharisticos, Monsenhor Heylen. Esse templo de crystal tinha 14 metros de fachada e 8 de fundo. Uma especie de camarote ou varanda, igualmente envidraçada (para permittir um melhor uso do microphone) foi annexada a esse templo de crystal: devia servir assim de pulpito para os sermões, como de tribuna para os discursos dos oradores do laicato, durante as assembléas geraes.

Pois era na encruzilhada de Palermo que se deviam celebrar, não só as mais commovedoras cerimoniaes do culto, senão que tambem as magnas assembléas da tarde, durante as quaes, segundo o uso já antigo, algum membro da delegação dos paizes estrangeiros notifica ao Congresso a adhesão de sua patria, e os oradores designados de antemão expõem o thema que lhes fôra fixado, de accordo com o programma geral.

Cumpria, pois, esperar ver em Palermo immensas multidões. O espaço era relativamente pequeno, pois os logares debaixo das arvores

eram quasi inutilizaveis; e nas quatro grandes avenidas, amontoando o mais possivel os assistentes (para todos terem meios de ver o monumento central e as evoluções longinquoas do clero com suas vestes liturgicas) nas quatro avenidas não se podia achar logar senão para quatrocentas mil pessoas que ficassem de pé. Não sem pesar, decidia-se reduzir ainda esse numero. Tanto para a ordem e disciplina como para a commodidade dos assistentes durante as assembléas, resolveu-se estabelecer em todas as avenidas uma série de bancos de madeira, simplicissimos mas solidos, comportando uma larga tabua em que cada qual se pudesse assentar e um banquinho em que se pudesse ajoelhar. Um outro engenheiro argentino, o dr. Millan, foi encarregado de installar essa cathedral ao ar livre, de repartir, do melhor modo possivel, os tramos da mesma; por certo não pequeno trabalho, mas concebido e executado magistralmente.

Para mais facil manipulação e mais segura estabilidade, os bancos eram unidos tres a tres, formando assim 730 grupos, cada um dos quaes occupava cerca de 9 metros quadrados de superficie e podia dar logar para 18 pessoas adultas. O numero total dos bancos era de 21.900; alguns tinham 3 metros de comprimento, outros (em maior numero) 3ms,30. Vê-se sem demora que sua extensão total em comprimento teria attingido 70 kilometros. Foram distribuidos pelas diversas avenidas, depois de terem sido fabricados no proprio local, em tres ou quatro semanas, por um verdadeiro exercito de carpinteiros. Seja dito de passagem, na hora em que a crise economica grassava na Argentina de um modo particularmente doloroso, reduzindo milhares de homens a ficarem sem trabalho, não foi pequeno beneficio material a preparação do Congresso, a erecção do monumento, a fabricaçào e o arranjo dos bancos ou tribunas, a guarda das installaçõeas, a vigilancia das barreiras e das duzentas e onze portas de entrada: só para esses tres ultimos serviços, empregaram-se durante duas semanas mil e quinhentos homens momentaneamente sem trabalho.

O recinto do Parque Palermo, reservado ao Congresso e aos congressistas, era inteiramente fechado por uma barreira de 1m,60 de altura, e que se extendia em um circuito de sete kilometros. Nas quatro grandes avenidas, os bancos estavam dispostos em longas filas parallelas, formando uma especie de pequenos parques, cada um dos quaes teria em geral 23m,40 de comprimento por 19m,50 de largura e estava cercado de uma leve estacada de madeira, de 0m,90 de altura; um corredor interior central, com 3 metros de largura, permitia que entrassem e saíssem commodamente mil e cem congressistas admittidos em cada uma dessas secções. Cada avenida constituia uma

zona, que se distinguia por um numero e por uma côr propria; em cada zona, havia tres ou quatro divisões, mais ou menos proximas do monumento-capella, e cujos logares seriam consequentemente mais ou menos apreciados; a cada divisão correspondia tambem uma côr. A côr da zona e a côr da divisão estavam representadas em grandes discos indicadores, fixados em estacas, deante das correspondentes entradas; encontravam-se as mesmas côres no cartão de entrada, o qual continha, no verso, um plano pormenorizado da zona, com indicação graphica dos meios de acesso.

Imagina-se sem difficuldade o que seria organizar cerca de duzentos mil cartões, com perto de cincoenta séries distinctas, com suas diversas combinações de côres. Pois, além das multiplas categorias de logares situados nas avenidas, havia, em redor do proprio monumento e em alguns dos gramados que o cercam, varias tribunas ou estrados, alguns grandes, pequenos outros. Era, por exemplo, a tribuna official do presidente da Republica, com 2.500 logares, para os membros do governo, corpo diplomatico, governadores das provincias, Comité permanente internacional dos Congressos; era a tribuna de 3.000 logares destinados aos membros do Comité executivo local e ás suas familias; era o immenso estrado, situado em uma posição privilegiada, symetrico da tribuna official em relação ao altar pontifical, e que o Comité executivo, com uma cortezia cuja delicadeza não se poderia bastantemente louvar, reservára para os congressistas vindos do estrangeiro: só esse estrado comprehendia 18.000 logares. Emfim, ao longo das avenidas e dos gramados, erguiam-se palanques (palcos) que geralmente se levantam em Palermo para os desfiles militares ou para as festas civis: 700 palanques, contendo cada qual oito pessoas, ou seja, 5.600 pessoas ao todo.

Vê-se que, em definitivo, umas duzentas mil pessoas podiam contemplar, tranquillamente assentadas, o esplendor das festas eucharisticas. Mas porque taes installações custavam e deviam ser pagas, os cartões que permittiam acesso ás mesmas foram postos á venda por intermedio das parochias, conventos e estabelecimentos catholicos. O preço, as mais das vezes, era modico, e um só cartão, uma vez pago, por uma ou duas piastras dava direito a assistir a todas as ceremonias. No entretanto, teria sido odioso deixar de lado os pobres, os privilegiados de Christo; reservaram-se-lhes, pois, vastos espaços, alguns dos quaes avançavam em angulo até ás proximidades do monumento; logares para os quaes se distribuiram gratuitamente cento e quarenta mil cartões. Aliás, grande numero dentre os cartões que se pagavam, foram comprados e distribuidos por pessoas generosas a seus empregados ou protegidos; em fim, como é natural, os

sacerdotes, os religiosos, os seminaristas, as crianças convidadas ás ceremonias de que eram a alma, foram admittidos sem cartão, ou com bilhetes especiaes, graciosamente offerecidos pelo Comité executivo.

Esses calculos, um tanto aridos mas precisos, bastam para fazer comprehender que, mesmo por occasião da missa pontifical do domingo e da benção solemne de encerramento, não tenha havido, no recinto reservado de Palermo, mais de quatrocentos mil assistentes. Estava-se longe das multidões reunidas em massas inolvidaveis no parque de Santa Maria em Mundelein, ou em torno da cathedral de Sydney, ou na admiravel clareira do Phoenix Park. Os jornaes terão falado de um milhão (alguns, no seu enthusiasmo, disseram dois milhões!) de peregrinos e congressistas reunidos. Esse numero não se póde entender senão dos formigueiros humanos, repartidos, domingo de tarde, pelo percurso da procissão eucharistica, entre a igreja do Pilar e o monumento, e só em espirito unidos, graças principalmente á directriz dos alto-falantes, aos quatrocentos mil privilegiados de Palermo.

União espiritual ou, como por lá commumente se diz, **adesão ao Congresso**; tal foi, desde o começo, uma das grandes preocupações dos catholicos argentinos, e mesmo dos catholicos sul-americanos em geral. Um dos principaes meios de testemunhar essa adesão foi o de usar o distinctivo do Congresso.

Em todos os Congressos eucharisticos, grande é a influencia que exerce o distinctivo. Serve de signal para a união dos congressistas; ostenta-se, com varios mezes de antecedencia, no peito de todos os que se interessam pelo futuro Congresso; é uma affirmação publica de fé e tambem de fraternidade catholica entre os peregrinos vindos das mais diversas paragens.

Mas nunca, até agora, o distinctivo de um Congresso gozára da voga que teve em Buenos Aires. Figurava, primeiro, como nos outros paizes, á lapela dos homens e nos vestidos das senhoras, na batina dos sacerdotes ou no avental dos escolares. Era um pequenino escudo heraldico, de latão esmaltado, disposto em fórma de broche, ou de alfinete, ou de botão, e cujo modulo variava entre cerca de 1 a 3 centimetros. Sobre um fundo de esmalte branco e azul celeste, — as côres nacionaes argentinas, — erguia-se uma aguia a alçar, em uma de suas garras, um ostensorio refulgente. A ave é de fórma um tanto extravagante e mais ainda o seu gesto; mas ambos tomados do historico escudo d'armas de Juan de Garay, segundo fundador de Buenos Aires. Assim, facilmente se entendia o symbolismo do con-

junto: Buenos Aires, e a Argentina, offereciam a Hostia á adoração.

Durante mezes, essa imagem, reproduzida milhares e milhares de vezes, sob todas as fórmãs, em todas as dimensões, associada aos mais variados e mesmo aos mais diparatados objectos, não deixaria em paz a imaginação dos Argentinos. O escudo do Congresso estava em toda a parte; pelas proximidades dos dias magnos de outubro tornára-se uma obsessão.

A principio, em sua fórmula primitiva e sob as apparencias de metal esmaltado, o distinctivo foi applicado, collado, soldado e pendurado em todos os artigos usuaes. Um industrial engenhoso expõe, em varias vitrines, séries de lembranças do Congresso, — muito antes de sua realização —; a enumeração dessas lembranças seria parecida com o catalogo geral de um bazar. Inseria-se o escudo em relógios-pulseiras, no quadrante dos despertadores, nos relógios de parede, não importa de que tamanho: ornava taças e copos, colheres, garfos, facas de todos os feitios. Via-se o escudo nos cachimbos e nas cigarreras, nas chavenas de matte e no canudo especial com que o tomam (*bombilla*); figurava nos canhenhos e nas agendas, nas cardenetas e nas carteiras, nas folhas de mata-borrão e nas espatulas, em canetas de tinta e lapiseiras, em bolsas, alforges, sacolas, pastas, malas. Figurava o escudo nos objectos de toilette, pentes e escovas das mais variadas, escovinhas de unha, espelhos e espelinhos, até caixas de pó de arroz e... batons de rouge! Aos poucos invadiu o vestuario e appareceu nas gravatas e suspensorios dos homens, nas *écharpes* e mantilhas das senhoras.

Reproduzia-se de mil modos, com suas diversas côres, o desenho do distinctivo. Os que trabalhavam em pelles, nas fazendas; os negociantes de comestiveis, nos seus generos. Dois proprietarios de confeitarias andaram envolvidos em um processo, porque cada qual delles pretendia ter o direito exclusivo de vender bonbons em uma caixa com o formato do escudo, e com a aguia e o ostensorio do Congresso. Um terceiro ainda fez mais: tornou comestivel o proprio escudo, confeccionado em geléas, tortas de frutas, em crèmes de diversas côres. Houve caramelos do Congresso, como houve um vinho do Porto eucharistico! O Comité executivo, entende-se, facilmente, não sancionava todas essas iniciativas, antes, esforçava-se por cohibir os abusos; mas nem sempre o conseguia.

O que o Comité não podia deixar de approvar era o uso que faziam do famoso escudo os fabricantes de objectos piedosos. Nunca se vira tão grande numero de medalhas, gravuras, brochuras, estatuetas, artigos religiosos modestos ou sumptuosos, ornados com a mesma symbolica imagem. O ouro, a prata, o marmore, o alabastro,

o marfim, o vidro, a cellulóide e a galalithe indefinidamente receberam e transmittiram essa imagem. Uma das mais felizes inspirações foi a dos escudos de grandes proporções, destinados á ornamentação das fachadas.

De um modo geral, cumpre que o reconheçamos, a ornamentação e o embandeiramento das casas de Buenos Aires foram muito inferiores ao que se conseguira, por exemplo, em Dublin. Só que a illumination publica alcançou um successo sem igual. Empregaram-se 160 mil lampadas, e só ellas representam um valor de mais de 200.000

Buenos Aires é a cidade das luzes, no sentido electrico da palavra. New York, Chicago, S. Francisco nada têm de comparavel aos dores habituaes: e assim se deu.

na Avenida de Maio, na Diagonal, na Rua Callao. Cumpria que, por que se vê todas as noites na Praça de Maio, na Praça do Congresso, pesos argentinos,

ocasião das festas eucharisticas, fossem sobreexcedidos esses esplendor

Na Avenida Alvear, via triumphal que conduzia ao monumento do Congresso eucharistico, os lampadarios usuaes foram transformados em gigantescos candelabros, rendilhados de luzes dispostas em graciosas grinaldas; em um ou outro ponto, dos dois lados ou mesmo de lado a lado da Avenida, grandes quadros decorativos, entremeados de lampadas multicores, desenhavam em plena noite calices ou ostensorios, cruces latinas ou gregas, arabescos ou caprichosas curvas. Pelas proximidades do Palacio do cardeal Legado, deparava-se na Avenida immenso motivo luminoso, que reproduzia as armas da Santa Sé, com chaves de 11 metros de altura e uma tiara de proporcionadas dimensões; conjunto desse brazão que tinha 12 metros de largura, exigira, só elle, 1.700 lampadas. Essa profusão de luminárias que entrecortava linhas pontilhadas, brancas ou vermelhas, verdes ou amarellas, côr de malva ou azues, fascinava os olhos; mais ainda, commovia as almas o branco resplendor da cruz monumental, cuja mole se erguia na Praça Palermo por entre o brilho uniforme e calmo dos projectores.

A esses deslumbramentos nocturnos não correspondiam as ornamentações diurnas. Nenhum arco de triumpho. O porto, as gares, as ruas e as praças apresentavam, em conjunto, o aspecto costumado. Um bom numero de casas, comtudo, ao menos em um bairro muito rico a que chamam o centro e que fórma a parte nordeste da cidade, arvoravam a bandeira pontificia, branco-amarella, sempre acompanhada, de accordo com as leis do paiz, pelo pavilhão nacional da Argentina. Certos edificios, aliás, se contentavam com este ultimo emblema, cuja combinação de côres, branca e azul, tomada pelo ge-



neral Belgrano do estandarte de Nossa Senhora, á primeira vista não sobressae muito. Mas,

Mas em lugar de bandeiras, de tapeçarias ou de grinaldas, lá estava, a ornar os immoveis, o famoso escudo do Congresso! Pequenino apparecera no mundo, suspenso á lapela e aos vestidos; crescêra através das numerosas transformações de que atrás falamos. Fixou-se bem depressa sob a fórma de metal esmaltado e com as dimensões do distinctivo do Touring Club, nos radiadores de automoveis. Crescendo ainda mais, dependurou-se nas grades e nas varandas, nas portas e nas janellas, até mesmo nos muros das casas. Era, ora uma folha esmaltada, de 30 ou 35 centímetros de altura; ora um molde massiço de cimento ou de gesso, durante a noite cercado por um filete luminoso ou aclarado por discreto projector.

Depois, a piedade de alguns e a vaidade de outros fizeram com que o escudo crescesse ainda mais; a imaginação e a fantasia descobriram novos modos de o realizar. Houve grandes escudos de vidros de varias côres; escudos transparentes; escudos até de uns seis metros de altura, nesta ou naquella igreja, nesta ou naquella casa de commercio. Finalmente, o escudo que uma companhia de electricidade desenhou, em gigantescos traços luminosos, na Praça de Maio, e cujos jorros de côres cambiantes eram, para o mais distraído dos passeadores nocturnos, uma continua revocação do Congresso prestes a realizar-se, gloria da Argentina catholica.

Menos ruidosa e menos vistosa, uma ultima realização do escudo symbolico merece ser assignalada: a que conceberam e executaram os alumnos do Pensionato da Sagrada-União; no dia da procissão solemne, essas piedosas crianças mandaram collocar, na plataforma ou capella movel que devia levar o Santissimo Sacramento, um grande escudo inteiramente formado de frescas flores naturaes, testemunho não menos que imagem de seu fervor.

Será de admirar que, no meio dessa preparação ardorosa e quasi universal do povo argentino para o Congresso, tenha havido notas discordantes? Essa hospitaleira terra, em sua excessiva generosidade, de ha muito acolheu, de per meio aos emigrantes honestos e laboriosos, vagabundos de todas as raças e desnaturalizados, os quaes infelizmente lhe haviam de proporcionar elementos de desordem e turbação. Certos bairros da capital estão infestados de anarchistas e communistas. A mais, nos meios politicos, o socialismo antireligioso conta bom numero de adeptos, e, em particular, conseguiu maioria municipal (Concejo deliberante) de Buenos Aires.

Não contentes com derramar sua bilis nos jornaes de sua devoção, os inimigos de Deus e da Igreja emprehenderam, algumas semanas antes do Congresso, uma verdadeira campanha contra os escudos que ornavam as capotas dos automoveis, as fachadas dos immoveis, as vitrines das casas de commercio. Roubavam dos chauffeurs, durante um momento de ausencia, o distinctivo collocado junto ao radiador; enviavam aos commerciantes cartas ameaçadoras, promettendo boycottar as lojas que adornavam as fachadas e as varandas, projectavam, durante a noite, cascas de ovo, que antes tinham enchido de alcatrão. Tornou-se necessaria a intervenção da policia, que descobriu a existencia de uma quadrilha bem organizada, cujo chefe tinha em casa provisões de casca de ovo e cóltar. Nesse entrementes, alguns jovens catholicos tinham pessoalmente organizado uma contra-offensiva; ainda se conta a historia de um sujeito, surprehendido por elles em flagrante delicto e que, em vez de atirar sua provisão de alcatrão contra a santa imagem, foi obrigado a tragal-a, inexoravelmente. Seus justiceiros só lhe deixaram o recurso de ir a um hospital onde o medicassem.

A cidade, o povo, toda a nação argentina estava, pois, alerta quando, na terça-feira, 9 de outubro, chegou ao porto de Buenos Aires Sua Eminencia o cardeal Pacelli, Legado pontificio. Desde varios annos, o Santo Padre, que tomou parte pessoal no Congresso de Roma (1922), tem-se dignado enviar aos Congressos eucharisticos internacionaes como representante seu um principe de sua Côte, um cardeal da Curia. Mas era a primeira vez que elle consentia em enviar a paiz longinquo, para uma ausencia de pelo menos seis semanas, o secretario de Estado, seu braço direito. Essa distincção extraordinaria concedida á Argentina foi apreciada em seu justo e elevado valor pelo governo e pelo povo.

Nos limites das aguas nacionaes, um encouraçado argentino e quatro contra-torpedeiros vieram saudar o Conte-Grande, em que vinha o Legado de Sua Santidade: escoltaram-no até o porto. Ao mesmo tempo, aeroplanos faziam evoluções; sulcava as ondas uma verdadeira flotilha de embarcações de recreio, festivamente embandeiradas, com grupos de fiéis, em expansões de jubilo. No mastro grande do navio italiano fluctuava o pavilhão pontificio, um encanto de bordado, primoroso labor de mãos femininas, e que, preparado pelas senhoras argentinas, em seguida enviado a Roma, agora lhes trazia, por entre as dobras de seda, a benção do Soberano Pontifice.

Recebido no desembarcadouro pelo presidente da Republica, saudado por um discurso do intendente municipal (ou seja, prefeito de Buenos Aires), o qual não compartilha, por fórma alguma, dos pre-

conceitos do seu Conselho Deliberativo, o cardeal Legado devia, depois do desembarque, segundo as prescrições rituaes, dirigir-se para a cathedral, afim de ir saudar ao Rei dos reis. O percurso directo não lhe teria permittido nem ver nem ser visto; e o programma official excluira do porto e de suas dependencias, não só o publico, mas qualquer outra pessoa que não figurasse entre as personagens do sequito presidencial; o povo precisava, pois, de uma compensação. O trajecto comportou um rodeio, um longo rodeio; quer dizer que o cortejo do Legado deu, desde a chegada, um passeio através da cidade. E foi um passeio triumphal.

Brevissimo o cortejo: oito carros, com a capota abaixada, e cada carro puxado por dois cavallos, — aliás mediocres para um paiz em que se criam tantos cavallos; esses oito carros precediam a carruagem de gala, em que estava assentado á direita o cardeal Legado, que tinha á sua esquerda o general-presidente. Do porto, a pequena fila de carros ganhou a Praça San Martin, em que se ergue a estatua do libertador da nacionalidade; depois tomou, pelas ruas Santa Fé e Callao, o caminho da Praça do Congresso; dahi, pela soberba Avenida de Maio, chegou-se á cathedral. Mais ou menos como se em Paris o desfile se fizesse ao longo dos Campos Elyseos, da rua Royale e dos grandes boulevards.

O governo decidira receber o Legado do Papa com honras de rei, como se fizera, havia alguns annos, para o principe de Galles; duas divisões do exercito tinham sido, pois, mobilizadas, formando alas ao longo do percurso. Mais do que a essas honras de soberano, o coração do Legado deve ter sido sensivel á homenagem de sessenta mil crianças, alinhadas nas calçadas. Na rua Santa Fé estavam agrupadas as escolas e os collegios catholicos de meninos; na rua Callao, as meninas; na Avenida de Maio, as pequenas escolas particulares e os asylos de beneficencia, que são de consideravel numero em Buenos Aires. Em fim, na Praça do Congresso, as "collectividades estrangeiras", como por lá se diz, com os peregrinos de suas respectivas nações, vindos para as festividades eucharisticas, agrupavam-se em torno das bandeiras de suas patrias, inclinando-as piedosamente deante do enviado do Papa.

Desde esse primeiro contacto com o povo argentino, o cardeal Pacelli o conquistou. Por certo que, já havia dois mezes, era elle esperado, repetido o seu nome, indicados os seus titulos. Mas o brilho de sua purpura e o prestigio de suas altas funcções desappareceram deante da sympathia que o envolvia e que parecia dimanar de sua propria pessoa. Seria seu perfil de medalha? Seria a tez matte de seu rosto, rasgado por dois olhos incandescentes e no qual

parece que os lábios só se movem para se entreabrirem em um sorriso de bondade? Seria a extraordinária fineza de suas longas mãos, mãos de artista e de mystico, tão erectas quando juntas se levantam para o céu, tão palpitantes quando pontuam um discurso, tão hieraticas quando desenham a cruz de uma bênção, tão largamente abertas quando se abaixam para a multidão? Seria a calorosa suavidade dessa voz que faria vibrar aos ouvidos argentinos os sentimentos de uma terna piedade eucharistica nas sonoridades da patria lingua castelhana? Foi tudo isso, e foi ainda mais a impressão sobrehumana de intelligencia, de compassiva ternura, de paz interior e de união com Deus, que fez do cardeal Pacelli, durante esses inolvidaveis dias, o idolo da população de Buenos Aires.

Foi isso que se viu, foi isso que se sentiu, quando elle passava, por entre acclamações, pelas avenidas de Palermo. Foi isso que se viu ainda melhor quando, depois do Congresso, afrouxando-se os cordões da policia e permittindo a ausencia de programma official, com uma imprevisão no serviço de manutenção da ordem, maior liberdade á multidão, pôde esta atirar-se ás cégas nas pegadas do cardeal. Quando elle visitou o Atheneu da Juventude; quando foi a Santa Felicidade para presidir a uma distribuição de viveres a duas mil familias pobres, o pelotão de cyclistas que o precedia, pôde sem difficuldade abrir-lhe caminho; mas, apenas descido de sua carruagem, o cardeal tornou-se a presa, calma e benevola, de uma multidão em que cada um queria receber d'elle a bênção, beijar-lhe o anel, ou, como nos dias da vida mortal de Christo, tocar-lhe ao menos nas vestes.

E por isso, hora da partida, para satisfazer ao desejo ardente do povo, o Legado houve de dar uma nova volta através da cidade, volta mais longa ainda que a da chegada. Não foi só pelas ricas e grandes arterias do centro que elle passou, senão até pelas ruas do Districto Sul, ruas populares e um tanto desfavorecidas pela sorte. Quando, depois de um trajecto de mais de uma hora, chegou ao porto, a carruagem em que vinha o Legado do Papa desapparecia debaixo de flores.

O presidente da Republica, que, quando da chegada do cardeal, fôra a seu encontro e o acompanhára á cathedral, fez-lhe tambem companhia no passeio de despedida ao longo da cidade, depois até ao porto de embarque. Era uma terça-feira, 16 de outubro, ás sete e meia da noite. Formavam alas fuzileiros navaes, desde a grade de accesso até ao "Conte Grande"; executaram-se, como sete dias antes se fizera, os hymnos pontificio e nacional; trocaram-se depois algu-

mas palavras de despedida, transmittidas pelo Radio á cidade que vovera para o cáes toda a sua attenção. Uma vez no portaló, o Legado de Sua Santidade ainda parou um instante, voltou-se para o povo, saudou-o, deu-lhe a benção. Cerca de duas horas mais tarde, quando o navio desatracou e pôde em fim o enviado do Papa recolher-se a seus aposentos particulares para descansar um pouco, os projectores traçaram sobre a cidade e sobre o povo argentino, uma grande cruz luminosa, supremo signal de benção.

# Leiam

---

**S. THOMAZ DE AQUINO — SUMA THEOLOGICA** — Traducção portugueza de Alexandre Correia — Um volume de 484 pags. com texto latino, brochado 40\$000.

*Pedidos á Bibliotheca Anchieta — Praça 15 de Novembro, 101-2.º — C. P. 249 — Rio.*

## BIBLIOGRAPHIA

O ORDEM recebeu e agradece:

### REVISTAS:

- Revista Internazionale Di Scienze Sociali — Milano.  
Brotéria — Portugal.  
Revista Brasileira de Pedagogia — Rio.  
Schonere Zunkunpf — Allemanha.  
Boletim do Instituto de Engenharia.  
Criterio — Buenos Aires.  
Revista da Academia Brasileira de Letras — Rio.  
Pharol — Orgão da Academia Ruy Barbosa — Bahia.  
Gazeta Clinica — São Paulo.  
The Commonweal — Nova York.  
Vozes de Petropolis.  
Brasil Ferro - Carril — Rio.  
Idort — São Paulo.  
Excelsior — Rio.  
Revista Brasileira de Musica — Rio.  
Juventude Feminina Catholica — Rio.  
Cahiers de la Génération Nouvelle — França.  
Tuberculose — Orgão da Sociedade Brasileira de Tuberculose.  
Centro de Estudos Tristão de Athayde — Fevereiro — São Paulo.  
Der Gal — Fevereiro-Março — Allemanha.  
Boletim da União Pan-Americana — Março de 1935.  
The Rosary — Março de 1935.  
Heroica — Buenos Aires — Numeros 72 a 77.  
A Galera — Revista da Escola Naval — Rio.  
Revista do Touring Club do Brasil.  
Cruzada n. 10 — Janeiro e Fevereiro.  
Luzes — N. 9 — Rio.  
Festa — Rio — N. 7 — Março.  
Revista de Cultura — Rio de Janeiro.  
Zealandia — Auckland.  
O Monitor — Dos ex-alunos Salesianos  
Revista da Flora Medicinal.
- ### JORNAES:
- O Ascensor — (Jaboticabel) — São Paulo.  
Commercio de Jahu' — São Paulo.  
O Globo — Rio.  
Semaine D'Averbode — Bruxellas.  
A Cruz — Rio.

O Cruzado Eucharistico — Rio.  
 A União — Rio.  
 Seleccção — Rio.  
 El Pueblo — Buenos Aires  
 A Reacção — Manágos.  
 Correio Catholico — Minas — Uberaba.  
 O Triangulo — Araguay.  
 Era Nova — Bahia.  
 Collectanea de Accordãos — Bello Horizonte.  
 Boletim Mariano — Curityba.  
 A Cruz — Aracaju.  
 O Bandeirante — Caxias.  
 Boletim da União Pan-Americana.  
 Santuario de Santa Therezinha — Taubaté.  
 Verdades — Peru.  
 Gazeta de Nazareth — Pernambuco.  
 Brasil Central — Goyaz.  
 A Imprensa — João Pessoa.  
 O Apostolo — Florianopolis.  
 O Mensageiro do Senhor do Bom Jesus — Pirapora  
 O Apostolo — Alagoas, Penedo.  
 Idade Nova — Porto Alegre.  
 The Sentinel — Nova York.  
 O Cruzado Eucharistico — Rio.  
 L'Esprit Nouveau — Bruxellas.  
 A Tribuna — Recife.  
 A Voz — Boletim Parochial — Cachoeira.  
 Zealandia — Fevereiro — Nova Zeland.

## LIVROS

Pe. Dr. Huberto Rohden — "OS LIVROS SAGRADOS DO NOVO TESTAMENTO" — (Evangelhos — Actos dos Apostolos — Epistolas — Apocalypse) — Typ. "Vozes", de Petropolis.

Trata-se de uma versão baseada no texto grego mais antigo, confrontada com as variantes da vulgata e anotada. Em um volume de perto de 700 paginas, de pequeno formato, de facil manuseio, estão, além dos textos do Novo Testamento, introduções relativas a cada um dos livros e em que se condensa o essencial da vida do respectivo autor, da lingua em que escreveu e do fim visado por elle. No pé de cada pagina ha notas explicativas do texto, assim como á margem são indicados os principaes tópicos da Biblia que interessam ao assumpto. Contem ainda o volume uma lista de todas as Epistolas e Evangelhos dos varios domingos e principaes festas do anno e um indice remissivo, em ordem alphabetica, dos themes de maior importancia, que se encontram nos differentes livros do Novo Testamento.

Difficil, senão impossivel, reunir tanta materia util em tão reduzido volume. Particularmente apreciavel a circumstancia de ser a linguagem clara, simples, accessivel a todos, sem prejuizo da fidelidade ao pensamento do original.

Foi uma feliz celebração do Anno Santo (1933-1934) a publicação, em nosso idioma, nesta versão bem acabada e todavia popular, da mais preciosa de todas as obras.

J. S.

**Martins de Oliveira — "NA ACADEMIA MINEIRA" — (Discurso de recepção) — Bello Horizonte — Edições da Academia Mineira de Letras — 1935**

Gração proferida ao ser o Autor empossado na Cadeira n.º 23, "Joaquim Felício", de que era occupante Dom Joaquim Silverio de Souza, arcebispo de Diamantina. Elógio do eminente prelado, com elegancia academica, sentimentos christãos e entusiasmo patriótico.

J. S.

**Ildefonso Albano — "BRAZIL READER" — (An English Reader for Brazilian Students) — Ilustrações por J. Carlos e outros artistas — 1.ª edição — Livraria Francisco Alves — Rio.**

Excellent livro de textos para leitura, composto por um proveccto conhecedor do idioma inglez. Variado, interessante, alegre, sadio, contém o essencial da grammatica e muitos assumptos brasileiros, sendo curiosa a traducção em inglez do Hymno Nacional.

J. S.

**"MANANCIAS DO CALVARIO" — Fr. Dr. Huberto Klug, O. F. M. — Editora: "Vozes", de Petropolis, — 1935 — Preço: 4\$000.**

A editora "Vozes", além da excellente e sempre apreciada "Vozes de Petropolis", revista mensal de cultura catholica, tem enriquecido a bibliographia ascetica, publicando traducções de magnificos trabalhos europeus.

"Manancias do Calvario", de cuja traducção se encarregou o sr. A. E. Latgé, da O. T. de S. F., é um trabalho sobre o santo sacrificio da Missa que põe á mostra os ricos effeitos do maior acto da liturgia catholica.

Em seus doze capitulos, com abundante citação das escripturas e



dos mestres da liturgia, desenvolve o Autor estudor sempre oportunos sobre a significação das partes da Missa, elevando o espirito de quem o lê, ás altas regiões da mystica.

Nada melhor para dar idéa justa do trabalho do que transcrever seus capitulos:

I — Christo offereceu sobre a Cruz um sacrificio admiravel.

II — O sacrificio da Missa é a renovação do sacrificio da Cruz.

III — A Paschoa judaica é figura precursora do sacrificio da Missa.

IV — A Santa Missa é o sacrificio da Igreja, mas tambem é o vossa sacrificio.

V — Pelo sacrificio da Missa rendem-se a Deus homenagens condignas.

VI — Pelo sacrificio da Missa rendem-se a Deus dignas acções de graças.

VII — Pelo sacrificio da Missa move-se o coração de Deus á liberalidade.

VIII — Pelo santo sacrificio da Missa alcançamos o perdão e a amizade de Deus.

IX — Pelo santo sacrificio da Missa satisfazemos as penas devidas ao peccado.

X — O sacrificio da Missa é o mais doce refrigerio das bemditas almas do Purgatorio.

XI — Como se offerece o sacrificio da Missa em louvor dos Santos.

XII — Maria nos ensina a assistir dignamente ao santo sacrificio da Missa.

*(Pedidos á Editora "VOZES" — Caixa Postal, 23 — Petropolis).*

**"GRAMMATICA LATINA" — Adriano Pinto —  
Ed. Livraria Educadora — Sem preço marcado.**

O livro que o Autor denomina "Grammatica Latina", contém uma summula apertadissima dessa grammatica.

Destinada aos cursos gymnasial e vestibular e ás escolas de Direito, parece não satisfazer aos estudantes desses cursos que, presume-se, devem ter um conhecimento mais profundo do latim.

Como manual ligeiro, typo "aide-memoire", é aconselhavel e prestará serviços aos estudantes apressados de nossos dias. Numa época em que o latim é proscripto, como inutil, da formação dos espiritos, já é uma grande cousa uma grammatica como a do professor Adriano Pinto.

A encadernação descuidou-se de modo que o volume ficou de cabeça para baixo.

A pressa da actualidade justifica tudo, parece.

**"ESPIRITO NOVO" — Relatorio do academico  
Oscar Berbert Tavares á Directoria da Associação Uni-  
versitaria da Bahia.**

O titulo do opusculo dá uma idéa das elevadas intenções da mocidade que, na Bahia, fórma a Associação Universitaria.

Do relatorio vê-se o que de pratico conseguiram os moços bahianos, arregimentando, investigando, estudando.

Vale por um documento dos dias que os estudantes bahianos estão vivendo.

**"CINCOCENTENARIO DA ESTRADA DE FERRO  
DO PARANÁ" — Publicação da Rêde de Viação Paraná-  
Santa Catharina.**

Para commemorar o cincoentenário da inauguração da Estrada de Ferro do Paraná, foi editado esse rico volume, fartamente illustrado e mostrando em descripções e quadros estatísticos o desenvolvimento da grande empreza.

E' uma publicação util aos estudiosos dos assumptos economicos e sociaes, pois traz estudos sobre os productos do Sul e sua exploração incentivada pelo transporte que essa estrada possibilita.

A "ORDEM" agradece o exemplar e felicita a empreza.